



UNILASALLE
CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE



MARCIA BARCELOS

**SOLENIDADES DE COLAÇÃO DE GRAU NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL (1992 – 2012): MEMÓRIA, RITUAL E CELEBRAÇÃO**

CANOAS

2016

MARCIA BARCELOS

**SOLENIDADES DE COLAÇÃO DE GRAU NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL (1992 – 2012): MEMÓRIA, RITUAL E CELEBRAÇÃO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle – Unilasalle, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

Orientadora: Profa. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin
Coorientador: Prof. Dr. Renato Ferreira Machado

CANOAS

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B242s Barcelos, Márcia.

Solenidades de colação de grau na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992-2012) [manuscrito] : memória, ritual e celebração / Márcia Barcelos – 2016.

151 f.; 30 cm.

Dissertação (mestrado em Memória Social e Bens Culturais) – Centro Universitário La Salle, Canoas, 2016.

“Orientação: Prof^a. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin”.

“Co-Orientação: Prof. Dr. Renato Ferreira Machado”.

1. Memória. 2. História oral. 3. Rito de passagem. 4. Cerimonial. 5. Solenidade. 6. UFRGS. I. Graebin, Cleusa Maria Gomes. II. Machado, Renato Ferreira. III. Título.

CDU: 930.25

MARCIA BARCELOS

**SOLENIDADES DE COLAÇÃO DE GRAU NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL (1992 – 2012): MEMÓRIA, RITUAL E CELEBRAÇÃO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle – Unilasalle, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

Aprovado pela Banca Examinadora em 05 de julho de 2016.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin - UNILASALLE

Prof. Dr. Renato Ferreira Machado - UNILASALLE

Prof. Dr. Lucas Graeff - UNILASALLE

Profa. Dra. Ana Maria Sosa González - UFPEL

CANOAS

2016

AGRADECIMENTOS

São nos momentos mais difíceis e delicados que aprendemos a valorizar pequenos gestos. E foi assim que, neste período de dois anos e meio, tive a oportunidade de conhecer pessoas que contribuíram direta ou indiretamente com esta Dissertação. E, com certeza, os laços com os amigos de longa data se renovaram de alguma forma, apesar do silêncio em alguns momentos, compreendendo a necessidade que o pesquisador tem de se refugiar em livros, dados, entrevistas, enfim, em fazer, muitas vezes, das páginas e da tela do computador seus companheiros. Estes “pequenos” gestos, de amigos que se localizam desde Porto Alegre até Fortaleza, foram palavras, dicas, sorrisos, indicações, novas formas de apresentação, enfim, uma gama de conhecimentos e aprendizados, de carinho e entendimento, que cooperaram em minha caminhada até a finalização desta Dissertação.

Inicio agradecendo a todos os depoentes que disponibilizaram seu tempo para discorrer sobre suas lembranças e memórias a respeito de um dos momentos mais significativos da vida universitária (e das suas também): a solenidade de colação de grau. Nunca será demais dizer “muito obrigada” por seus depoimentos que contribuíram de forma significativa na construção deste trabalho. As pessoas são o maior patrimônio de uma instituição, pois são elas que constroem a sua história e a sua memória. Um agradecimento especial ao reitor Carlos Alexandre Netto e ao vice-reitor Rui Vicente Oppermann, que desde o momento que souberam da minha opção em realizar o Mestrado e o tema escolhido, apoiaram e incentivaram, permitindo a flexibilidade do “ir e vir” no ambiente profissional. Portanto, meu agradecimento à Universidade Federal do Rio Grande do Sul por oportunizar esta experiência e ter sido um campo fértil para a pesquisa.

Aos novos amigos de sala de aula que tornaram as noites iniciais deste Mestrado mais leves e aos amigos de algumas décadas que apontaram caminhos, que silenciaram para que fosse possível escrever, que entenderam os momentos de separação.

Ao coorientador, professor Renato Machado, que abarcou nesta Dissertação e me fez perceber as várias possibilidades de reflexão e de caminhos, e sugeriu a continuidade da pesquisa por mais alguns anos.

À minha querida orientadora, professora Cleusa Graebin que, com sua tranquilidade e leveza, entendeu meus diversos momentos de exaustiva atividade profissional, mas sempre me trouxe à luz na direção desta Dissertação. Meu mais profundo agradecimento por ter acreditado que chegaria ao fim, por ter me dado o norte desta pesquisa, por suas intervenções

firmes e carinhosas nas “encruzilhadas” desta pesquisa. Com certeza, Deus nos uniu num propósito certo.

À minha família querida, que reclamou minha ausência, mas que vibrou com mais esta etapa vencida. Aos meus genros queridos, Eduardo e Renan; à minha mãe Idalina, que em vários momentos “conversava junto com os autores”; ao meu neto amado, Eram, que na sua inocência me incentivou várias vezes, e às minhas filhas, Camila e Patrícia, por me ensinarem diariamente a conjugar o verbo amar, independente da distância e do tempo, e me fazer entender um pouco, através da nossa relação, da imensidão do amor de Deus por seus filhos.

E, “por uma questão de precedência”, finalizo agradecendo a Deus, a maior autoridade, o início e o fim, a quem entreguei a minha vida. A minha eterna gratidão pelo seu amor incondicional a mim e a minha família. Pela sua eterna misericórdia e por todo o ensinamento contido em sua Palavra, alimento diário que me renova, me ensina e me molda. Por apontar os caminhos, por tudo o que Ele transformou, transforma e transformará em minha vida, a Ele o meu temor e mais sincero amor.

RESUMO

O presente estudo tem como tema as solenidades de colação de grau na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) no período de 1992 a 2012 e, como foco as memórias das colações de grau dos cursos de Comunicação Social, Enfermagem e Engenharia, registradas através de depoimentos de graduados nos respectivos cursos e de membros da comunidade universitária que participaram da gestão acadêmica no recorte indicado desta investigação. Buscou-se investigar a trajetória do cerimonial, seus aspectos simbólicos e ritualísticos, inseridos aos contextos históricos, sociais e acadêmico-institucionais do referido período, bem como o papel dos agentes internos e externos nas prováveis mudanças ocorridas nas solenidades. O trabalho se insere na linha de pesquisa Memória, Cultura e Identidade e nos campos de estudos em memória social, trabalhando com conceitos de rito e cerimonial. O estudo, de natureza qualitativa, adotou a metodologia da história oral. O resultado da investigação foi apresentado em cinco capítulos, sendo os dois primeiros de caráter introdutório ao tema e de apresentação do cenário universitário no qual se procede à pesquisa e os três últimos capítulos apresentaram o contexto acadêmico e o cenário do cerimonial universitário e das colações de grau. Na conclusão, fez-se reflexão sobre o percurso do cerimonial das colações de grau, a cultura acadêmica e os testemunhos dos colaboradores. Para atingir as demandas de um mestrado profissional foi produzido um *e-book* com a memória das solenidades de colações de grau da UFRGS no período de 1992 a 2012.

Palavras-chave: Solenidades de colação de grau; universidade; memória; história oral; ritos de passagem; cerimonial.

ABSTRACT

This work aims at analyzing the graduation ceremonies that took place from 1992 to 2012 at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS) and we focus on the memories about the ceremonies in Social Communication, Nursing and Engineering experienced by students who have graduated and by academic staff who worked at the University within that period of time. We have investigated the history of ceremonial and its symbolic and ritualistic aspects according to different social, historical and institution-related events within that time, as well as the role of internal and external motivations for possible changes in the graduation ceremonies' rites. This work is part of the research line Memory, Culture and Identity and relates to the field of social memory, dealing with the concepts of rite and ceremonial. The study, which has a qualitative approach, uses the methodology of oral history. The results of the investigation have been presented in five chapters, the first two introducing the subject and presenting the academic context and the setting for university ceremonial and graduation ceremonies. In our conclusion, we present a reflection on the pathways of ceremonial for graduation ceremonies, academic culture and the testimony of the contributors. In order to meet the requirements of a professional master's course, we have written an e-book with the memories about the graduation ceremonies that took place from 1992 to 2012 at UFRGS.

Keywords: Graduation ceremonies; university; memory; oral history; rites of passage; ceremonial.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Esquema da relação dos entrevistados com as solenidades.....	38
Ilustração 2 – Quadro de concludentes da Engenharia com a referência “Universidade de Porto Alegre”	21
Figura 3 – Imagem da Lâmpada – símbolo da Enfermagem	24
Figura 4 – Colação de grau de turma da Engenharia Elétrica no Salão de Atos da UFRGS (1971).....	63
Figura 5 – Colação de grau de Enfermagem 2009/1 – Ritual de Passagem da Lâmpada.....	79
Figura 6 – Disposição dos elementos e símbolos na colação de grau.	95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dados de fundação das unidades universitárias estudadas.....	15
Quadro 2 – Relação de depoentes	36
Quadro 3 – Tópicos balizadores a partir dos temas recorrentes extraídos das entrevistas	39
Quadro 4 – Elementos da análise interpretativa para relatos orais	40
Quadro 5 – Cronologia da criação das universidades no mundo	49
Quadro 6 – Fatos significativos no período de 1992 – 2012	53
Quadro 7 – Linha do Tempo Colações de Grau na UFRGS: 1992 – 2012.....	77

LISTA DE SIGLAS

ARII – Assessoria de Relações Internacionais

CAFF – Coordenadoria de Ações Afirmativas

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEPE – Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão

COMGRAD – Comissão de Graduação

CONSUN – Conselho Universitário

DECORDI – Departamento de Consultoria em Registros Discentes

EEnf – Escola de Enfermagem

EEng – Escola de Engenharia

FABICO – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Filô – alcunha de Faculdade de Filosofia

FORCIES – Associação Nacional dos Organizadores de Cerimônias Universitárias e Acadêmicas das Instituições de Ensino Superior Brasileiras

GTs – Grupos de Trabalho

IFES – Instituições Federais de Ensino

PROGRAD – Pró-Reitoria de Graduação

PROEXT – Pró-Reitoria de Extensão

REUNI – Programa de Apoio à Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNILASALLE – Centro Universitário La Salle

SUMÁRIO

1 “DOU POR ABERTA A SESSÃO SOLENE DE COLAÇÃO DE GRAU”: O HISTÓRICO DA UFRGS E A GÊNESE DA INVESTIGAÇÃO	13
1.1 PROBLEMA	17
1.2 OBJETIVOS	17
1.2.1 Objetivo Geral	18
1.2.2 Objetivos Específicos	18
1.3 JUSTIFICATIVA.....	18
1.3.1 Relevância Acadêmica	25
1.3.2 Relevância Social	26
1.4 MARCOS TEÓRICOS	26
1.5 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO.....	27
2 PRECURSORIA: A (RE) CONSTRUÇÃO DO CAMINHO PERCORRIDO	29
3 “A VÓS CONFIRO O GRAU”: ESTUDOS SOBRE CERIMÔNIAS DE COLAÇÃO DE GRAU	42
4 SEJAM BEM-VINDOS À UFRGS: DESVELANDO O CONTEXTO DAS COLAÇÕES DE GRAU	48
4.1 A UFRGS.....	51
4.1.1 A Escola Centenária	21
4.1.2 A luz na escuridão	22
4.1.3 Saindo da antiga Filô: a FABICO	24
4.2 BECA, CAPELO E DISCURSO, TUDO PRONTO PARA A COLAÇÃO DE GRAU: O CERIMONIAL UNIVERSITÁRIO.....	56
4.2.1 Origem do cerimonial universitário no Brasil	58
4.2.2. Cerimonial universitário na UFRGS	59
4.2.3 De 1904 a 1991: como éramos?	61
4.2.4 De 1992 a 2012: um novo panorama	67
4.3 A COLAÇÃO DE GRAU DOS CURSOS DE ENGENHARIA, ENFERMAGEM E COMUNICAÇÃO.....	77
5 OLHA SÓ! VALEU A PENA! É UM MARCO NA MINHA VIDA! – COLAÇÃO DE GRAU, RITUAL E MEMÓRIAS	81

5.1 A RITUALÍSTICA DAS COLAÇÕES DE GRAU	86
5.2 A EXPRESSÃO SIMBÓLICA DAS COLAÇÕES DE GRAU	89
5.3 OS ELEMENTOS COMEMORATIVOS DAS COLAÇÕES DE GRAU	92
5.4 ESPAÇO DA CELEBRAÇÃO: OS ELEMENTOS E OS SENTIMENTOS	94
JOGANDO O CAPELO	99
REFERÊNCIAS	104
ANEXOS	111
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO	112
ANEXO B – DECISÃO Nº 405/2011	114
ANEXO C – ROTEIRO PARA SOLENIDADE DE COLAÇÃO DE GRAU COM A PRESENÇA DO REITOR/VICE-REITOR.....	120
APÊNDICES	124
APÊNDICE A – ROTEIRO GERAL PARA ENTREVISTA.....	125
APÊNDICE B – E-BOOK (Proposta)	132

1 “DOU POR ABERTA A SESSÃO SOLENE DE COLAÇÃO DE GRAU”: O HISTÓRICO DA UFRGS E A GÊNESE DA INVESTIGAÇÃO

Este trabalho teve como tema as solenidades de colação de grau na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e como objeto de investigação os atos acadêmicos de conferência de grau de diplomados dos cursos de Engenharia, Enfermagem e Comunicação Social durante o período compreendido entre 1992 e 2012.

A UFRGS é uma comunidade com mais de 40.000 pessoas entre professores, alunos e técnicos administrativos, e sua finalidade principal é a “[...] educação superior e a produção de conhecimento filosófico, científico, artístico e tecnológico, integradas no ensino, na pesquisa e na extensão” (UFRGS, 2011, p. 4). Como uma das grandes universidades federais, sempre ocupou lugar de destaque nos *rankings* nacionais, conforme avaliação do Ministério da Educação – MEC.¹

A história da UFRGS começa no final do século XIX, com os cursos de Farmácia e Química e a Escola de Engenharia, que assinalou o início do ensino superior no Rio Grande do Sul. Naquele mesmo século, foram fundadas as Faculdades de Medicina e Direito. Em 1934², no início do século XX, foi criada a Universidade de Porto Alegre integrada pela Escola de Engenharia, Faculdade de Medicina, as Escolas de Odontologia e a de Farmácia; Faculdade de Direito; Faculdade de Agronomia e Veterinária; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e pelo Instituto de Belas Artes. Em 1947, passou a ser denominada Universidade do Rio Grande do Sul – URGS - e após três anos, em 1950, foi federalizada, integrando-se à esfera administrativa da União, tendo o nome alterado para Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O ensino superior sofreu uma grande reforma universitária, já no final do século XX, e a UFRGS foi reorganizada, tendo sido criados institutos e faculdades, permanecendo esta estrutura até os dias de hoje.

A UFRGS continuou em 1992 seu desenvolvimento no ensino, pesquisa e extensão, conquistando espaços no cenário regional e nacional. Em 1996, houve uma grande mudança institucional e começaram as primeiras inserções internacionais; nesse ano, a UFRGS elegeu a

¹ Desde a federalização da UFRGS em 1950, a Universidade passou a ocupar posição de destaque no cenário nacional, entre as universidades federais. Nos anos de 2011, 2012 e 2013, ocupou o primeiro lugar no *ranking* nacional e já se destaca em vários *rankings* internacionais. Disponível em: <www.ufrgs.br/secom> (referente aos anos de 2011 e 2012) e <<http://exame.abril.com.br/carreira/noticias/as-melhores-universidades-do-brasil-segundo-o-mec>> (referente ao ano de 2013). Acessos em 25 set. 2014 e 10 abr. 2015, respectivamente.

² Este é o ano considerado para fins de criação da UFRGS.

primeira mulher para o cargo de reitora³. Avanços tecnológicos, discussões sobre ensino superior, expansão universitária, artes, difusão cultural, ações afirmativas, museus, enfim, projetos que se consolidaram e contribuem para que a Universidade permaneça na vanguarda do ensino universitário no país.

Paralelamente a todo este avanço acadêmico-científico-cultural, vários cursos foram sendo criados e transformados nas mais diferentes áreas com a recorrente formação de milhares de profissionais. Dessa forma, a UFRGS, com a autonomia didático-científica, cumpre um dos seus objetivos principais: a outorga de graus (UFRGS, 2011, p. 3.), a fim de atingir a consecução de seus fins, dentre os quais se destaca “[...] a formação de pessoas capacitadas nas mais diferentes áreas do ensino” (UFRGS, 2011, p. 4.).

São milhares de profissionais que, entre as várias experiências vividas no espaço acadêmico, passam por aquela considerada como única e emblemática na vida de qualquer estudante: a colação de grau. Esta cerimônia faz parte das expectativas de cada estudante. É o tempo de celebração, de encerramento e passagem para uma nova condição: a de ser graduado. Este ato acadêmico integra o cerimonial universitário que, com protocolo específico, regula esse momento.

Na UFRGS, os primeiros registros de colações de grau são de 1899 com quatro graduandos da Engenharia, nos cursos de Engenheiro Agrimensor e Engenheiro de Estradas,⁴ e de 1904 relativos aos concludentes dos cursos de Medicina e de Direito.

Neste estudo, realizou-se um recorte temporal do período de 1992 a 2012 com análise das solenidades nas seguintes unidades universitárias: Escola de Engenharia, Escola de Enfermagem e Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. (ver quadro 01)

UNIDADE UNIVERSITÁRIA	FUNDAÇÃO	OBSERVAÇÕES
Escola de Engenharia	Século: XIX Ano: 1897 Portaria: Ata de inauguração, de 01.01.1897 Reitor ⁵	- Desde sua criação é considerada como Escola de destaque nacional, centro gerador de recursos humanos de excelência e de produção de conhecimentos avançados.
Escola de Enfermagem	Século: XX Ano: 1950	- A mais antiga Escola de Enfermagem da Região Sul do

³ Wrana Maria Panizzi é arquiteta urbanista e foi reitora em duas gestões consecutivas: de 1996 a 2000 e de 2000 a 2004. Foi a primeira mulher a ser eleita para o cargo de reitora.

⁴ Dados obtidos no livro “Escola de Engenharia – UFRGS – Um século” (HANSSEN, 1996 - Apêndice p.3).

⁵ Até 1934, inexistia o cargo de reitor por não se constituir em uma universidade. O intendente de Porto Alegre na época, eng. José Montauray de Aguiar Leitão, foi quem presidiu a sessão de inauguração da EEng. Cabe ressaltar que Porto Alegre não tinha prefeitura, sendo governada por um intendente (HANSSEN, 1996).

	Portaria: Lei 1.254, de 04.04.1950. Reitor: Alexandre Martins da Rosa	Brasil. - Edita e publica a Revista Gaúcha de Enfermagem.
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação	Século: XX Ano: 1970 Portaria: 714, em 01.09.1970 Reitor: Eduardo Zaccaro Faraco	- Esta Unidade nasce com o curso de Jornalismo que já existia na antiga Faculdade de Filosofia.

Quadro 1 – Dados de fundação das unidades universitárias estudadas

Fonte: Autoria própria, com base em informações disponíveis em: <www.ufrgs.br/>. Acesso em: 12 fev. 2016.

Do ano de 1904 até aproximadamente 1958⁶, as solenidades na UFRGS eram realizadas no Salão Nobre da Faculdade de Direito ou no Salão Nobre do Instituto de Biociências (atual Instituto de Ciências Básicas da Saúde). A partir do ano em referência, as refeições de grau passaram a ser realizadas no Salão de Atos. Silva, ao apresentar o histórico detalhado da criação da UFRGS, referiu-se que “[...] com a indicação do médico e ex-prefeito de Porto Alegre, Elyseu Paglioli⁷, para reitor, a Universidade avançou para a expansão universitária” (1992, p. 132). É na gestão deste reitor que as obras do “auditório da Reitoria” (mais tarde denominado de Salão de Atos) são iniciadas em 1954 e concluídas em 1957, com capacidade para mais de 2.000 pessoas, e Silva salienta que “[...] nunca a sociedade em geral participou tanto da vida universitária como ocorreu após a construção da Reitoria e de seus centros de vida social e cultural” (1992, p. 171).

Assim, a Universidade inaugurou um local que abrigaria os grandes eventos científico-culturais e acadêmicos (aí inclusas as refeições de grau) e se tornaria um referencial na cidade de Porto Alegre enquanto espaço para a apresentação de grandes espetáculos e shows. As solenidades eram, então, organizadas, produzidas e executadas pela administração do Salão de Atos.

Uma breve pesquisa exploratória⁸ em termos documentais⁹ deu indícios de que não existiam informações ou registros a respeito do setor responsável pela organização das

⁶ Referência obtida a partir da placa mais antiga que, atualmente (2015), está afixada no Salão de Atos onde consta a data de junho de 1958 em homenagem à Orquestra Filarmônica de Nova Iorque por sua apresentação com o seguinte texto: “Aqui tocou a Orquestra Filarmônica de New York sob a regência de Dimitri Mitropoulos. Em, 3-6-1958”.

⁷ Médico formado pela UFRGS em 1923, renomado neurocirurgião, foi prefeito de Porto Alegre em 1951 e Ministro da Saúde em 1962. Como reitor, atuou por doze anos consecutivos, de 1952 a 1964 (SILVA, 1992).

⁸ Conforme Gil (2012, p. 27) “[...] de todos os tipos de pesquisa, estas [as pesquisas exploratórias] são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. [...] constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla”. O aprofundamento deste tipo de pesquisa se dará ao longo da construção da Dissertação no levantamento bibliográfico e documental.

⁹ Foram pesquisados: livro de atas de reunião de grau da Faculdade de Direito, página das unidades universitárias que identificam egressos, e entrevista com o atual Diretor do Salão de Atos/UFRGS.

primeiras solenidades e de onde foi baseado o cerimonial. Segundo Meirelles, o Brasil herdou o cerimonial universitário da Universidade de Coimbra (Portugal) e “[...] também toda a orientação em relação à heráldica, brazonário e medalhística, além de terminologia de láureas, pergaminhos e diplomas” (2002, p. 24). Portanto, deduziu-se que o modelo utilizado na UFRGS foi “importado” a partir das solenidades realizadas em outras universidades (nacionais ou estrangeiras). Também não foram encontrados registros com a descrição do cerimonial no período de 1904 a 2008. Os documentos existentes se referiam às atas das unidades universitárias com a informação do dia, local, horário, componentes da mesa e relação dos nomes dos concludentes (formato adotado até 2015).

As colações de grau seguem o cerimonial tradicional¹⁰ no qual o ponto culminante é quando o concludente é chamado diante da mais alta autoridade da mesa — o Reitor da instituição ou autoridade por ele delegada —, para que lhe seja conferido o grau através da sobreposição do capelo¹¹ e a entrega do canudo, simbolizando o diploma, consumando desta forma o ato de colação de grau. Após, acontecem os discursos dos oradores da turma, do paraninfo e do Reitor e o encerramento da solenidade com o tradicional “jogar o capelo para cima”.

A partir de 1992, a execução das colações de grau deixou de ser realizada pela Universidade e passou a ser feita por produtoras de eventos que acrescentaram diversos elementos às cerimônias. No decorrer do tempo, começou a se fazer presente no público (interno e externo), certo mal-estar com os rumos das solenidades, principalmente em relação ao tempo de duração do evento.¹²

Preocupada com a condução das solenidades de colação de grau, a gestão que assumiu o comando da Universidade em setembro de 2008 decidiu repensar as solenidades. Fruto de observação em várias solenidades ficou constatado o desgaste do evento, em (i) função do tempo excessivo da solenidade e (ii) do comprometimento do caráter solene. Após diversas

¹⁰ Velloso (2001) indica o roteiro básico de uma solenidade de colação de grau no seguinte formato: composição da mesa, entrada dos concludentes, execução do Hino Nacional; abertura da sessão solene pelo Presidente da mesa; juramento dos concludentes; outorga do grau; discursos: oradores da turma e paraninfo; homenagem aos pais; discurso do reitor e encerramento. Viana (1998) apresenta roteiro semelhante: composição da mesa; entrada dos concludentes; execução do Hino Nacional; discurso dos oradores; juramento dos concludentes; outorga do grau; discurso do paraninfo; homenagens; discurso do reitor; encerramento. Ambos os autores se inspiraram no cerimonial da Universidade de Coimbra, conforme aponta Vianna que “[...] as universidades brasileiras herdaram o cerimonial adotado” (1998, p. 41). Na UFRGS, o cerimonial adotado desde 2011 (Decisão CONSUN 405/2011) é o que segue: entrada dos componentes da mesa; entrada dos concludentes; execução do Hino Nacional; juramento dos concludentes; outorga do grau; discurso dos oradores da turma com a chamada para homenagem aos pais, discursos das autoridades acadêmicas: paraninfo, diretor da unidade e reitor; execução do Hino Rio-grandense; encerramento.

¹¹ Capelo significa um pequeno chapéu (GARBELOTTI, 2015, p. 3). Na UFRGS, é usado pelo concludente.

¹² Essa afirmação surgiu como fruto da observação de funcionários do Salão de Atos da UFRGS que trabalharam naquelas épocas e que ainda estão em atividade, os quais foram entrevistados informalmente.

discussões no Conselho Universitário (CONSUN)¹³, em 2011, a Universidade passou a retomar o comando das colações de grau¹⁴. Com esta reorganização, as cerimônias continuaram a ser realizadas por produtoras de evento, porém com a coordenação do cerimonial a cargo da Coordenadoria do Cerimonial do Gabinete do Reitor,¹⁵ em conjunto com a direção do Salão de Atos.

Neste cenário das colações de grau, tanto na UFRGS como em nível nacional, as solenidades também sofreram ajustes e alterações no seu formato e conseqüentemente na sua condução. Com a escassez de registros sobre este momento tão importante e significativo na vida universitária ficou evidente para a autora deste trabalho, a oportunidade em esboçar uma discussão sobre os elementos que compõem este ato acadêmico bem como os agentes que integram o evento. Cabe salientar que a pesquisadora atua na UFRGS desde 1979, e especificamente nesta Coordenadoria desde 2008, no cargo de Relações Públicas e na função de Coordenadora do Cerimonial. Sendo assim, as inquietações elencadas nesta investigação foram frutos da vivência diária da própria autora, bem como a implantação de mudanças e ajustes a serem realizados. Isto posto, levantaram-se as seguintes questões.

1.1 PROBLEMA

Quais foram, efetivamente, as mudanças ocorridas nas colações de grau da UFRGS a partir de 1992?

Quais as circunstâncias sócio-históricas e institucionais que favoreceram/favorecem essas mudanças? Em que medida essas circunstâncias afetaram e impulsionaram mudanças na expressão simbólica (qualidade das autoridades e do espaço), na ritualística e nos elementos comemorativos que se faziam presentes no período anterior?

Quais os principais agentes das mudanças e como interferiram/interferem no cerimonial das colações de grau, elemento este que integra as práticas educacionais universitárias e cultura acadêmica? Em que termos, internamente, a Universidade se colocou frente a este processo?

1.2 OBJETIVOS

¹³ O Conselho Universitário da UFRGS é o órgão máximo de função normativa, deliberativa e de planejamento da Universidade nos planos acadêmico, administrativo, financeiro, patrimonial e disciplinar.

¹⁴ Conforme Decisão 405/2011, de 19.08.2011, do CONSUN.

¹⁵ Conforme Portaria nº 5591, de 16.12.2008, para atender os eventos do Gabinete do Reitor.

Frente aos problemas indicados anteriormente, propôs-se os objetivos que seguem:

1.2.1 Objetivo Geral

Realizar investigação sobre a trajetória do cerimonial das solenidades de colação de grau dos cursos de Engenharia, Enfermagem e Comunicação Social da UFRGS durante o período compreendido entre 1992 e 2012.

1.2.2 Objetivos Específicos

Verificar em que se constituía o cerimonial de colação de grau na UFRGS no período anterior ao indicado para recorte temporal da pesquisa.

Descrever a organização do cerimonial de colação de grau dos cursos de Engenharia, Enfermagem e Comunicação Social.

Descrever o contexto histórico e social entre os anos 1992 e 2014, o qual serve de conjuntura para o objeto da pesquisa.

Analisar o cerimonial (expressão simbólica, ritualística e elementos comemorativos) das solenidades de colação de grau destes cursos durante período de tempo indicado.¹⁶

Analisar o papel de agentes internos e externos nas modificações do cerimonial das colações de grau da UFRGS.

Como produto final, resultante da pesquisa desenvolvida, elaborou-se um *e-book* sobre o cerimonial das colações de grau na UFRGS com perfil, memórias e histórico das solenidades de colação de grau no período indicado, de acordo com os requisitos de um mestrado profissional.

1.3 JUSTIFICATIVA

Nas universidades, o planejamento, administração, coordenação e controle dos ritos acadêmicos são pertinentes ao cerimonial universitário. De onde se depreendeu que o cerimonial universitário traz em seu bojo o caráter administrativo em virtude de trabalhar com as etapas citadas anteriormente.

¹⁶ A escolha desses cursos se justifica a partir da sua representatividade no todo da Universidade. Também, salienta-se a impossibilidade de trabalhar com todas as graduações, tendo em vista o prazo de dois anos para se cursar um mestrado.

Segundo Velloso, cerimonial trata-se

[...] do conjunto de normas estabelecidas com a finalidade de ordenar, corretamente, o desenvolvimento de qualquer ato solene ou comemoração pública que necessite de formalização, ou seja: inclui procedimentos como disciplina, hierarquia, ordem, elegância, respeito, bom-senso, bom-gosto e simplicidade, que os profissionais de cerimonial seguem durante a organização e a realização de atos públicos (2001, p. 32).

Foi neste contexto de regras, normas, símbolos acadêmicos, ritos e rituais que se localizaram as solenidades de colação de grau que são uma das mais importantes solenidades realizadas nas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES).

Apesar da pouca literatura sobre o tema proposto, a bibliografia existente, resultado de pesquisas acadêmicas¹⁷, apontou para um questionamento referente à valorização do ato de colação de grau e seu significado para os públicos envolvidos, e a dimensão deste ato para a sociedade. A partir do levantamento realizado no Banco de Teses e Dissertações da Capes¹⁸, bem como no Google Acadêmico, constatou-se que a produção acadêmica sobre o tema é incipiente, bem como a bibliografia a respeito de cerimonial universitário.

Além dessas pesquisas, há sete anos foi criada a Associação Nacional dos Organizadores de Cerimônias Universitárias e Acadêmicas das Instituições de Ensino Superior Brasileiras (FORCIES)¹⁹, que tem como objetivo representar, discutir e disciplinar as formas, rotinas e tratamentos dados nas cerimônias e eventos universitários. São encontros anuais de discussão sobre o cerimonial dos eventos universitários e compartilhamento de modos de fazer para que haja uma unificação básica nos cerimoniais, respeitando a regionalidade e as características das universidades. Os encontros iniciais já davam indícios do acerto da iniciativa em discutir e harmonizar o cerimonial universitário brasileiro. A partir de 2014, foram criados grupos de trabalho (GT) para o aprofundamento de temas ligados a

¹⁷ Foram encontrados no Google Acadêmico 2.640 títulos na busca do termo “solenidades de colação de grau”. Alguns títulos traduzem um olhar sobre a discussão no espaço de realização das solenidades de colação de grau conforme artigos de: Avelar (2007 e 2012), Rios (2009); os demais títulos são relatos de solenidades ou informações sobre produtoras de eventos. Com referência ao cerimonial universitário, Viana (1998), Meirelles (2002) e Azzolin (2010) estudam o assunto em profundidade.

¹⁸ Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/>>. Acesso em: 10 out. 2015.

¹⁹ A troca de experiências e as discussões sobre roteiros das cerimônias universitárias, através da aplicação de normas protocolares, motivaram os organizadores de cerimônias e eventos das Instituições de Ensino Superior a realizar o Encontro Nacional de Organizadores de Formaturas e Eventos das Instituições Federais de Ensino Superior, promovido e organizado pela Universidade Federal de Santa Catarina, em novembro de 2007, onde foi criado o Fórum dos Organizadores de Cerimônias Universitárias e Acadêmicas das Instituições de Ensino Superior Brasileiras – FORCIES. Durante o V Encontro Nacional, realizado em 2011, Curitiba-PR, o Fórum se transformou em Associação Nacional dos Organizadores de Cerimônias Universitárias das Instituições de Ensino Superior Brasileiras – FORCIES, com aprovação por todas as instituições. (FORCIES 2015). Disponível em: <<http://www.forcies.com.br/historia.html>> – Acesso em: 05 set. 2014.

esta área e um deles se dedicará especificamente às solenidades de colação de grau²⁰.

Em novembro de 2008, foi criada a Coordenadoria do Cerimonial do Gabinete do Reitor da UFRGS que, de imediato, envolveu-se no cerimonial e protocolo das solenidades de colação de grau com a incumbência de avaliar o processo dessas solenidades (em dezembro inicia o calendário das solenidades do segundo semestre do ano em curso)²¹. Já era perceptível um descontentamento geral dos públicos envolvidos, em relação ao tempo e ao formato das solenidades.

Com a presença da coordenadoria do cerimonial nas solenidades e, como fruto da observação no local do evento, portanto próxima aos diversos públicos envolvidos, ficou evidenciado o desgaste que o ato vinha sofrendo. Foram propostas algumas medidas imediatas para a reorganização da solenidade, tais como, (i) delimitação de tempo para os discursos dos integrantes da mesa (paraninfo, diretor de unidade e reitor) e (ii) supressão da fala individual dos concludentes²². Apesar destas iniciativas, ficou evidenciado que o cenário das solenidades necessitava de um (re) planejamento para que fosse recuperado o significado acadêmico com a devida organização do espaço e dos atores envolvidos. O ritual havia se descaracterizado, ao longo dos anos, e a Universidade em seu processo de desenvolvimento agregava mais cursos. As produtoras, com o objetivo de inovar, ofereciam novos elementos cênicos aos concludentes na realização da cerimônia e esta, aos poucos, estava se desviando para um caráter mais festivo, em detrimento de um ato solene e de celebração.

Nesta pesquisa, optou-se por analisar a Escola de Engenharia, a Escola de Enfermagem e a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. A razão para a escolha destas unidades se deu em virtude da primeira ser uma unidade centenária e uma das Escolas que deu início à criação do ensino superior no Estado e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a segunda unidade foi escolhida por ter um rito adicional na solenidade, e a terceira por ser uma das unidades que procuravam inovar no ritual de suas cerimônias.

²⁰ O grupo é composto, em sua grande maioria, por profissionais da área de relações públicas e de cerimonialistas. Há um descontentamento com o rumo que as solenidades vêm tomando.

²¹ Na UFRGS, as solenidades de colação de grau se realizam de julho a setembro (referente às cerimônias do primeiro semestre) e de dezembro a março do ano subsequente (referente às solenidades do segundo semestre), conforme calendário aprovado pelo CEPE/UFRGS (Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão/UFRGS) que delibera sobre as normativas de ensino, pesquisa e extensão, entre elas a aprovação do calendário acadêmico onde se incluem os meses previstos para a realização das solenidades de colação de grau (UNIVERSIDADE, 1997, artigo 4, item 13).

²² Segundo entrevistas informais com a equipe de servidores do Salão de Atos, não era possível estimar o tempo de duração de cada cerimônia visto não existir orientação para os discursos dos integrantes da mesa. E, além do discurso dos oradores da turma, cada concludente se dirigia à tribuna para registrar seus agradecimentos. Desta forma, a solenidade, conforme o número de concludentes, tinha duração de três a seis horas.

4.1.1 A Escola Centenária

A Escola de Engenharia nasce em 10 de agosto de 1896, com o nome de Escola de Engenharia de Porto Alegre (SILVA, 1992) e foi considerada “[...] uma das mais importantes instituições de ensino técnico da história pedagógica do país” (1992, p. 29). Foi reconhecida como Universidade Técnica do Rio Grande do Sul em 1931 e, em 1934, com a criação da Universidade de Porto Alegre, foi incorporada à Universidade juntamente com os cursos de Medicina e Direito. Em seus primórdios, a EEng surgiu da iniciativa particular de um grupo de ex-professores da Escola Militar de Porto Alegre que entendiam que

[...] o Estado não é órgão para prover a educação. Quando muito, poderá incumbir-se de ministrar o ensino primário, leigo e gratuito. Os ensinos secundário e superior são de responsabilidade comunitária e confessional... Nesse particular cabe apenas ao Governo secular, prudentemente, a iniciativa privada (SILVA, 1992, p. 30).



Ilustração 2 – Quadro de concludentes da Engenharia com a referência “Universidade de Porto Alegre”
Graduados do Curso de Engenharia – 1936 - Fotógrafo: Gustavo Diehl (UFRGS/SECOM)

Devido a este entendimento, o aporte financeiro oriundo das taxas de arrecadação de todos os impostos (2%, e depois 4%) permitiu que a EEng adquirisse um vultuoso patrimônio, incorporado mais tarde à UFRGS. Por mais de trinta anos, a EEng manteve-se como instituição privada. Conforme registros de Hassen, “[...] a Baronesa de Candiota foi a primeira doadora particular” (1996, p. 15), e muitas outras doações foram realizadas tanto de pessoa física quanto de pessoa jurídica. Mesmo com um perfil privado, a Escola de Engenharia,

segundo Hanssen, “[...] foi considerada desde seu início como de propriedade pública, de tal modo serviu à comunidade rio-grandense” (1996, p. 15). A Escola tem sua sede atual no chamado “prédio da Engenharia Nova” construído há mais de 11 anos, isto para diferenciar do prédio construído quando de seu surgimento. Ressalta-se que, em 02 de dezembro de 2015, foi reinaugurado o prédio da Escola de Engenharia – Escola Centenária, com recursos da Lei de Incentivo Fiscal, do Ministério da Cultura, e a participação de empresas privadas que contribuíram na restauração do prédio e seu tombamento.²³

A EEng sempre teve destaque no cenário nacional, quando, em 1920, surgiu a universidade brasileira, a EEng já atuava há “[...] um quarto de século de serviços ao ensino técnico em todos os níveis, nas áreas mais convenientes ao nosso desenvolvimento e sobretudo notável pela sua orientação social, dedicada à pesquisa científica, à extensão comunitária e ao aprendizado profissional” (SILVA, 1992, p. 32).

Desde sua criação, e até os dias de hoje, conforme apresentação em sua página institucional, a EEng está embasada em valores como liderança, interações qualificadas com a sociedade, equilíbrio ente ensino, pesquisa e extensão, crescimento e colaboração, sustentabilidade e responsabilidade, contribuição para o desenvolvimento nacional, e busca ser uma unidade dinâmica a fim de tornar-se um centro de referência de expressão internacional. Suas ações têm como norte

[...] acompanhar as mudanças no setor tecnológico, com o intuito de mapear as demandas de ensino e entender como melhor exercer seu papel de polo acadêmico-científico junto à sociedade, contribuindo com a geração e disseminação de conhecimentos que valorizem a sustentabilidade, inovação e responsabilidade social (UFRGS, 2016).

4.1.2 A luz na escuridão²⁴

A Escola de Enfermagem, pioneira no estado, existe desde 04 de abril de 1950. Suas atividades, naquele ano, iniciaram como uma escola anexa à Faculdade de Medicina²⁵ da

²³ A Portaria nº 479, de 15 de outubro de 2013, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Ministério da Cultura, delimitou os dois quarteirões do Campus Centro (da UFRGS) como área de entorno de bens tombados, recebendo proteção nos termos do art.18 do Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937.

²⁴ Termo retirado da entrevista de Eva Neri Pedro, em setembro/2015, ao destacar que a lâmpada simboliza para a Enfermagem “A luz na escuridão do sofrimento”.

²⁵ A Faculdade de Medicina foi fundada em 25 de julho de 1898, tendo como origem o Curso de Partos da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. A Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul foi a terceira escola médica do país e a primeira criada no período republicano. Sua fundação ocorreu a partir de Protásio Alves, Cristiano Fischer, entre outros. Desde sua fundação, tem contribuído decisivamente para o desenvolvimento social e humano, sendo dela originários diversos nomes ilustres da Medicina e da cultura brasileira. Disponível em: <<http://www.famed.ufrgs.br>>. Acesso em: 04 fev. 2016.

UFRGS até o ano de 1968. A iniciativa da criação da Escola foi sugerida pelo Dr. Luiz Francisco Guerra Blessmann²⁶, que solicitou ao Serviço Especial de Saúde Pública a indicação de enfermeiras. Foram sugeridos os nomes das professoras Maria de Lourdes Verderese e Olga Verderese (as irmãs Verderese, como eram carinhosamente conhecidas) para fundarem uma Escola de Enfermagem de Nível Superior no Rio Grande do Sul. Em 1968, a EEnf se tornou autônoma e passou por inúmeras mudanças físicas e estruturais, vindo a conquistar sua sede própria em 1985. Para funcionamento do Curso, foi montado um internato na rua Florêncio Ygartua, 164, na capital gaúcha, que abrigava as professoras e alunas. Em sua entrevista, Sonia Maria Agostini (24/09/2015), diretora da EEnf na gestão de 1989-1992, fez alusão a este internato como sendo um formato americano que foi adotado para receber as alunas, independente de suas famílias residirem na Capital ou no interior, como a entrevistada alega “elas se recolhiam para fazer o curso”. O internato, subsidiado pela Universidade, esclarece Agostini, “[...] era um modelo todo de formação, a aluna era vista quase como uma religiosa. Mas como as religiosas não tinham horário para nada a não ser exercer o estudo então este modelo também teve influência na formação” (24/09/2015). Além disso, conforme Agostini, o espaço oferecia tanto a residência quanto “[...] ônibus e camionetes disponíveis para deslocar as estudantes, que eram praticamente noventa por cento mulheres, dos locais de estágio para a residência” (24/09/2015), salientando que nos moldes atuais seria considerada uma casa de estudantes. E neste internato também residiam algumas professoras.

Todo o ensino da Enfermagem é baseado no modelo Florence Nightingale²⁷, que conforme Agostini

[...] era uma inglesa, de família abastada, que naquela época foi vista como uma coisa muito discrepante familiar alguém cuidar de pessoas machucadas ou feridas... ela fez este trabalho humanitário e, além disto, criou as normas que existem até hoje,

²⁶ Ex-aluno da Faculdade de Medicina da UFRGS, diplomado em 1911. Teve participação ativa na vida universitária e na área da Medicina. Atuou como diretor da respectiva Faculdade no período de 1935 a 1938.

²⁷ Florence Nightingale foi uma pioneira na área da enfermagem. Aprimorou o atendimento a soldados doentes e feridos e tornou a Enfermagem uma carreira respeitável para as mulheres. Nasceu em 1820, em Florença, na Itália, e cresceu na Grã-Bretanha. Seus pais eram ricos e, por isso, tinha uma vida confortável. Em 1850, Florence começou a estudar Enfermagem. Naquela época, essa não era uma profissão muito respeitada. Mas, mesmo assim, sentia que tinha vocação para ser enfermeira. Em 1854, quando começou a Guerra da Crimeia, entre os russos e uma aliança formando por turcos, franceses e ingleses, Florence viajou para a Turquia a fim de cuidar dos soldados ingleses feridos. O hospital militar da Turquia estava em péssimas condições: tinha poucos suprimentos hospitalares e, além disso, era sujo e infestado de ratos e pulgas. Florence assumiu o controle da situação e logo estava dirigindo o hospital. Muitas vezes, passava noites em claro cumprindo suas funções de enfermeira. Por isso, os soldados chamavam-na de “Dama do Lampião”. Depois da guerra, os ingleses passaram a considerá-la uma heroína. Florence morreu em agosto de 1910, em Londres. Disponível em: <<http://escola.britannica.com.br/article/482051/Florence-Nightingale>>. Acesso em: 05 mar. 2016.

como, lavar as mãos, abrir as janelas, coisas mínimas e outras mais sofisticadas para aquela época que foram evoluindo através dos tempos (24/09/2015).

Esta enfermeira, conforme Agostini, “na guerra da Crimeia, como não existia energia elétrica, para ela enxergar os soldados feridos ela usava uma lâmpada, tipo um candeeiro, era a iluminação do atendimento, ou seja, alguém com aquela lâmpada no escuro chegava para prestar assistência” (24/09/2015). Por esta razão, a lâmpada é o símbolo da Enfermagem, a “lâmpada é o nosso símbolo maior”, significando a “luz na escuridão do sofrimento” (24/09/2015).



Figura 3 – Imagem da Lâmpada – símbolo da Enfermagem²⁸

Fonte: Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/eenf/>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

Num cenário político efervescente, o curso de Enfermagem se instalou na Universidade, com o pioneirismo feminino, e até hoje é destaque nos cenários regional e nacional. A EEnf possui, também, desde 1976, a Revista Gaúcha de Enfermagem, editada e publicada pela própria Escola, com periodicidade trimestral e voltada para a divulgação da produção científica sobre Enfermagem e áreas relacionadas.

4.1.3 Saindo da antiga Filô: a FABICO

Encontrar registros sobre a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – FABICO foi uma tarefa árdua, pois não há documentos e apontamentos que indiquem a história desta unidade. Conforme Silva²⁹ (10/09/2015), em texto não publicado, intitulado “FABICO: um

²⁸ Este símbolo é guardado na sala da Direção da Escola de Enfermagem da UFRGS.

²⁹ Ricardo Schneiders da Silva ingressou no curso de Jornalismo em 1970 na UFRGS. Foi diretor da FABICO nas gestões de 1996 a 2000 e de 2008 a 2012. E atuou como vice-diretor de 2000 a 2008, em duas gestões consecutivas. Desde 2012, é Secretário de Comunicação da UFRGS, com previsão do término de mandato em 2016.

percurso/40 anos depois”³⁰, a FABICO “[...] é o resultado da união do antigo curso de Jornalismo, criado em 1952, vinculado a nossa antiga Filô³¹, e da então Escola de Biblioteconomia e Documentação, que funcionava no prédio da Faculdade de Ciências Econômicas”.

Conforme registros, a primeira turma graduada em Jornalismo foi 1954 com dez concludentes³². Decorridas algumas décadas, e com a reforma universitária de 1970, o curso tem sua nomenclatura alterada para “Comunicação Social”. E neste período são criadas duas unidades universitárias autônomas para as áreas da Biblioteconomia e da Comunicação Social. Através da Portaria nº 714, de 1º de setembro de 1970, o Reitor Eduardo Faraco cria a FABICO, promovendo assim, conforme Silva “um casamento forçado entre as duas áreas”.

Segundo Silva, o

Curso de Jornalismo, nos primeiros anos na década de 50 está conectado e ligado à criação e implantação da Rádio da Universidade, proposta e criada pela Escola de Engenharia – lá estão professores e alunos estagiários, depois profissionais na sua equipe. Da mesma forma, o antigo Gabinete de Imprensa, depois Assessoria de Imprensa, a Editora e a Gráfica, nas décadas seguintes serviram igualmente de campo de atuação para os alunos do curso (10/09/2015).

Portanto, percebe-se a vinculação do curso com a possibilidade de atuação dos alunos em estágios na própria universidade. Silva continua a reconstrução do histórico, afirmando que

[...] por sua vez, o Curso de Biblioteconomia e Documentação, que surge como curso técnico no final dos anos 40, para atender uma demanda crescente das Bibliotecas Universitárias que já existem, se expande e se consolida com a Universidade, especialmente a partir dessa época. Depois de alguns percalços, na década de 50, o curso começa a se consolidar e, a partir de 1958, constitui-se como um curso de nível superior aprovado pelo Conselho Universitário. E, na entrada dos anos setenta, contribui para a criação e consolidação da Biblioteca Central e do Sistema de bibliotecas universitárias (10/09/2015).

1.3.1 Relevância Acadêmica

A UFRGS como universidade pública

³⁰ Texto apresentado no Seminário Comemorativo aos 40 anos da FABICO, Faculdade de Educação, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Instituto de Letras e Instituto de Biociências, realizado em setembro de 2010, no Salão de Atos da UFRGS.

³¹ Apelido como ficou conhecida a Faculdade de Filosofia da UFRGS (que se localizava no Campus Central) e hoje, como curso de Filosofia, integra o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (localizado no Campus do Vale).

³² Dado retirado da página da UFRGS – FABICO em 20.01.16.

[...] é expressão da sociedade democrática e pluricultural, inspirada nos ideais de liberdade, de respeito pela diferença, e de solidariedade, constituindo-se em instância necessária de consciência crítica, na qual a coletividade possa repensar suas formas de vida e suas organizações sociais, econômicas e políticas. (UNIVERSIDADE, 2011, p. 3).

O tema escolhido para a pesquisa veio ao encontro dos princípios acadêmicos expressos no artigo referenciado. No momento em que foi proposto “*repensar [...] suas organizações sociais*” focalizou-se o espaço acadêmico das solenidades de colação de grau enquanto celebração de um ato significativo para a vida universitária. Este novo olhar sobre as solenidades por meio de uma análise de seus símbolos, ritos e rituais permitiu um diálogo com os públicos envolvidos ao longo da construção da Dissertação com vistas a uma “*consciência crítica*” do processo das solenidades. Além disso, o registro da memória das solenidades propiciou a construção de um acervo documental escrito e imagético como fonte de futuras pesquisas.

1.3.2 Relevância Social

Com o registro da memória das solenidades de uma universidade pública e a proposta de análise dos problemas anteriormente elencados, tornar-se-á possível para o conjunto das instituições federais de ensino uma discussão teórica de uma lacuna já evidenciada, por autores citados ao longo desta pesquisa, no que diz respeito aos valores simbólicos das cerimônias e, também, um direcionamento para uma ação reflexiva sobre o processo das solenidades de colação de grau. Esta iniciativa pretendeu contribuir para que outras IFE iniciem o processo de registro de suas memórias referente às colações de grau.

1.4 MARCOS TEÓRICOS

A realização desta Dissertação teve como objeto uma análise das colações de grau e procurou-se alinhar os conceitos de memória e ritual na realização do cerimonial. Passando por ritos, símbolos, celebração, percorremos o universo das solenidades na UFRGS de 1904 a 2012. Para trabalhar os conceitos de memória e relacioná-los com as solenidades, recorreremos a Halbwachs (1990) e Candau (2009). As discussões sobre ritual, ritualística e elementos comemorativos foram apoiados em Turner (1974), Segalen (2002), Peirano (2003), Bretas (2008) e Van Gennep (2011). Para entender melhor o mundo das solenidades de colação de

grau, trabalhou-se com autores como Viana (1998), Velloso (2001), Meirelles (2002), Avelar (2007), Rios (2007), Azzolin (2010), Ramos (2012) e Pinheiro (2014) por tratarem o cerimonial universitário em seus aspectos acadêmicos e rituais.

1.5 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

A presente Dissertação foi organizada em cinco capítulos e mais as considerações finais. O primeiro capítulo “Dou por aberta a sessão solene de colação de grau: o histórico da UFRGS e a gênese da investigação” traz o tema da pesquisa com a indicação dos questionamentos feitos a partir da definição do objeto de estudo e os objetivos a serem perseguidos (geral e específicos) para o encontro de respostas ao longo da caminhada investigativa. Foi apresentando um histórico da Universidade e o panorama no qual seria abordado o assunto. No segundo capítulo “Precursoria: a (re) construção do caminho percorrido”, apresentou-se a metodologia adotada para a pesquisa com a identificação de autores.

No terceiro capítulo, “A vós confiro o grau: estudos sobre cerimônias de colação de grau”, apontou-se um histórico do cerimonial no Brasil com introdução para o contexto universitário brasileiro e afunilando para o cerimonial na UFRGS no sentido de construir o percurso deste evento universitário em relação às solenidades. No mesmo capítulo foi abordado um histórico das colações de grau, com ênfase no recorte temporal indicado no título deste projeto. Foi aprofundada a pesquisa em relação aos ritos e rituais no cerimonial com análise da expressão simbólica, na ritualística e os elementos comemorativos do evento. No quarto capítulo intitulado “Sejam bem-vindos à UFRGS: desvelando o contexto das colações de grau”, efetuou-se a análise da solenidade de colação de grau como espaço de celebração e o movimento dos atores envolvidos nas diversas etapas. Para o quinto capítulo, sob o título “A vós confiro o grau: o rito e as memórias”, foi explorado o espaço de realização das solenidades de colação de grau, a partir do rito e cerimonial, bem como apresentados os elementos simbólicos e a atuação dos agentes internos e externos nas mesmas.

Nas considerações finais, com título numa metáfora associada ao encerramento da solenidade de colação de grau, “Jogando o capelo”, teceram-se observações frente aos resultados obtidos através da pesquisa bibliográfica e a metodologia da história oral, e o uso das ponderações já realizadas em cada capítulo, cujo propósito foi atingir os objetivos elencados. Apontar caminhos para a continuidade da análise desta proposta em outros espaços acadêmicos, assim como no espaço interno da UFRGS, também foi um dos pontos

contemplados nas considerações. Nos anexos e apêndices, foram apresentados os documentos pertinentes às solenidades de colação de grau e outros que se fizeram necessários para melhor compreensão do tema e construção da análise crítica, e uma proposta do produto final.

2 PRECURSORIA: A (RE) CONSTRUÇÃO DO CAMINHO PERCORRIDO

Em um breve estudo exploratório, já ficou constatado que se percorreria um caminho com poucos dados a serem obtidos frente à escassez de material impresso e eletrônico encontrados sobre solenidades de colação de grau e a falta de registros históricos na UFRGS a respeito do tema.

Inicialmente, procurou-se entender o processo de pesquisa que, para Gil, é definido como “[...] o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos” (2012, p. 26). Minayo entende de forma semelhante ao afirmar que pesquisa é “[...] a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade” (2012, p. 16). Cabe ressaltar que autores que apresentam tipologias de pesquisas metodológicas, divergem em alguns pontos e pode ser encontrada uma falta de uniformidade, o que, por vezes, venha a dificultar a escolha do melhor caminho a ser seguido. Desta forma, conforme Raupp; Beuren: “[...] é preciso refletir sobre [diferentes tipologias] as que guardam uma relação mais estreita com o que se pretende em termos de investigação com o assunto em estudo” (2003, p. 78).

Para responder aos problemas indicados, foi utilizada a pesquisa do tipo qualitativa para investigação do objeto de estudo que, segundo Minayo

[...] se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode e não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Este conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (2012, p. 22).

Autores como Flick entendem que a pesquisa qualitativa “[...] é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida. [...] Essa pluralização exige uma nova sensibilidade para o estudo empírico das questões” (2009, p. 20). Os autores compreendem a necessidade de averiguar o objeto em estudo pela ótica da sensibilidade³³ para estudos dos contextos sociais. Gaskell afirma que a pesquisa qualitativa

³³ Segundo Pesavento, “[...] as sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de representação da realidade através das emoções e dos sentidos. Nesta medida, as sensibilidades não só comparecem no cerne do processo de representação do mundo, como correspondem, para o historiador da cultura, àquele objeto a capturar no passado, à própria energia da vida. Sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em

[...] fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivação, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos (2002, p. 65).

Trabalhar com o mundo dos significados, realidades não visíveis, mas que precisam ser expostas e interpretadas é o diferencial que a pesquisa qualitativa traz em seu bojo (MINAYO, 2012). Em razão disso, ao realizar este estudo, fez-se paulatinamente uma análise crítica reflexiva dos acontecimentos pesquisados. Procurou-se indagar o que aconteceu no caminhar das solenidades de colação de grau, bem como entender o significado dos elementos constitutivos destas solenidades que compõem o ritual e cerimonial destes eventos.

Ao reconstruir o percurso das solenidades de colação de grau, com o recorte proposto, evidenciou-se que os registros em atas apontavam um resumo do que acontecia na solenidade, porém a totalidade do evento não estava registrada em nenhum outro tipo de documento ou livro. Assim contou-se com os depoimentos orais e elementos que extrapolavam o período indicado (e que fizeram parte da história das colações de grau), o que permitiu um pré-esboço de uma linha de tempo das solenidades na Universidade, ainda que não contivesse todos os dados significativos desde a primeira cerimônia na UFRGS.

Quanto à forma de abordagem dos objetivos, a pesquisa se realizou na forma exploratória e na descritiva. Na pesquisa exploratória, procurou-se familiarizar com a situação problema, ou seja, a realização de levantamento bibliográfico, de entrevistas com pessoas que vivenciaram as solenidades e a análise de situações que direcionassem a uma melhor compreensão das inquietações elencadas (GIL, 2012). Para este autor, a pesquisa exploratória deve ser desenvolvida no sentido de permitir uma visão geral acerca do que está se buscando como objeto da mesma. Nesta exploração do tema, buscou-se conhecer com maior profundidade o assunto, a fim de que se tornasse mais claro na construção de questões fundamentais para a condução da investigação. Na forma descritiva, foi realizada a análise documental a fim de entender as diferenças entre as solenidades e a evolução das mesmas.

Os dois níveis estão presentes na pesquisa, na medida em que uma pesquisa exploratória tem como objetivo oferecer uma visão geral (GIL, 2012) sobre o tema escolhido; já a pesquisa descritiva busca estudar grupos e a natureza das relações. Na forma exploratória,

materialidades do espaço construído. Falam, por sua vez, do real e do não real, do sabido e do desconhecido, do intuído ou pressentido ou do inventado. Sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído sobre o mundo. Mesmo que tais representações sensíveis se refiram a algo que não tenha existência real ou comprovada, o que se coloca na pauta de análise é a realidade do sentimento, a experiência sensível de viver e enfrentar aquela representação. Sonhos e medos, por exemplo, são realidades enquanto sentimento, mesmo que suas razões ou motivações, no caso, não tenham consistência real” (2003, p. 58).

foram encontradas, na bibliografia, muitas lacunas sobre o tema, conforme referenciado na introdução deste trabalho.

Quanto ao delineamento da investigação, o estudo se constituiu em:

- pesquisa bibliográfica; e,
- pesquisa documental.

Segundo Gil, “[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (2012, p. 50). Entendeu-se ser uma pesquisa de perfil obrigatório, pois ela vai apontar o que já existe de produção científica sobre o tema. Portanto, são materiais que já tiveram a contribuição de diversos autores, também chamados de fontes ou dados secundários, ou seja, aqueles que já tiveram um tratamento analítico. Nesta fase da investigação foram consultados autores sobre cerimonial, memória, ritos de passagem, solenidades de colação de grau no intuito de organizar o material que viria a servir para o arcabouço teórico.

Na pesquisa documental, efetuaram-se levantamentos de dados que auxiliaram na compreensão do contexto em que ocorreram as solenidades e o conjunto dos elementos das colações de grau da UFRGS de 1992 a 2010:

- Escrita: regulamentos, normas, atas, roteiros de solenidades;
- Imagética: fotografias que serviram para identificar visualmente a utilização de espaços, de elementos do cerimonial e a formatação da solenidade (roteiro, etapas e atores envolvidos).³⁴
- Digital: página da UFRGS e página dos cursos selecionados para a pesquisa.

Estes são documentos que ainda não receberam um tratamento analítico e, portanto, foram possíveis de serem reexaminados pela pesquisadora com vistas a uma nova interpretação ou a complementação da mesma (MARCONI, LAKATOS, 2010).

As fontes se classificaram em dois tipos: de primeira mão e de segunda mão. Gil (2012) classifica documentos oficiais, diários, filmes, etc., como documentos de primeira mão por não terem recebido nenhum tipo de tratamento, e de segunda mão, citam-se documentos que já foram analisados como relatórios, tabelas, etc.. Nestes documentos, encontraram-se dados que ofereceram suporte à construção da memória das solenidades, além de localizar fatos e acontecimentos que permearam a educação no estado e na UFRGS e cooperaram como fator de ajuste nas solenidades.

Nos arquivos da Universidade, foram consultadas atas das unidades que fazem parte

³⁴ Inicialmente, os documentos imagéticos foram utilizados a título de ilustração e identificação de elementos. Posteriormente, se for necessário, os mesmos serão analisados a partir do conceito de cultura visual.

do recorte deste estudo, onde se constatou que todas têm o mesmo formato, ou seja, iniciavam com a composição da mesa de autoridades da cerimônia, indicação do número do processo de solicitação de colação de grau junto à comissão de graduação³⁵, relação dos concludentes, informação se houve ou não entrega de láurea acadêmica ou premiação e texto de encerramento. Cabe salientar que foi possível analisar a ata de uma das primeiras solenidades de colação de grau ocorridas na UFRGS, datada de 11 de dezembro de 1904³⁶, pela Faculdade de Direito, e apurou-se que os itens desta e das atuais atas ainda permanecem os mesmos, inclusive no ordenamento da informação. Em relação aos roteiros, foram disponibilizados pouquíssimos documentos, pois as unidades não dispõem destes documentos e a secretaria do Salão de Atos, num momento de troca de espaço, teve estes documentos extraviados. Portanto ficou evidenciado que o conhecimento estava junto às pessoas, ou seja, guardados em suas memórias. Foram pesquisados regulamentos referentes ao ato da colação de grau e localizados a partir do ano de 2008; antes, os documentos se reportavam especificamente às produtoras de eventos.

Junto ao CONSUN e ao CEPE foram coletadas decisões e normativas que indicaram discussões sobre os rumos acadêmicos que afetariam, mais tarde, as solenidades.

Em relação aos dados imagéticos, analisaram-se fotos do Museu Universitário e imagens na internet que contribuíssem para a identificação da disposição visual dos elementos das solenidades, tornando possível perceber as transformações ao longo do tempo.

A pesquisa digital remeteu a dados sobre a UFRGS e às unidades pesquisadas, contribuindo com a pesquisa bibliográfica na atualização de dados quantitativos. Buscaram-se, nas páginas da Escola de Engenharia, Escola de Enfermagem e FABICO, os quantitativos atuais de graduados, histórico das unidades, que auxiliaram na estruturação da análise do tema.

Paralelo às pesquisas iniciadas, partiu-se para a produção de documentos orais à luz da metodologia da história oral. Recuperar o passado, segundo o ponto de vista de dirigentes atuais e de gestões anteriores, de diretores e ex-diretores, de técnicos administrativos que atuaram diretamente nas solenidades e aqueles que atuaram de forma a tornar apto o aluno a colar o grau, de graduandos e graduados, proporcionou uma riqueza de informações e permitiu entender melhor os problemas definidos anteriormente, pois estas pessoas evocaram

³⁵ Conforme consta no Estatuto da UFRGS, estão elencadas as atribuições das comissões de graduação nas unidades universitárias que, definido em seu artigo 48, inciso VII, trata do seguinte: aprovar e encaminhar periodicamente à Direção da Unidade a relação dos alunos aptos a colar grau.

³⁶ A ata original foi transcrita para o “Livro do Centenário da Faculdade de Direito da UFRGS” (p. 77) onde consta o registro da graduação de dez alunos.

suas lembranças, no caso, as vivências acadêmicas, permeadas com a conjuntura da época. Assim, com essa reconstrução oral, alargou-se o conhecimento sobre os rituais realizados e a trajetória das solenidades. Alberti define a história oral como

[...] um método de pesquisa [interdisciplinar com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta [conteúdos das entrevistas] para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam] que privilegia a realização de entrevistas (2004, p. 18).

Portanto, a história oral foi uma metodologia de suma importância na construção desta dissertação e as entrevistas, oriundas dos diálogos estabelecidos, cooperaram de forma significativa na construção da memória e reconstrução da trajetória do cerimonial das solenidades de colação de grau. Por tratar-se de investigação de uma trajetória institucional de um dos atos mais importantes da vida acadêmica, a história oral possibilitou que o entendimento e a interpretação deste ato fossem recuperados em vários aspectos e compreendidos em várias instâncias. Mas, conforme salienta Alberti, a peculiaridade desta metodologia

[...] decorre de toda uma postura com relação à história e às configurações socioculturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu. *É neste sentido que não se pode pensar em história oral sem pensar em biografia e memória.* O processo de recordação de algum acontecimento ou alguma impressão varia de pessoa para pessoa, conforme a importância que se imprime a esse acontecimento no momento em que ocorre e no[s] momento[s] em que é recordado. Isso não quer dizer – e as ciências da psique já o disseram – que tudo o que é importante é recordado; ao contrário, muitas vezes esquecemos, deliberada ou inconscientemente, eventos e impressões de extrema relevância (2004, p. 23 - grifo nosso).

Ao empregar esta metodologia, como afirma Alberti, tratou-se de “[...] um diálogo entre entrevistado e entrevistadores, de uma construção e interpretação do passado atualizada através da linguagem falada” (2004, p. 24). Ou seja, possibilitou-se dar voz àqueles que fizeram parte da trajetória das colações de grau, tanto no papel de concludente, como de gestor ou autoridade máxima universitária. Neste sentido, a história oral permite a reconstituição de experiências e acontecimentos a partir da versão do entrevistado. Portanto, é necessário um profundo respeito pelo outro, por suas opiniões e posições, uma empatia neste momento específico, e promover um ambiente que incentive a fluidez da comunicação entre

as partes, a fim de captar o máximo de dados para posterior análise e interpretações por parte do pesquisador. Além disto, a transcrição dos testemunhos permitirá a criação de documentos que servirão para posterior consulta e análise dos públicos interessados na abordagem do tema.

Para Alberti

[...] uma entrevista de história oral não apenas fornece relatos de ações passadas, mas é ela mesma um conjunto de ações que visa determinados efeitos que se pretende que ajam sobre o interlocutor na própria entrevista, e efeitos que se pretende que repercutam para além da relação de entrevista, no público que a consulta e eventualmente na sociedade como um todo. Desse ponto de vista, a entrevista de história oral não se diferencia de outros documentos de cunho retrospectivo, [...] sua especificidade com relação a esses documentos vem do fato das ações que documenta serem tanto do entrevistado quanto do entrevistador deste, maiores ou menores, não importa, mas, como já se tornou costume dizer, trata-se, na história oral, de uma produção intencional de documentos da parte do pesquisador (1994, p. 2).

Alberti indica dois tipos de entrevistas para a história oral: (i) entrevistas de história de vida e (ii) entrevistas temáticas e, alerta que, independente da escolha do tipo de entrevista “[...] ambos os tipos de entrevista oral pressupõem a relação com o método biográfico” (1994, p. 38). Na primeira, a “preocupação maior não é o tema e sim a trajetória do entrevistado” e a entrevista temática

[...] é adequada para o caso de temas que têm estatuto relativamente definido na trajetória de vida dos depoentes, como, por exemplo, um período determinado cronologicamente, uma função desempenhada ou o envolvimento e a experiência em acontecimentos ou conjunturas específicos (1994, p. 38).

Portanto, a escolha do tipo de entrevista se deu de acordo com os propósitos da pesquisa, em consonância com o tema e as questões a serem investigadas. Neste trabalho, optou-se por realizar entrevistas temáticas, onde foram escolhidas pessoas que participaram ou participam das coleções de grau e têm conhecimento do assunto a fim de colher na experiência da trajetória acadêmica dos entrevistados que foi “extrato” para análise do objeto dessa pesquisa.

Para a investigação foram realizadas 17 (dezessete) entrevistas temáticas (gravadas) num total de 24 (vinte e quatro) depoentes para identificar a participação e a visão dos entrevistados referente ao cenário e vivência nas cerimônias. Cada entrevistado assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme consta da Lei dos Direitos Autorais nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, para que, mediante este contrato de edição,

fosse possível utilizar e divulgar os dados, de forma exclusiva, conforme as condições pactuadas. Depois de concluídas, as entrevistas foram transcritas e encaminhadas aos entrevistados a fim de tomarem ciência e a consequente autorização para a utilização do material a partir do TCLE. Além disto, os TCLE serão arquivados junto com o trabalho final na secretaria do Programa de Pós-graduação em Memória Social e Bens Culturais e as entrevistas (áudio e transcrição) serão doadas para o Museu da UFRGS³⁷ e Museu de História do UNILASSALLE³⁸.

De acordo com o que aponta Alberti

[...] a escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência. Assim, em primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos (2004, p. 31-32).

Partindo deste pressuposto, as entrevistas tiveram a projeção dos colaboradores indicados no quadro 02, ou como a autora denomina de “[...] *unidades qualitativas* – em função de sua relação com o tema estudado – seu papel estratégico, sua posição no grupo, etc.” (2004, p. 32). Na organização deste quadro de entrevistados empenhou-se em delinear uma parte da história das colações de grau, pois como afirmado várias vezes ao longo desta Dissertação, não há registros do contexto das solenidades. Portanto, mais do que buscar simplesmente os fatos, as entrevistas propiciaram uma riquíssima fonte de consulta em vários aspectos referentes ao tema, os quais, mesmo que não sejam passíveis de análise devido aos objetivos iniciais propostos, foram elencados para que posteriormente venham a servir como diagnóstico para futuras indagações tanto da pesquisadora em suas atividades profissionais quanto de pesquisadores interessados nesta linha de pesquisa.

³⁷ O Museu da UFRGS foi criado em 1984 e, a partir daí, vem trabalhando com a memória e identidade da UFRGS e da cidade de Porto Alegre, seja por meio de exposições temáticas de caráter científico-cultural, seja como local para pesquisa em fontes fotodocumentais. Suas ações são alicerçadas em bases conceituais da área da Museologia, da Educação, da Memória e da História, tendo como pressupostos a preservação, a investigação e a comunicação. Seu acervo constituído por documentos da antiga Comissão de História, por fotos institucionais provenientes da Assessoria de Comunicação (hoje Secretaria de Comunicação Social) e por fundos gerados pela pesquisa em temas relativos à história de Porto Alegre e do RS, tem servido de fonte de investigação, tanto da comunidade universitária (monografias, dissertações e teses), quanto para produções diversas no campo da mídia e da comunicação social. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/museu/o-museu/sobre>>. Acesso em: 07 mar. 2016.

³⁸ O Unilasalle conta com o Museu de Arquivo Histórico La Salle, fundado em 1998, que traz um acervo de materiais didáticos e livros antigos lassalistas da década de 20. Disponível em: <<http://unilasalle.edu.br/canoas/noticias/unilasalle-conta-com-dois-museus>>. Acesso em: 07 mar. 2016.

Data Entrevista	Nome	Cargo/Função	Período de abrangência no cargo
Setembro/2015			
08.09.2015	Letícia Fernandes	Coordenadora do DECORDI ³⁹	2014 (*1)
08.09.2015	Mara Denise Coutinho da Silva	Ex-Diretora do DECORDI	2009 a 07/2020
10.09.2015	José Francisco Machado da Rosa	Diretor Salão de Atos	2007 (*2)
10.09.2015	Ricardo Schneiders	Ex-Diretor FABICO	1996 - 2012
11.09.2015	Maria de Lourdes dos Santos	Assessora Administrativa da EEng.	2000 (*3)
14.09.2015	Hélio Meller da Silva	Ex-técnico do Salão de Atos	1981 - 1996
	José Francisco Machado da Rosa	Diretor do Salão de Atos	2009
23.09.2015	Rui Vicente Oppermann	Vice-Reitor	2008 – 2016 (*4)
24.09.2015	Eva Neri Rubim Pedro	Diretora da Enfermagem	2008 – 2016 (*5)
	Sonia Maria Agostini	Ex-Diretora da Enfermagem	1989 - 1992(*6)
26.09.2015	Paulo Rogério Gross Garcia	Diretor da POA Produções	1994 (*7)
30.09.2015	Wrana Maria Panizzi	Ex-Reitora	1996 - 2004
Outubro/2015			
01.10.2015	Ana Maria Mielniczuk de Moura André Iribure Rodrigues	Diretora da FABICO Vice-Diretor da FABICO	2012 (*8) (*9)
02.10.2015	José Carlos Ferraz Hennemann	Ex-Reitor	2004 - 2008
06.10.2015	Ana Sofia Schneider	Comissão de graduandos da EEnf.	2015-2
	Thalita Salvador dos Santos		
07.10.2015	Anderson Bortolini	Comissão de graduandos da EEng.	2015-2
	Guilherme Vargas		
	Vinicius Heck d'Avila		
15.10.2015	Luiz Carlos Pinto da Silva Filho Carla Schwengber Ten Caten	Diretor da EEng. Vice-diretora da EEng.	2012 (*10) (*11)
Novembro/2015			
10.11.2015	Rosimeri Antunes dos Santos	Graduada na FABICO	1997
23.11.2015	Carlos Alexandre Netto	Reitor	2008 – 2016(*12)
TOTAL	17 entrevistas	.x.	.x.

Quadro 2 – Relação de depoentes
Fonte: Autoria própria, 04 jan. 2016.

(*1) – Assumiu o cargo em julho de 2015. É ex-aluna desta Universidade, graduada em Pedagogia, no ano de 2005.

(*2) – Atua no cargo desde 2009.

(*3) – Atua no cargo desde o ano de 2000.

(*4) – Atual vice-reitor e atua no cargo desde 2008, com encerramento da segunda gestão em setembro de 2016.

(*5) – Atual diretora no cargo desde 2008, com encerramento da segunda gestão em dezembro de 2016.

(*6) – Graduada em Enfermagem na UFRGS em 1970, e atuou como diretora da EEnf/UFRGS no período indicado.

(*7) – O entrevistado foi sócio da JVH, primeira produtora de solenidades de colação de grau no estado e, também, a primeira empresa a realizar uma colação de grau na UFRGS, em 1991. Em 1994, o depoente cria sua própria empresa de organização dessas solenidades, a POA Produções.

(*8 e 9) – Atuam no cargo desde 2012, com previsão de encerramento para o final do segundo semestre de 2016.

(*10 e 11) - Atuam no cargo desde 2012, com previsão de encerramento para o final do segundo semestre de 2016.

(*12) – Atual reitor e atua no cargo desde 2008, com encerramento da segunda gestão em setembro de 2016.

³⁹ Departamento de Consultoria em Docente da UFRGS vinculado à Pró-Reitoria de Graduação – DECORDI/PROGRAD/UFRGS. O DECORDI é o departamento que dialoga com os estudantes sendo responsável pelo atendimento à comunidade acadêmica desde o início de seu vínculo até a diplomação. Neste departamento, encontra-se a Divisão de Emissão, Registro e Revalidação de Diploma. Disponível em: <www.ufrgs.br>. Acesso em: 20 abr. 2015.

É possível observar no quadro 02 que algumas entrevistas foram realizadas com dois ou três depoentes. Esta situação ocorreu por dois fatores: (i) disponibilidade de tempo dos entrevistados e, (ii) oportunidade de colher os depoimentos, em especial, as conversas com os integrantes das comissões de concludentes. Alberti, em sua obra, destaca que a metodologia de história oral “[...] pressupõe um estudo comparado de casos particulares, cada um deles tomado enquanto objeto de investigação específica” (2004, p. 111). Porém, ressalta que “[...] optar pela realização de entrevistas com mais de um depoente depende, pois, da avaliação dos pesquisadores envolvidos no projeto sobre a adequação desse procedimento aos objetivos da investigação” (2004, p. 111). Constatou-se que a autora, em momento algum, aborda qualquer tipo de classificação desta metodologia que contemple “entrevista em grupo”, utilizando sempre a nomenclatura de “terceiros” ou “com mais de um depoente”. Sendo assim, a pesquisadora realizou algumas entrevistas na forma de duplas ou com três depoentes para que obtivesse êxito na investigação (ALBERTI, 2004).

Um fator que a autora se referiu para que as entrevistas atinjam os objetivos é o da disposição de cada um em falar sobre o assunto apresentado. Inclusive, qualificou como “bom entrevistado” a “unidade qualitativa” que discorre sobre o assunto proposto e avança em sua narrativa, propiciando uma visão do conjunto sobre o universo do tema em estudo. Os colaboradores da presente pesquisa se enquadraram nesta ressalva da autora, pois através dos depoimentos, foram acrescentadas informações que, como aludido anteriormente, não havia registro em pesquisas (bibliográfica ou documental), e permitiu o enriquecimento da proposta do trabalho. Alberti vai buscar em Aspásia Camargo, a definição de “bom entrevistado”:

[...] aquele que, por sua percepção aguda de sua própria experiência, ou pela importância das funções que exerceu, pode oferecer mais do que o simples relato de acontecimentos, estendendo-se sobre impressões de época, comportamento de pessoas ou grupos, funcionamento de instituições e, num sentido mais abstrato, sobre dogmas, conflitos, forma de cooperação e solidariedade grupal, de transação, situações de impacto etc. Tais relatos transcendem o âmbito da experiência individual, e expressam a cultura de um povo, país ou Nação, chegando, a partir de categorias cada vez mais abrangentes – por que não? – ao denominador comum à espécie humana (2004, p. 34).

Como instrumento para uso desta metodologia, utilizou-se um roteiro geral de entrevista semiestruturada, com perguntas abertas no qual, conforme esclarece Minayo, “[...] o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (2012, p. 64), e à medida que a conversa se estabelecia, perguntas que não estavam previstas foram incluídas ao roteiro. Todas as gravações foram realizadas pela pesquisadora, precedidas de um esclarecimento acerca das perguntas que seriam formuladas, e

que o(s) entrevistado(s) estaria(m) livre(s) para expor(em) sua opinião(ões) com a previsão de extrapolar as perguntas previstas, bem como, não seria necessário seguir a ordem estabelecida dos questionamentos.



Figura 1 – Esquema da relação dos entrevistados com as solenidades
Fonte: Autoria própria – 03 mar. 2016.

Após a transcrição das entrevistas, procedeu-se a organização dos dados coletados a partir dos depoimentos. Nesta etapa, examinou-se o material de forma conjunta e, também, foi iniciada a identificação das particularidades de cada entrevista. Nesta análise dos

depoimentos, procurou-se ir além das falas e dos fatos, ou seja, como indica Gomes “[...] caminhar na direção do que está explícito para o que é implícito, do texto para o subtexto” (Minayo *apud* Gomes, 2012, p. 101).

Com a leitura aprofundada dos testemunhos, extraiu-se dos mesmos temas recorrentes, na realidade, fez-se uma decomposição do conjunto do material, a saber:

TÓPICOS BALIZADORES				
CERIMONIAL	CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL	EXPRESSÃO SIMBÓLICA, RITUALÍSTICA E ELEMENTOS COMEMORATIVOS	AGENTES INTERNOS E EXTERNOS	REFLEXÕES
▶ cerimonial	▶ discurso individual	▶ símbolos	▶ produtoras	▶ sentido da solenidade
▶ rito de passagem	▶ tradição	▶ celebração	▶ família	▶ espetáculo
▶ caráter solene	▶ contexto: social e político	▶ festa		▶ prestação de contas
▶ ritual	▶ cotas	▶ beca/vestimentas		

Quadro 3 – Tópicos balizadores a partir dos temas recorrentes extraídos das entrevistas

Fonte: Autoria própria, 03 mar. 2016.

Posteriormente, os temas identificados foram agrupados em 05 (cinco) grandes tópicos balizadores das questões-problema da pesquisa: (i) cerimonial, (ii) contexto histórico e social, (iii) expressão simbólica, ritualística e elementos comemorativos, (iv) agentes internos e externos, e (v) reflexões.

Os trechos foram reunidos por aproximação e este processo possibilitou comparar as versões dos entrevistados sobre um mesmo tema, perceber semelhanças e distinguir diferenças entre as versões dos fatos relatados. Segundo Gomes, a interpretação na pesquisa qualitativa “[...] assume um foco central, uma vez que é o ponto de partida [...] e é o ponto de chegada” (Minayo *apud* Gomes, 2012, p. 80). Ao ser o ponto de partida, a interpretação iniciou com os próprios entrevistados e encerrou com a interpretação da autora desta pesquisa, sem sobrepor ao que já existia, mas contribuindo para o entendimento através de outro olhar.

Portanto, seguiu-se a análise dos dados com as demais pesquisas realizadas, estabelecendo relações e complementações para a análise do contexto, numa articulação entre os objetivos propostos e o arcabouço teórico. Apesar de ter sido necessário ouvir as gravações

algumas vezes para que se pudesse buscar o sentido da fala e das ações (que comunicam além do descrito e analisado), interpretou-se que a (re) leitura das transcrições foi uma atividade obrigatória nesta etapa analítica, pois norteou a interpretação.

Conforme Minayo, a análise e tratamento dos dados

[...] diz respeito ao conjunto de procedimentos para valorizar, compreender, interpretar os dados empíricos, articulá-los com a teoria que fundamentou o projeto ou com outras leituras teóricas e interpretativas [...] De acordo com a autora podemos dividir esse momento em três tipos de procedimento: ordenação de dados; classificação dos dados e análise propriamente dita. O tratamento do material nos conduz a uma busca lógica peculiar e interna do grupo que estamos analisando, sendo esta a construção fundamental do pesquisador. Isso quer dizer, a análise qualitativa não é uma mera classificação de opinião dos informantes. É a descoberta de seus códigos sociais a partir das falas, símbolos e observações. A busca da compreensão e da interpretação à luz da teoria aporta uma contribuição única do pesquisador (2012, p. 26-27).

No processo de interpretação buscaram-se, nos depoimentos, elementos que indicassem as respostas aos questionamentos propostos nos objetivos desta investigação em relação às mudanças ocorridas no ritual e cerimonial, o cenário físico e ritualístico das refeições de grau. A base conceitual para a análise realizada foi desenvolvida em torno dos conceitos de memória e ritual que permitiu o entendimento histórico e a evolução das solenidades, bem como o registro de fatos que se encontravam gravados somente na memória dos depoentes.

No quadro 04, elencam-se alguns itens da análise interpretativa para relatos orais:

- Ler e reler as transcrições para apreender o conteúdo das falas.
- Identificar os aspectos relacionados diretamente com o objeto de estudo e anotar em planilha.
- Relacionar o relato oral com os demais tipos de pesquisa.
- Organizar os temas identificados em grandes tópicos.
- Verificar a repetição ou citação de um mesmo assunto entre os entrevistados.
- Estabelecer a relação entre os depoimentos e os objetivos elencados.

Quadro 4 – Elementos da análise interpretativa para relatos orais
Fonte: Baseado em ANDRADE, Claudio R. B., 2015.

Segundo Severino, o pesquisador, ao se propor realizar uma análise interpretativa, passa a exercitar “[...] uma posição própria a respeito das ideias enunciadas, é superar a estrita mensagem do texto, é ler nas entrelinhas, é forçar o autor a um diálogo, é explorar a

fecundidade das ideias expostas, é cotejá-las com outros, é dialogar com o autor” (2007, p. 94).

Finalizando, foi realizada a redação final do trabalho a partir da análise e interpretação dos dados obtidos através das várias fontes.

3 “A VÓS CONFIRO O GRAU”: ESTUDOS SOBRE CERIMÔNIAS DE COLAÇÃO DE GRAU

A colação de grau é um ato essencialmente acadêmico, posterior ao cumprimento dos requisitos exigidos do curso, é o final de uma trajetória do aluno da graduação na universidade. Além disto, também, entende-se como um ato com teor jurídico no momento em que os concludentes, diante da autoridade designada, prestam o juramento. São momentos em que ritos, símbolos e cerimonial se aliam à celebração, permeados pela tradição e caráter solene deste ritual de passagem entre a vida acadêmica e a vida profissional. Conforme Ramos,

[...] o cerimonial universitário da solenidade de colação de grau representa a conclusão de uma etapa e a apresentação pela Universidade para a sociedade, de um profissional socialmente responsável e pronto para enfrentar e se manter no mercado de trabalho. Um profissional que ao longo de sua vida acadêmica foi solidificando a sua formação por meio de valores éticos e morais inerentes à responsabilidade social assumida pela própria instituição (2015, p. 29).

Não obstante sua relevância em termos de cultura acadêmica ou universitária, é recente a investigação sobre o tema. Fossa, ao apresentar o livro de Azzolin, observa que

[...] a bibliografia sobre cerimonial é restrita, tanto do ponto de vista qualitativo quanto quantitativo, não havendo publicação a respeito, a não ser da [mesma autoria], em 1997, pela UFSM, que oriente profissionais encarregados do cerimonial e de protocolo nas universidades em geral, e em órgãos públicos, nos âmbito federal, estadual e municipal (FOSSA *apud* AZZOLIN, 2010, p.11).

Entre os pesquisadores, Ramos faz uma abordagem sobre as solenidades de colação de grau como “[...] organização, desenvolvimento e fortalecimento do espaço público na universidade como instituição social” (2012, p. 27). Em suas considerações finais, a autora argumenta que

[...] a colação de grau pública em universidade pública, de acordo com esta investigação, vai muito além do simples ato acadêmico, representa um exercício de cidadania e respeito à democracia que deve ser fortalecida dia após dia, por todos os envolvidos com esta atividade (2015, p. 15).

Em sua abordagem, a autora (que desenvolveu a pesquisa em uma instituição federal de ensino) convidou à reflexão sobre o espaço público de uma instituição de ensino superior como local de realização de solenidades de colação de grau onde a instituição deve se

responsabilizar por todo o planejamento e execução da cerimônia, arcando com todos os recursos (de pessoal, físicos e financeiros), a fim de garantir em uma universidade pública o acesso gratuito ao evento. Ramos, em sua obra, fez um resgate das solenidades na UFSC e do esforço daquela instituição a fim de possibilitar a participação dos concludentes de forma gratuita. A autora salienta que

[...] a devolução da formatura pública para a comunidade garantiu a participação na solenidade, de todos os formandos em igualdade de condições e sem custos para o estudante. Esta ação visa fortalecer o processo de democratização das solenidades de colação de grau dos seus cursos de graduação, na perspectiva de resgatar o seu caráter público, fortalecendo o exercício da cidadania dos seus estudantes e familiares (RAMOS, 2012, p. 11).

Outra discussão identificada se refere à falta de controle de gestores nos espaços acadêmicos, incluindo-se aí a realização das solenidades. Avelar (2007) indicou que é necessário e urgente um maior diálogo sobre este tema, tendo em vista a descaracterização no cerimonial da tradição e solenidade que o momento requer. A pesquisadora trouxe uma análise do tema, como um momento de inquietação apontando que pode ocorrer uma distorção do objetivo essencial do ato, e argumentou, em sua pesquisa, que os meses que antecedem a solenidade são permeados com doses de tensão, de ansiedade, e se tornam mais importantes do que a própria conclusão da vida acadêmica. Para a autora, a solenidade de colação de grau

[...] pode parecer, em um primeiro momento, que a questão do sonho de ingresso em um curso universitário e, conseqüentemente, da cerimônia de formatura, esteja ultrapassada e banalizada [...]. Entretanto, costumeiramente, não é o que se vislumbra nos palcos das instituições de ensino superior [...] que, pela força de suas heranças histórico-culturais, fazem da conquista do diploma universitário e da participação na formatura um objeto de desejo (AVELAR, 2007, p. 150).

Já Rios (2007) afirma que a quebra de protocolo nas cerimônias tem como consequência a perda de domínio sobre o tempo, havendo uma distorção do real sentido do evento. As discussões e críticas se reportam a qualificar o ato nas instituições, mas é de consenso que sentimentos de agradecimento, valorização, orgulho e outros, intercalam-se durante todo o ato acadêmico.

Posto isto, constatou-se que o ato acadêmico é valorizado pela comunidade universitária. Para Vianna, a diplomação de um concludente tornou-se um evento com magnitude, pois em uma análise simplista o autor alega que

[...] na realidade para a instituição de ensino a colação de grau é cerimônia simples que pode ser realizada na própria reitoria (...), por seu dirigente principal, podendo-se repetir quantas vezes for necessária até atingir o total de formandos. É a entrega do diploma que, para a instituição de ensino tem importância como cerimônia pública, pois, através dela, a Universidade ou Faculdade apresenta à sociedade os novos diplomados e, portanto, futuros profissionais. Não são poucas, entretanto, as instituições que utilizam esse momento também para a colação de grau dando à solenidade um duplo sentido: conferir em público o grau acadêmico e apresentar os novos profissionais à comunidade externa. Exatamente por isso é que a colação de grau e entrega de diplomas como cerimônia pública constituiu-se num momento de magnitude da instituição de ensino, quando dirigentes, professores, funcionários, pais e alunos extrapolam seus sentimentos para provar que a grande missão de ensinar foi cumprida e o esforço valeu a pena (1998, p.140-141).

Esta afirmação feita pelo autor esclarece o objetivo da entrega do diploma e também apresenta a oportunidade da realização do ato acadêmico. Mas, até os dias de hoje, o homem necessita de rituais para registro de momentos singulares em sua vida. E são as pompas⁴⁰ e circunstâncias⁴¹ que fazem da colação de grau um ritual diferenciado, com um cerimonial e protocolos específicos.

Neste quadro, o cenário e o formato do cerimonial informam ao público o caráter do evento, por exemplo, a entrada das autoridades e a entrada dos concludentes, mesmo que aplaudida efusivamente, indicam características de autoridade e de sabedoria. É uma comunicação simbólica, uma comunicação não-verbal que como momento presente se tornará, em breve, passado e registros de lembranças. O espaço previamente preparado para a realização do ato, bem como a preparação dos futuros diplomados, possui uma carga simbólica muito forte. A mesa de autoridades, o espaço de destaque reservado aos concludentes, as bandeiras (nacional, estadual, municipal e da UFRGS), a decoração do espaço, tudo contribui para a imersão no ritual.

Viana entende o cerimonial universitário como

[...] o conjunto de aspectos formais de um ato público que ocorre no ambiente universitário [universidades e demais instituições de ensino superior], numa sequência própria, observando-se uma ordem de precedência, uma indumentária própria e o cumprimento de um ritual (1998, p. 39).

⁴⁰ Conforme o dicionário Michaelis, a palavra pompa significa: 1 Exibição de magnificência; aparato solene e suntuoso. 2 Grande luxo; gala. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/definicao/pompa%20_1025162.html>. Acesso em: 18 mar. 2016.

⁴¹ No dicionário Michaelis, foram encontrados os seguintes significados para a palavra circunstância: 1 Acidente de lugar, modo, tempo etc. que acompanha um fato. 2 *Dir* Motivo ou fato que, acompanhando, seguindo ou precedendo um crime ou delito, o agrava ou atenua. 3 Condição, requisito. 4 Causa, motivo. 5 Estado das coisas, em determinado momento. 6 Relação, situação. 7 Importância ou destaque social. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=circunst%20ncia>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

Conforme Azzolin, o cerimonial universitário

[...] acompanha o desenvolvimento da universidade desde a sua origem, nas universidades europeias na Idade Média, e se faz presente até os dias atuais, nos acontecimentos universitários. Sua trajetória histórica encontra sentido, função e o próprio desenvolvimento, e se expressa em ritos, símbolos, práticas e nos diversos cerimoniais apresentados neste ou naquele evento, dentro ou fora dos muros da universidade (2010, p. 13).

Por sua vez, Meirelles apontou que o cerimonial universitário no Brasil é recente, tendo surgido no máximo há dois séculos. A autora expõe que

[...] até 1822 não tínhamos Universidades de forma organizada, somente escolas e apenas três mil brasileiros haviam concluído cursos superiores em instituições europeias. Atualmente, no início deste século temos quase 500 universidades oficialmente reconhecidas; e mais de 800 instituições de ensino, faculdades, institutos, centros e sociedades culturais (2002, p. 24).

Dentro do cerimonial universitário, as colações de grau são eventos de destaque e o seu planejamento requer antecedência (desde o agendamento da data que em algumas instituições é realizado com até dois anos de antecipação) até a saída do graduado do palco; todas as etapas são analisadas e ensaiadas para que o evento transcorra de forma adequada. Estes eventos são atos solenes e seguem um protocolo específico que os diferencia dos demais eventos universitários. É um dos momentos acadêmicos mais importantes e que se constitui num dos objetivos-fim da universidade, sendo revestidos de símbolos e ritual que perfazem a solenidade.

Como observado anteriormente, a solenidade de colação de grau tem um cerimonial específico composto por rituais e símbolos que comunicam ao público o formato do evento. Cabe ressaltar que o Decreto 70.274, de 09 de março de 1972⁴², foi aprovado a fim de regulamentar as normas do cerimonial público e a ordem geral de precedência, sendo utilizado até os dias de hoje como referência nas esferas federal, estadual e municipal, e serve também como norteador para o cerimonial privado. A partir deste decreto, os cerimonialistas e organizadores das solenidades observam a precedência e realizam a adaptação necessária onde se incluem as colações de grau.

Por conseguinte, o cerimonial tem como um dos objetivos organizar uma solenidade, respeitando a hierarquia e a precedência entre os presentes, contribuindo para que limites sejam observados tanto em relação à fala quanto ao tempo; porém, é oportuno observar que

⁴² Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D70274.htm>. Acesso em: 03 mai. 2015.

alguns rituais acadêmicos devem ser revistos e atualizados a fim de contemplarem o ritmo atual das instituições e comunidade acadêmica. Mas não se pode resumir o cerimonial apenas a um conjunto de regras. Azzolin abordou em sua obra o cerimonial universitário como um instrumento de comunicação ao afirmar que “[...] o cerimonial pode ser enquadrado como instrumento de comunicação dirigida para aproximação, o público está envolvido” (2010, p. 18). Além disto, referiu-se às solenidades ao dizer que o cerimonial universitário

[...] é repleto de símbolos: as bandeiras, os hinos, os símbolos dos cursos, as vestes talares, além dos elementos simbólicos presentes tanto nas solenidades acadêmicas quanto nas formaturas: a imposição do grau, a colocação do anel, a entrega do diploma, o juramento prestado, a escolha do patrono e do paraninfo. Esses elementos não-tangíveis enriquecem a comunicação entre as pessoas, entre os grupos e entre as instituições, sendo um instrumento interativo nos acontecimentos universitários (2010, p. 19).

É de conhecimento geral o processo básico da comunicação onde um emissor através de um meio comunica algo ou alguma coisa ao receptor, porém, muito além desta comunicação básica, as colações de grau comunicam, com todo seu ritual, uma passagem de um indivíduo de um estado para outro, neste caso da vida acadêmica para a vida profissional. É um ritual que abrange uma série de elementos, entre eles a entrega do diploma e a imposição do capelo, momento que marca individualmente e publicamente a entrada em outro patamar.

Ao serem observados estes eventos, ficaram evidentes elementos como ritmo, gestos, falas, sons, silêncio, rigor, celebração e outros; elementos que compõem o cerimonial universitário e são planejados (em sua grande maioria) para que o evento cumpra seu objetivo.

Em face disso, Pinheiro afirma que

[...] cerimonial e protocolo nunca foi quantidade e sim qualidade. Cerimonial é beleza, pompa e circunstância; assim como é cadência, ritmo e sinergia. Tanto de um lado como de outro, o tempo e sua potencialidade é que são atributos, indispensáveis para o êxito de tudo o que se propõe a ser solene. O cerimonial, se visto enquanto processo, é um encadeamento de ações protocolares e ritualísticas, inerentes ao cumprimento de objetivos, previamente estabelecidos, a serem concretizados num determinado espaço de tempo (2014, p. 78).

Tem sido nas colações de grau que o cerimonial universitário encontra um dos campos férteis para sua plena realização, visto que a autoridade máxima usa as vestes específicas que o cargo lhe confere, bem como os docentes e discentes; portanto, o ritual se reveste de vários símbolos.

Nas primeiras universidades surgiu a figura do “Rector Scholariorum”, chanceler da

Instituição que a dirige; e, mais tarde, no século XIV, a figura do Reitor (VIANA, 1998). Nesta época, foi estabelecida pela primeira vez uma ordem de precedência universitária com o surgimento dos cargos de Chanceler, Reitor, Doutor, Professor, entre outros. Surgiu a indumentária própria e os eventos universitários que compõem o cerimonial universitário até os dias de hoje como posses de Reitor e outros cargos, aula magna, concessão de títulos honoríficos, entre outras solenidades, até as solenidades de colação de grau (VIANA, 1998).

Viana expressa que “[...] é a entrega do diploma que, para a instituição de ensino tem importância como cerimônia pública, pois, através dela, a universidade ou faculdade apresenta à sociedade os novos diplomados e, portanto, os futuros profissionais”. O autor argumenta que a colação de grau “[...] se constitui num momento de magnitude da instituição de ensino, quando dirigentes, professores, funcionários, pais e alunos extrapolam seus sentimentos para provar que a grande missão de ensinar foi cumprida e o esforço valeu a pena” (1998, p. 141).

Este momento qualificado pelo autor como “momento de magnitude” remete a toda pompa do cerimonial. Segundo Avelar “[...] a colação de grau, em caráter solene deve ser realizada de modo consciente, sobretudo pelos dirigentes universitários e orientadores pedagógicos” (2007, p. 155). Portanto, é fundamental que o cerimonial seja crítico e cumpra com seu objetivo de comunicar o significado real de um ato acadêmico, neste caso a solenidade de colação de grau.

4 SEJAM BEM-VINDOS À UFRGS: DESVELANDO O CONTEXTO DAS COLAÇÕES DE GRAU

A educação sempre esteve presente na vida do homem, pois desde a pré-história são encontrados sinais da sua presença, sejam nos ensinamentos passados, em tribos, dos mais velhos para os mais jovens através da convivência, ou à medida que a sociedade foi evoluindo. Desta forma, a passagem do conhecimento não se constituía em instituição organizada e sim se apoiava em mecanismos de transmissão vinculados a memória para registro da cultura dos povos. Na Mesopotâmia, conforme Costa; Rauber “[...] a partir de 13.000 a.C., registram-se os primeiros ensaios da escrita, através de gravuras em pedras e cavernas [...] o que tornou o processo educativo mais formal” (2009, p. 242). A partir daí, houve uma evolução, com o surgimento da escrita como “[...] ferramenta capaz de demarcar os eventos ocorridos ao longo do tempo, tornando os fatos menos suscetíveis ao esquecimento e/ou deturpações dos mesmos e como uma forma mais eficaz de transmissão de conhecimento” (2009, p. 242). As sociedades foram se organizando e surgem as escolas como espaço de transmissão do saber.

A primeira instituição que deu origem às universidades de hoje nasceu em Salerno, Itália, no ano de 1080. Antes disso, só se preparavam os alunos para a carreira religiosa com estudos em teologia, filosofia, literatura e eventos naturais sob o ponto de vista da religião. Os mosteiros eram as únicas instituições comparáveis às universidades e que por muito tempo foram os responsáveis pela preservação da cultura e dos conhecimentos da época.

Conforme versa a literatura, pode-se determinar a Idade Média (século XI) como marco inicial do aparecimento das universidades. Surgem, nesse período, as primeiras “universitas”⁴³ ou “universius”, que formam um conjunto de escolas e faculdades com um novo estilo de ensino do mundo medieval. As primeiras universidades reconhecidas como instituição de ensino superior, credenciadas e recomendadas pela Igreja (Papa Inocêncio VI) tiveram seu berço na Itália e outras foram sendo criadas na Europa. Procurou-se estabelecer uma cronologia da criação das universidades no mundo, conforme Viana (1998) e Meirelles (2002).

⁴³ Universitas ou universius, termo que indicava uma corporação de alunos, podia, inclusive, referir-se apenas a uma faculdade (AZZOLIN, 2010, p.23).

UNIVERSIDADE	ANO DE CRIAÇÃO
Bolonha	1158
Paris	1170 (*)
Salamanca	1218
Pádua	1222
Nápoles	1224
Siena	1240
Coimbra	1290

Quadro 5 – Cronologia da criação das universidades no mundo

Fonte: Autoria própria – 16 nov. 2015.

(*) – A partir de 1180 esta universidade tem seu nome alterado para Universidade de Sorbone.

Antes de ser criada uma universidade no Brasil, surgiram universidades no México, Guatemala, Peru, Cuba, Chile, Argentina e outros países⁴⁴, a partir do modelo francês adotado por portugueses e espanhóis, que tiveram forte influência nestes países. E o ensino superior era destinado essencialmente ao acesso a postos políticos e burocráticos (WANDERLEY, 2003; ROSSATO, 2005).

No período do Brasil Colônia foram realizadas tentativas para criação de uma universidade, mas não houve êxito (COSTA; RAUBER, 2009). Assim como na Europa, somente padres e seminaristas tinham acesso ao conhecimento superior os quais eram aprendidos e transmitidos em conventos. Fávero, em seu artigo, transcreve trecho de Moacyr, para melhor ilustrar a origem das raízes universitárias brasileiras:

A história da criação da universidade no Brasil revela, inicialmente, considerável resistência, seja de Portugal, como reflexo de sua política de colonização, seja da parte de brasileiros, que não viam justificativa para a criação de uma instituição desse gênero na Colônia, considerando mais adequado que as elites da época procurassem a Europa para realizar seus estudos superiores (2006, p. 20).

Com a vinda da Família Real para o Brasil em 1808, quando da expulsão de D. João VI de Portugal pela invasão francesa, deu-se o início da criação das primeiras instituições de ensino superior e militar no Brasil. Foram fundados institutos de ensino superior (Medicina, Engenharia e Economia); e, desse modo, o modelo universitário brasileiro nasce a partir de institutos isolados e de natureza profissionalizante, para formar as elites dirigentes do país e

⁴⁴ Universidades fundadas na América Espanhola a partir de 1550: Lima (1551); México (1553), Bogotá (1572), Cuzco (1696), Havana (1728), Santiago (1747). A título de ilustração, “[...] as universidades norte-americanas tiveram sua origem nos ‘colleges’ que disseminaram em grande número no período colonial, segundo a tradição de Oxford e Cambridge. Entre os primeiros contam-se: Harvard (1636), Yale (1701), Princeton (1746) e Columbia (1754)” (SILVA, 1992, p. 186).

os filhos da aristocracia que não podiam se deslocar à Europa por questões políticas (FÁVERO, 2006). Também foram criadas as Academias por necessidades militares da colônia, e Mendonça (2000) observa em seu texto que o ensino superior estava diretamente ligado, também, com a defesa militar da colônia. Data de 1808, a criação da Academia de Marinha e, de 1810, a criação da Academia Real Militar, no Rio de Janeiro.

As primeiras universidades datam de 1827, em São Paulo e Pernambuco, e têm sua origem em aulas e cursos de Artes e Música, cursos militares, cursos para servidores da Coroa, aulas avulsas de Direito e Medicina. Este modelo, como expresso anteriormente, viria a formar o conjunto de instituições de ensino superior até o período da República, num processo constante de reorganizações, fragmentações e aglutinação dos mesmos, conforme os dispositivos legais da época. Viana (1998) apresenta uma cronologia da implantação de escolas de nível superior no Brasil, com o início da Escola Agrícola de Minas, em Juiz de Fora (1869); a criação da Escola Politécnica do Rio (1874); Escola de Minas, em Ouro Preto (1875); Escola de Agronomia da Bahia e Universidade do Rio de Janeiro (1920); Universidade do Brasil (criada a partir da Universidade do Rio de Janeiro, 1931); e a Universidade de São Paulo (1934). Esta última, conforme observa Costa; Rauber “[...] promoveu uma inovação na concepção estrutural e funcional das faculdades preexistentes e passou a ser um divisor de águas” (2009, p. 248) no ensino superior brasileiro, sendo fundada de acordo com as novas regras do Estado, num período de grande discussão do ensino universitário.

Avançando no desenvolvimento universitário nacional, segundo Costa; Rauber, foi entre as décadas de 1940 e 1970 que teve início

[...] a criação das universidades federais em quase todos os Estados brasileiros, merecendo destaque os estados do Rio Grande do Sul e Minas Gerais, com mais de uma universidade criada. Esse período marcou a descentralização do ensino superior e a regionalização do mesmo (2009, p. 248).

Cabe salientar que, no período de 1945 a 1970, iniciou-se a luta pela autonomia universitária, as universidades sofreram grande influência política, ocorreram mudanças na estrutura pedagógico-administrativa do ensino superior, movimentos estudantis lutaram pela abertura da universidade à população através da extensão e serviços comunitários, etc.. Em outubro de 1945, com a deposição do presidente Getúlio Vargas e o fim do Estado Novo, Fávero aponta que “[...] inicia-se um movimento para repensar o que estava identificado com o regime autoritário até então vigente” (2006, p. 27). Porém, mudanças drásticas ocorreram a

partir de 1964, com a intervenção militar em vários campi universitários, como forma de repressão aos movimentos estudantis, e o “silenciamento” de debates de alunos e professores que buscavam respostas para os problemas educacionais daquele período (COSTA; RAUBER, 2009). Estes autores também salientaram que a partir de 1970, houve uma notável “perda de qualidade” no ensino superior, devido às políticas nacionais implantadas e o alastramento do ensino no Brasil e, além disto, “[...] a busca por cursos superiores permitiu a expansão da iniciativa privada no ensino superior” (COSTA; RAUBER, 2009, p. 249), o que, na análise dos autores, ensejou uma perda progressiva da qualidade do ensino. Outro aspecto se refere ao fim do Regime Militar⁴⁵, visto que o ensino vinha perdendo o seu sentido pedagógico e assumindo um caráter político. Pensadores de outras áreas do conhecimento passam a atuar na área da educação e a contribuir para um debate mais amplo em nome do “saber” e assim, a discussão extrapola a didática, a sala de aula, insere-se num contexto político-social.

4.1 A UFRGS

Conforme Azzolin, “[...] é objetivo de uma instituição de ensino superior promover o ensino, a pesquisa e a extensão” (2010, p. 31), com ênfase na indissolubilidade entre os três poderes, concepção que se consolidou com a Reforma Universitária de 1968⁴⁶. A autora,

⁴⁵ O regime militar foi o período da política brasileira em que militares conduziram o país. Essa época ficou marcada na história do Brasil através da emissão de vários Atos Institucionais que colocavam em prática a censura, a perseguição política, a supressão de direitos constitucionais, a falta total de democracia e a repressão àqueles que eram contrários ao regime militar. A ditadura militar no Brasil teve seu início com o golpe militar de 31 de março de 1964, resultando no afastamento do Presidente da República, João Goulart, e tomando o poder o marechal Castelo Branco. Este golpe de estado, caracterizado por personagens afinados como uma revolução, instituiu no país uma ditadura militar, que durou até a eleição de Tancredo Neves em 1985. Os militares, na época, justificaram o golpe, sob a alegação de que havia uma ameaça comunista no país. Durante o regime militar, ocorreu um fortalecimento do poder central, sobretudo do poder Executivo, caracterizando um regime de exceção, pois o Executivo se atribuiu a função de legislar, em detrimento dos outros poderes estabelecidos pela Constituição de 1946. O Alto Comando das Forças Armadas passou a controlar a sucessão presidencial, indicando um candidato militar que era referendado pelo Congresso Nacional. A liberdade de expressão e de organização era quase inexistente. Partidos políticos, sindicatos, *agremiações estudantis e outras organizações representativas da sociedade foram suprimidas ou sofreram interferência do governo*. Os meios de comunicação e as manifestações artísticas foram reprimidos pela censura. A década de 1960 iniciou também um período de grandes transformações na economia do Brasil, de modernização da indústria e dos serviços, de concentração de renda, de abertura ao capital estrangeiro e do endividamento externo. (grifo nosso). Disponível em: <<http://www.sohistoria.com.br/ef2/ditadura/>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

⁴⁶ Conforme Bomeny (1994), “[...] ensino, pesquisa e prestação de serviços à comunidade - este foi o ponto constante que orientou as discussões sobre a reforma universitária que teve seu início em 1966. Essa tripla função simboliza a mudança da expectativa social sobre o ensino superior. O modelo de universidade a que se aspirava no pós-guerra distanciava-se definitivamente da restrição medieval das funções da universidade aos três campos estratégicos da vida espiritual, social e física dos indivíduos. Distanciava-se também dos desdobramentos que daí decorriam, de um modelo de universidade pautado nos mecanismos internos de preservação e cuidado com a erudição; processo que se restringe ao sempre crescente e sofisticado burilamento

argumenta que “[...] o fomento do desenvolvimento em todas as áreas do conhecimento (artístico, literário, filosófico, tecnológico, social, humano, científico e desportivo) permeia o contexto universitário” (2010, p. 31).

A UFRGS foi criada, conforme afirma Manfroi “[...] por uma necessidade social, inicialmente para formar recursos humanos qualificados e necessários para impulsionar o desenvolvimento do progresso social do estado e, posteriormente, para desenvolver a pesquisa e a extensão” (MANFROI *apud* SILVA, 1992, p. 12). Constatou-se que a Universidade, desde seus primórdios, estava alicerçada no trinômio identificado anteriormente, sua natureza já indicava o caminho que seria seguido. As faculdades de Medicina e de Farmácia foram criadas porque, na época, só existiam duas instituições nacionais do gênero localizadas no Rio de Janeiro e na Bahia; a Escola de Engenharia foi criada para “[...] atender a demanda da sociedade” (1992, p. 12); com a criação de cursos como Veterinária e Agropecuária seria dado suporte ao desenvolvimento agropecuário, “[...] reforçando a vocação genuína do nosso estado para estas atividades” (1992, p. 12) e os cursos de Direito, Economia e Técnico em Comércio também atenderiam a uma demanda social.

A UFRGS sempre se destacou no cenário regional e nacional e, recentemente, vem se inserindo no contexto internacional. A seguir, apresentam-se fatos que marcaram a vida universitária no período 1992 a 2012 previamente estabelecidos para esta dissertação⁴⁷:

ANO	UFRGS – Fatos significativos – 1992 – 2012:
1992	Hélgio Trindade, cientista político, assume a reitoria da UFRGS com a proposta de reconstruir uma “universidade por inteiro”. Em sua gestão (de 1992 a 1996), a UFRGS inicia sua inserção internacional com a criação da Assessoria de Relações Institucionais e Internacionais (transformada em Secretaria de Relações Internacionais – RELINTER)
1994	Criada a Fundação de Apoio da UFRGS – FAURGS
1996	Wrana Maria Panizzi é eleita reitora com a proposta de uma “Universidade Viva”. Foi a primeira (e, até 2015, a única) mulher a administrar a Universidade. A primeira gestão se dá no período de 1996 a 2000.
1997	Criado o Jornal da Universidade, com uma tiragem mensal de 15 mil exemplares.
2000	Wrana Panizzi é reeleita para o segundo mandato (de 2000 a 2004). É criada a Secretaria do Patrimônio Histórico, com o objetivo de “[...] planejar e executar a recuperação, revitalização e restauração do conjunto arquitetônico formado pelos

interno de textos clássicos. Duas vertentes alimentaram o processo de reforma desde seus passos iniciais, em 1966. Interesses acadêmicos da comunidade universitária, e aqui o destaque é para o corpo docente que aspirava a melhores e mais modernas condições para o desenvolvimento da produção científica e tecnológica, e os propósitos racionalizadores da administração federal, notadamente após a passagem do centro de decisões do Ministério da Educação e Cultura para o Ministério do Planejamento e Coordenação Econômica, fortalecido à época com o poder da definição dos orçamentos públicos”.

⁴⁷ Dados extraídos de <http://www.ufrgs.br/80anos/> - Acesso em: 16 fev. 2016.

	doze prédios históricos que fazem parte do Projeto de Recuperação dos Prédios Históricos da UFRGS”. Com as novas tecnologias de ensino é criada a Secretaria de Educação a Distância, e implantada a Biblioteca Virtual da UFRGS.
2002	Entrega de três prédios restaurados: Observatório Astronômico, Rádio da Universidade, e o de Curtumes e Tanantes, que passou a abrigar o Museu Universitário.
2004	No final da gestão da reitora Panizzi, a UFRGS tem um significativo aumento do número de cursos de graduação e de pós-graduação, de vagas na graduação, de projetos de extensão e de pesquisa.
2005	Inaugurado o estúdio de televisão da UFRGS, com produção de programas para a UNITV, canal 15 da NET.
2007	O vestibular sofre reformulações com a redução em um dia no período de provas e também passam a ser aplicadas simultaneamente em Porto Alegre, Alegrete, Bento Gonçalves e Carazinho.
2008	Instituição do REUNI – Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais ⁴⁸ . Entra em vigência o Programa de Ações Afirmativas que prevê a “[...] reserva de 30% de vagas em todos os cursos de graduação e nos cursos técnicos para alunos autodeclarados negros e egressos de escolas públicas e a criação de vagas para indígenas”.
2010	Criação do Parque Científico e Tecnológico.
2011	Marca o início da construção do Hospital de Ensino Odontológico, o primeiro no país.
2012	Concluída a instalação da Criosfera 1, primeiro módulo científico brasileiro instalado no continente antártico. O período de 2008-2012, gerido pelo reitor Carlos Alexandre Netto, fica marcado pela criação de mais de 1.000 vagas para ingresso por concurso vestibular e são aprovados 16 novos cursos, sendo oito noturnos. A UFRGS melhora seus indicadores de qualidade acadêmica e institucional nacionais e internacionais. O reitor Carlos Alexandre Netto é reconduzido ao cargo de reitor.

Quadro 6 – Fatos significativos no período de 1992 – 2012

Fonte: Autoria própria. 14 mar. 2016.

A Universidade sempre esteve na efervescência das discussões políticas, sociais e econômicas, sempre procurando responder às demandas da sociedade. Atravessou todos esses anos, nos regimes implantados, e procurou trilhar seu caminho de excelência. Para a presente pesquisa, foram selecionadas três unidades acadêmicas que possibilitaram a avaliação das solenidades de colação de grau, contribuindo para o entendimento do significado das mesmas: Escola de Engenharia (EEng), Escola de Enfermagem (EEnf) e a Faculdade de

⁴⁸ A expansão do ensino superior conta com o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que busca ampliar o acesso e a permanência na educação superior. A meta é dobrar o número de alunos nos cursos de graduação em dez anos, a partir de 2008, e permitir o ingresso de 680 mil alunos a mais nos cursos de graduação. Para alcançar o objetivo, todas as universidades federais aderiram ao programa, e apresentaram, ao Ministério, planos de reestruturação de acordo com a orientação do Reuni. As ações preveem, além do aumento de vagas, medidas como a ampliação ou abertura de cursos noturnos, o aumento do número de alunos por professor, a redução do custo por aluno, a flexibilização de currículos e o combate à evasão. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/reuni-sp-93318841>>. Acesso em 14 mar. 2016.

Biblioteconomia e Comunicação (Fabico), estando já expostas no capítulo 1 as razões destas escolhas.

E, em 2008, dentro do Programa REUNI, é criado o curso de graduação em Museologia. Silva ressalta que

Nos seus quarenta anos de história, a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação destacou sempre, ao lado do ensino e da pesquisa, uma intensa atividade de extensão universitária. A interação com a Universidade e sua inserção na sociedade reflete uma crescente qualificação dos seus cursos de graduação, e desenvolvimento e maturidade no ensino pós-graduação, na pesquisa e na extensão produzida pela FABICO, e propõe cada vez mais novas possibilidades e oportunidades de atuação para as próximas décadas (10/09/2015).

Um dos grandes objetivos do ensino superior, conforme Dias é que

A missão do ensino superior consiste em contribuir ao desenvolvimento durável e à melhoria da sociedade em seu conjunto, a saber: educar e *formar diplomados altamente qualificados* capazes de atender às necessidades de todos os aspectos da atividade humana (DIAS *apud* PANIZZI, 2002, p. 53 - grifo nosso).

No cumprimento desta missão, a universidade se descortina como um mundo diferenciado: o ensino aliado à pesquisa e a extensão se tornaram vivências e práticas diárias a partir do ingresso do aluno até a conclusão de sua jornada universitária. Nesta caminhada universitária, o aluno estará exposto à cultura deste espaço, às relações (sejam elas pacíficas ou conflituosas), ao modo de pensar e agir deste universo acadêmico e dos integrantes da comunidade universitária. Pode-se aproximar a noção de cultura acadêmica ou universitária do conceito de cultura escolar de Julia, ao afirmar que “[...] é descrita como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (2012, p. 9). E esta cultura deve ser estudada à luz das relações que mantém com seus segmentos de público a cada período de sua história. A universidade é um palco de transformações acadêmicas tanto do cenário político-social no qual está inserida quanto receptora das transformações externas. Duarte entende cultura acadêmica (ou universitária) como “[...] o conjunto de normas e práticas que professores e estudantes concretizam na universidade, e, portanto, como uma maneira de expressar normas e práticas científicas” (2008, p. 653). Esta cultura poderá ser compartilhada extramuros, conforme a necessidade social, ou aplicada internamente para uma renovação ou readaptação das formas de aprendizagem e relacionamentos.

Na UFRGS, todo ensino é definido pelo CEPE que orienta as práticas educacionais no âmbito universitário. Com as funções deliberativa, normativa e consultiva sobre ensino, pesquisa e extensão, este Conselho é o espaço acadêmico de discussão dos caminhos do ensino e a adoção de normas e regras norteadoras para o corpo docente e discente da Universidade. Conforme artigo 4º do regimento interno 57/97 do CEPE, o Conselho tem entre suas atribuições (i) o estabelecimento das diretrizes de ensino, pesquisa e extensão da Universidade, de acordo com a política geral estabelecida pelo CONSUN; (ii) a elaboração de normas disciplinadoras das atividades acadêmicas; e, (iii) a fixação de normas gerais para o ingresso, organização, funcionamento, avaliação e alterações de cursos de 1º e 2º graus, graduação e pós-graduação, bem como as atividades de pesquisa e extensão.

Toda a prática acadêmica na UFRGS tem os pressupostos que versam em seu Estatuto Geral nos artigos segundo e terceiro, conforme transcrito a seguir:

A UFRGS, como Universidade Pública, é expressão da sociedade democrática e pluricultural, inspirada nos ideais de liberdade, de respeito pela diferença, e de solidariedade, constituindo-se em instância necessária de consciência crítica, na qual a coletividade possa repensar suas formas de vida e suas organizações sociais, econômicas e políticas. Art. 3º - A Universidade, regida pela legislação federal, por este Estatuto e pelo Regimento Geral, guiar-se-á pelos seguintes princípios constitucionais: I - liberdade de ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; II - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; III - gratuidade do ensino; IV - gestão democrática; V - valorização dos profissionais do ensino; VI - garantia de padrão de qualidade; VII - indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; VIII - respeito à dignidade da pessoa humana e seus direitos fundamentais (UFRGS, 2016).

Por ter em sua natureza a democracia como viés, há momentos de tensão causados por diferentes posições político-acadêmicas. Tanto em sala de aula quanto em atos internos nos espaços públicos da Universidade, é possível constatar visualmente ou através de expressões verbais, as diversas vozes que debatem o “ser e fazer” acadêmico. Desde seu início, conforme a introdução deste trabalho, a UFRGS foi pautada pela discussão interna e com a sociedade em geral. Assim nasceram unidades e cursos. Em diversas instâncias da Universidade é possível constatar a participação dos segmentos de público (docente, discente e técnico-administrativo) na decisão dos rumos acadêmicos. Como exemplo, o CEPE é composto pelo reitor e vice-reitor, presidente e vice-presidente respectivamente, representantes das câmaras de graduação, pós-graduação, pesquisa e extensão e três comissões permanentes, de recursos, de legislação e de diretrizes do ensino, pesquisa e extensão. Tudo isto a fim de garantir o direito de discussão entre os pares e a comunidade. Em algumas instâncias também há a participação de representantes da sociedade em geral.

É neste contexto que se inserem as solenidades de colação de grau como parte da cultura universitária e que traz em seu bojo uma prestação de contas da UFRGS para a sociedade a partir da certeza de que é através dos impostos pagos pelos cidadãos que uma universidade federal se mantém. Este compromisso de declarar esta condição é verbalizado em vários momentos nas solenidades, bem como na pesquisa desenvolvida para a construção da presente dissertação, assim como nos depoimentos coletados, comprovando-se a quase unanimidade deste pensamento. E é a partir desta constatação que, no encerramento da vida universitária do concludente, a cultura acadêmica contribui e se constitui também como um espaço de reflexão.

4.2 BECA, CAPELO E DISCURSO, TUDO PRONTO PARA A COLAÇÃO DE GRAU: O CERIMONIAL UNIVERSITÁRIO

As solenidades de colação de grau sempre fizeram parte do calendário acadêmico de uma universidade. É importante ser esclarecido que há um impasse entre os termos “cerimonial” e “protocolo” e, muitas vezes, ambos são utilizados como sinônimos. Nas relações sociais, uma das premissas é o bom relacionamento e para que seja estabelecida uma boa comunicação se faz necessária a observância de regras e procedimentos que orientem o contato e o convívio entre os pares (MEIRELLES, 2002). Esta autora encontrou no “*Manuel Pratique de Protocole*” um conceito para protocolo como um codificador “[...] das regras que regem o cerimonial e cujo objetivo é dar a cada um dos participantes as prerrogativas, privilégios e imunidades a que tem direito” (2002, p. 29-30). E complementa com o pesquisador francês Pierre Lascoumes ao observar que “[...] sem o protocolo, todas as recepções oficiais e ocasiões de encontro entre personalidades políticas, culturais, econômicas – que são ou acreditam ser – seriam ocasiões de disputas incessantes” (2002, p. 29). Portanto, o protocolo vem para organizar a precedência das autoridades nas cerimônias no aspecto espacial e verbal, estabelecendo o lugar da autoridade e a ordem de sua fala ou não. O cerimonial, fruto de um planejamento, conforme a mesma autora define “[...] é a sequência de acontecimentos que resultam em um evento”. Portanto “[...] o cerimonial é a organização do evento e o protocolo regula o cerimonial” (2002, p. 29-30).

O cerimonial universitário, oriundo das universidades europeias, conforme Vianna

(1998) explana em seu livro, organizou-se com uma ordem de precedência⁴⁹, uma indumentária própria, elementos sîgnicos e conjunto de rituais. A indumentária nas universidades é um tîpico importante e diferenciado e o uso nas solenidades já indica a importância do ato que se realizará.

Em determinadas solenidades universitárias, o reitor e autoridades acadêmicas utilizam uma vestimenta diferenciada, denominada vestes talares, que promove o ritual. As vestes talares⁵⁰, “[...] assim chamadas por constituírem longas vestimentas à altura dos calcanhares (talão ou parte traseira do calçado) [...] diferenciam-se normalmente pelos complementos e cores ligadas à posição hierárquica e ao grau do saber” (VIANNA, 1998, p. 74).

Em solenidades como colação de grau, outorga de título de *doutor honoris causa*, transmissão de cargo de reitor e outras de caráter oficial a critério da instituição, o reitor utiliza a veste reitoral composta por beca preta⁵¹, samarra branca⁵², capelo branco (ou borla⁵³) e colar; os doutores usam beca preta, e a samarra e borla na cor relativa à sua área de conhecimento. A pelerine⁵⁴ é usada por representantes docentes, e o capelo e faixa também acompanham a cor do curso em que se graduaram. Os universitários usam, no dia da colação de grau, o jabô⁵⁵ branco, a beca preta e cinto na cor de sua formação (VIANNA, 1993).

Em relação às cores da área do conhecimento, Azzolin apresentou a seguinte classificação geral

[...] vermelho corresponde às Letras e Artes, Ciências Sociais Aplicadas e Ciências Humanas e Linguística; verde, às Ciências da Saúde e Ciências Biológicas; e, azul nas áreas das Ciências Exatas e da Terra e as Ciências da Engenharia e Tecnologia. [...] a somatória das cores das diferentes áreas resulta no branco, que simbolicamente

⁴⁹ Como já foi citada em capítulo anterior, a precedência obedece à ordem estipulada no Decreto Federal nº 70.724/72, de 09.03.1972. Nas cerimônias realizadas pela UFRGS, o reitor tem a precedência em relação às autoridades externas.

⁵⁰ Nota da pesquisadora: estas vestimentas cobrem todo o corpo (incluindo braços).

⁵¹ Beca: capa negra, de material diverso, de uso acadêmico ou da magistratura em solenidades e cerimônias. Na magistratura toma o nome de toga, no âmbito eclesial (religioso) toma o nome de batina (REINAUX, 1998, p. 80).

⁵² Samarra: Capa que complementa as vestes talares na cor branca para reitor ou na área de formação de doutores.

⁵³ Capelo, segundo Reinaux (1998, p. 81), é “[...] o chapéu do reitor e chanceleres acadêmicos, usado em solenidades oficiais e em especial para a concessão de grau, títulos, láureas e outras honrarias acadêmicas e universitárias. Indica os poderes inerentes da autoridade reitoral, cardinalícia ou magistratura”. Segundo Vianna (1998), o termo borla é utilizado no sul e sudeste do Brasil. Para Reinaux, o termo correto é capelo (independente da região), tanto para reitor quanto doutores, docentes e concludentes, o que distingue é o formato: para reitor e doutores é arredondado e alto, sendo o do reitor com um tufo na parte de cima; para os graduandos é geralmente com a parte de cima quadrada e um pingente caído. Na realidade, o capelo é um pequeno chapéu.

⁵⁴ Pelerine: Capa usada por docentes, na cor de sua formação.

⁵⁵ Jabô: peitilho confeccionado em renda, semelhante a um babador, preso no pescoço, pendendo na frente da beca (GABERLOTTI, 2015, p. 5).

expressa o conhecimento geral. Em vista disso, usa-se o branco *somente* para os paramentos do Reitor (2010, p. 57 – grifo nosso).

Com a ampliação de cursos, outras cores foram acrescentadas à classificação, o que tem gerado confusão e desconhecimento da correta utilização nas solenidades. As universidades adotaram algumas cores a partir da orientação de Conselhos Regionais e/ou Federais ou pelo bom senso.

Na UFRGS, as vestes talares são usadas somente nas colações de grau. Nos demais eventos acadêmicos, o reitor usa roupa civil (traje passeio completo⁵⁶). Nas solenidades, o reitor usa a beca na cor preta, e a samarra, capelo e cinto na cor branca⁵⁷ e não são utilizados colar e bastão. O corpo discente e técnico-administrativo homenageado usa a beca preta, o jabô na cor branca e a pelerine, o cinto e a borla na cor de sua área de formação superior. Os concludentes usam a beca e o capelo na cor preta (com logotipo da Universidade ou do curso de formação), uma capa na cor preta com a borda na cor do curso em conclusão e o jabô na cor branca. É oportuno salientar que até o ano de 2008 o reitor usava o capelo na cor preta e, a partir de 2009, passa a usar na cor branca. A partir de 2016, o jabô não mais integra as vestes reitorais, salientando-se que as autoridades docentes não usam jabô e os concludentes não utilizam mais a capa.

4.2.1 Origem do cerimonial universitário no Brasil

O cerimonial universitário é um ramo específico do cerimonial e nasce com as universidades no período medieval. Conforme Viana, “[...] pode-se determinar a Idade Média (século XI) como marco inicial dessa atividade” (1998, p. 39). Com o surgimento da Universidade de Coimbra, no século XIII, a mesma esmerou-se na “[...] preservação de valores e das tradições históricas, pela utilização adequada dos símbolos reitorais e pelo efetivo exercício do cerimonial” (1998, p. 43), segundo o autor e da prática daquela universidade, é que as universidades brasileiras adotam o modelo para o cerimonial brasileiro.

⁵⁶ O traje passeio completo, conforme Airton Vargas, é “[...] de uma cor só e de mesmo tecido (bege, cinza claro, marrom, etc.), com gravata. As camisas, preferencialmente, devem ser com mangas longas, pois o punho deve aparecer junto com a manga do casaco. Até às 18h, o traje pode ser em cores claras, e, após às 18h, o traje deve ser na cor escura (cinza escuro, azul marinho e preto).

Disponível em: <<http://www.cerimonialeprotocolo.com.br/trajes.php>>. Acesso em 21 mar. 2016.

⁵⁷ É oportuno salientar que até o ano de 2008 o reitor usava a borla preta e, a partir de 2009, passa a usar a borla branca (Nota da pesquisadora).

Recentemente, em palestra proferida por Nuno Correia⁵⁸, da Universidade de Coimbra, ficou evidenciado que o cerimonial universitário brasileiro já difere em vários rituais daquele que foi o modelo importado. Segundo o palestrante, a Universidade de Coimbra tem dado maior ênfase para as solenidades de conclusão da pós-graduação e *doutor honoris-causa*, ainda mantendo alguns rituais referentes à graduação. Portanto, o cerimonial universitário brasileiro vem encontrando seu caminho próprio, respeitando as diversidades regionais e culturais, e também se adequando às transformações sociais.

Verificou-se que a partir de 1990, no Brasil, deu-se início a uma discussão sobre o termo *cerimonial universitário*. Azzolin (2010), em seu livro, foi buscar em outras áreas, conceitos e subsídios para definir e apresentar o tema; a autora discorreu sobre ritos, símbolos, estruturas organizacionais, planejamento, cerimonial, etc., que permitiram a discussão e a compreensão para esta área específica do cerimonial. Alguns poucos artigos foram encontrados no *Google* acadêmico relacionados ao tema cerimonial universitário, o que tornou esta pesquisa instigante para a reflexão acerca do cerimonial universitário com seus símbolos e ritos utilizados nas colações de grau.

4.2.2 Cerimonial universitário na UFRGS

A partir da gestão do reitor Hélió Trindade⁵⁹, em iniciativa conjunta com a Assessoria de Relações Institucionais e Internacionais (ARII), é retomada a prática do cerimonial no Gabinete do Reitor⁶⁰. As atividades iniciam com o agradecimento a cartões e cumprimentos por datas comemorativas recebidos de outras instituições (públicas e privadas). Em seguida, a secretária da ARII propôs que fossem organizadas e realizadas cerimônias para a assinatura de convênios com alguns parceiros. Assim, retoma-se a prática de organização de eventos no Gabinete do Reitor, com a presença de um profissional de Relações Públicas para a implementação dos eventos.

A realização destes eventos no Gabinete do Reitor permitiu uma visibilidade do evento, tanto para a Administração Central, quanto para o conjunto de diretores das unidades universitárias e à comunidade em geral. Além disto, a assinatura presencial dos documentos

⁵⁸ Nuno Correia é chefe de gabinete da Universidade de Coimbra/Portugal. Foi palestrante na cerimônia de abertura do VII Encontro Nacional de Cerimonial Universitário, ocorrido na FEEVALE, Novo Hamburgo/RS, em 09 de junho de 2015, com o tema “Uma visão geral do cerimonial praticado na Universidade de Coimbra”.

⁵⁹ Hélió Henrique Casses Trindade é cientista político e atuou como reitor da UFRGS no período de 1992 a 1996.

⁶⁰ Foi impossível localizar o registro do início das atividades de cerimonial na UFRGS por falta de registros impressos e a não localização de pessoas que antecederam o período de 1992.

favoreceu a interlocução entre os signatários e, conseqüentemente, o relacionamento interinstitucional. Com o decorrer do tempo, é acrescentada a realização de outros eventos com a coordenação do Gabinete do Reitor como, por exemplo, aula magna, recepção a autoridades, como forma de dar a devida deferência ao evento e também visibilidade na universidade. Além disto, o cerimonial passa a acompanhar o reitor em alguns eventos internos e externos, na qualidade de percussora, a fim de verificar a realidade do evento.

O cerimonial vai se alastrando pelas unidades universitárias, de forma tímida, mas apontando a necessidade de que determinados eventos tivessem uma organização diferenciada e protocolar, conforme as autoridades envolvidas. Cabe ressaltar que a partir da gestão de Trindade, o cerimonial se estabeleceu definitivamente no Gabinete do Reitor, como ferramenta de comunicação estratégica indispensável frente ao relacionamento com parceiros internos e externos.

Na gestão da reitora Wrana Panizzi foram acrescentadas mais atividades ao cerimonial como o acompanhamento permanente em eventos, acréscimo de mais eventos sob a coordenação do Gabinete no sentido de auxiliar na correta disposição da mesa das autoridades a fim de que a autoridade universitária tenha seu lugar corretamente indicado, e o protocolo passa a fazer parte do dia-a-dia da universidade. A reitora retoma em sua primeira gestão a participação nas solenidades de colação de grau, participação que se estende nas duas gestões. Este é um novo momento na universidade, um novo momento para o cerimonial universitário que traz um novo significado para as solenidades, ou seja, o comparecimento da figura da maior autoridade universitária nos eventos. E, como Panizzi apontou em entrevista, sua participação em solenidades totalizou “[...] quinhentos e dezenove, ao longo das duas gestões, eu só não fui a três ou quatro” (30/09/2015). Isto demandou do cerimonial uma atenção específica, porém a atuação se restringiu ao acompanhamento da reitora nas solenidades, sem participação efetiva do profissional na organização do evento.

O reitor José Carlos Hennemann⁶¹, em sua gestão, deu continuidade à presença de um profissional responsável pelos eventos do Gabinete do Reitor. Porém, o profissional é contratado e não pertence ao quadro de servidores da Universidade. Este profissional dá continuidade a algumas atividades que vinham sendo desenvolvidas e o destaque é no acompanhamento do reitor nas cerimônias internas e externas, sem interferência no cerimonial dos eventos. O reitor Hennemann se faz presente nas solenidades com o envio de cartão de congratulações à turma, cuja leitura era realizada pela autoridade delegada (no caso,

⁶¹ José Carlos Ferraz Hennemann é engenheiro civil, diplomado na UFRGS na turma de 1969 e atuou em duas gestões consecutivas: de 2000 a 2004 como vice-reitor e de 2004 a 2008 como reitor.

o diretor ou vice-diretor da unidade universitária ao qual o curso pertencia).

Na gestão do reitor Carlos Alexandre Netto e do vice-reitor Rui Vicente Oppermann, gestão compartilhada acadêmica e administrativamente, ao assumirem a reitoria em setembro de 2008, e com a saída da profissional contratada pela gestão anterior, o cerimonial fica acéfalo. Ambos, imediatamente, ao participarem de alguns eventos, percebem a necessidade de um profissional que coordene os eventos do Gabinete e que oriente a participação de ambos em eventos internos e externos. Então é criada a Coordenadoria do Cerimonial do Gabinete do Reitor⁶², para abrigar as funções de organização dos eventos do Gabinete, principalmente no âmbito de cerimonial e protocolo, acompanhamento do reitor e vice-reitor em eventos internos e externos e assessoramento às unidades universitárias nos eventos que requeiram uma organização de espaço e de autoridades. Para qualificar esta coordenadoria foram lotados dois servidores de nível superior (um graduado em Relações Públicas⁶³ e outro em Publicidade e Propaganda) para gerenciamento dos diversos tipos de eventos universitários. No decorrer da gestão, ocorre a saída do profissional de Publicidade e Propaganda e, com abertura de concurso, é nomeado outro servidor na área de Relações Públicas.

Atualmente, a Coordenadoria conta com três profissionais da área de Relações Públicas e um estagiário que organizam as atividades anteriormente elencadas e também prestam assessoramento a diversas unidades e órgãos universitários, participação em eventos da área, ministração de cursos para o público interno com o intuito de formar uma rede de colaboração para o cerimonial e, em especial, a coordenação geral das solenidades de colação de grau como cerimônia de responsabilidade do Gabinete do Reitor. É importante ressaltar que, nesta gestão atual, o cerimonial das solenidades de colação de grau passa a ser de responsabilidade da Coordenadoria do Cerimonial, atuando em conjunto com o DECORDI/PROGRAD e o Salão de Atos da Pró-Reitoria de Extensão (Salão de Atos/PROREXT).

4.2.3 De 1904 a 1991: como éramos?

⁶² Portaria nº 5.590/2008, de 16 de setembro de 2008, que criou a função de coordenador de cerimonial do Gabinete do Reitor e assinalou o início das atividades do respectivo setor.

⁶³ Segundo Kunsh, “[...] os profissionais de relações públicas planejam e executam a comunicação para a organização como um todo ou ajudam setores delas a se comunicarem. Eles administram o movimento de mensagens *para dentro* da organização quando, por exemplo, conduzem uma pesquisa sobre o conhecimento, as atitudes e o comportamento dos públicos, e, em seguida, orientam os executivos sobre como tomar as políticas e ações aceitáveis para os públicos. Eles podem administrar o movimento de mensagens para fora da organização ao ajudar os executivos a decidir como explicar uma política ou uma ação para um público e então escrever uma informação ou um comunicado para tanto”.

Um retorno ao passado permite buscar nas raízes traços e fragmentos que possibilitam a construção do presente ou o entendimento de determinadas conjunturas e situações. Resumir 84 anos em algumas linhas foi uma tarefa desafiadora, ainda mais numa universidade tão participante no contexto econômico, social e cultural do Estado, da região e em nível nacional como a UFRGS.

Como já foi referido na introdução, uma das primeiras refeições de grau acontece em 1904, nos cursos de Direito e Medicina. Poucos foram os registros encontrados referentes a este ato acadêmico. Logo em seguida vieram as demais refeições de grau: Farmácia, Engenharia, etc.. Não foi localizado o registro do formato do cerimonial destas cerimônias. Além destes indicadores, nada mais há de registro, exceto o que foi colhido nas entrevistas. Rosa reforça a escassez de dados encontrados na pesquisa, pois ao ser perguntado sobre a existência de registros, informou que foram extraviados em algumas mudanças, tanto que afirma “[...] existia mais ou menos um roteiro que entrava, chamava a mesa, o paraninfo buscava e não tinha nada por escrito, tinha pelo conhecimento dos trabalhadores” (10/09/2015). Portanto, conforme Peirano “[...] o ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos” (2003, p. 11). Sendo assim, a repetição destes momentos dispensava a leitura de um roteiro prévio, pois o ritual da solenidade evocava a repetição de palavras e movimentos.

Netto, graduado em Medicina em 1982 na UFRGS, diz que sua refeição de grau “[...] foi bastante singela, naquela época não se usava toga, nem a mesa e nem os formandos, houve uma geração naquele período que se formava sem toga” (23/11/2015). Segundo ele, a atual refeição de grau

[...] comparada com 82 não mudou muito, a diferença é que tem toga, se usa a vestimenta mais cerimoniosa, mais tradicional, mas as falas são basicamente as mesmas que haviam naquele período [...] não tinha produtora, não tinha ensaio, nós fizemos uma foto que foi a foto do convite, nós fizemos o convite e distribuimos [...] não tinha vídeo, não tinha saudação aos familiares, se chamava, a gente ia lá, recebia o diploma sentava, não tinha muitos abraços e nem nada; o ritual era um pouco distinto, comparado com o que nós temos hoje (25.11.2015).

Para Silva, diplomado em 1973 em Relações Públicas/Publicidade e Propaganda, a sua diplomação realizada no Salão de Atos, aconteceu “[...] dentro daquele protocolo mais tradicional, que só falava a direção, o paraninfo e o orador da turma, era um protocolo bem rígido” (10/09/2015). Agostini, que colou grau em 1970 em Enfermagem, formou-se com a devida vestimenta, mas afirma que a “[...] toga na Enfermagem não fez parte em uma época” (24/09/2015) e também salienta que nas primeiras solenidades da Escola, as

[...] formandas usavam um modelo de roupagem igual aqueles que se veem em filmes de época, todas vestidas de branco e com uma capa azul-marinho, além da touca que representava a profissão, a touca do enfermeiro foi muito importante durante muitos anos. E as formaturas eram dentro dos ambientes das Escolas (24/09/2015).

Depreende-se destes depoimentos que, mesmo não contendo histórias de vida, há uma relação com o “eixo biográfico” como qualifica Alberti (2004), visto que parte da vivência e experiência da entrevistada, a mesma identificou que por alguns anos as solenidades não seguiam a tradição de Coimbra, de onde pode-se entender que não havia uma coordenação do cerimonial destas colações de grau. Foi possível concluir que, até certo ponto, os concludentes decidiam em grande parte o formato do evento. As semelhanças no ato acadêmico estavam nos discursos das autoridades e concludentes, na imposição do grau, mas na vestimenta havia uma liberdade de decisão. No depoimento de Silva Filho, vê-se corroborada uma suposição delineada, pois como o entrevistado argumenta “[...] a gente se auto-organizava, tinha pouca inferência em como organizar a cerimônia” (15/10/2015).



Figura 4 – Solenidade de Colação de Grau da turma de Engenharia Elétrica no Salão de Atos da UFRGS (1971)
Fonte: Disponível em: <<http://engenharia71.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

Tanto Agostini (24/09/2015), quanto Hennemann (02/10/2015) afirmam que as vestimentas usadas hoje em dia nas solenidades universitárias não eram obrigatórias antes de 1990. Na figura 5, pode-se constatar esta realidade. Além disso, Agostini enfatiza, no que diz respeito ao cerimonial, “[...] da década de 90 em diante começou uma mudança gradativa” (24/09/2015). E Silva também corrobora a mesma ideia, argumentando que

[...] antes (*referindo-se antes de 1990*) era tudo na própria Faculdade. (...) E vocês tinham beca, toga? Não, era civil. Então seguia o cerimonial, porém o traje era normal? Era normal. Não era em momento algum combinado: vamos assim! As pessoas iam à vontade, mas o cerimonial era solene, com discurso e tudo. Individual? Não, com discurso de um orador representante da turma. E ali tu eras homenageado como professor? Sim, os professores todos (10/09/2015).

No entender de Halbwachs, a lembrança “[...] é uma imagem engajada em outras imagens” (1990, p. 76-78). E foi isto que se pode perceber na medida em que os depoentes traziam detalhes de suas lembranças. Conforme Rosa (10/09/2015), algumas solenidades de colação de grau eram realizadas na Faculdade de Direito, isto em função da reforma que o Salão de Atos sofreu em 1988. E em 1989, Rosa é de opinião que “[...] as solenidades aconteciam de maneira já democrática, pelo fato que desde aquela época já tinha o sorteio das datas de formatura” (10/09/2015).

Hennemann (02/10/2015) referiu que o espaço da realização das colações de grau acontecia nas próprias unidades, ou seja, afirmou que “era uma formatura da unidade”. E não só este depoente, como outros tais como Agostini (24/09/2015), Coutinho (08/09/2015), Pedro (24/09/2015) e Silva (10/09/2015) asseveraram a informação. Hennemann (02/10/2015) alega que a estrutura da universidade favorecia esta situação. Conforme Oppermann, a solenidade de colação de grau “[...] já foi uma reunião da congregação do conselho da unidade” (23/09/2015). Esta afirmativa auxiliou no entendimento das afirmações anteriores da realização das solenidades nos espaços dos cursos, ao que Oppermann explicou

[...] quando eu me formei, por exemplo, ela era uma reunião formal, em 1974. Ela era uma reunião da congregação que depois foi substituída pelo conselho da unidade. Participavam todos os professores pertencentes à congregação mais os paraninfos, homenageados e os formandos. [...] Ela, hoje, não é mais uma sessão solene do conselho da unidade, ela é uma cerimônia de colação de grau (23/09/2015).

Silva, ao se referir ao espaço de realização das colações de grau, argumenta que “[...] a partir dos anos 90, na metade de 90, é que começa esta preferência por fazer no Salão de Atos e é também quando começam a surgir as empresas, que aí facilita para os alunos” (10/09/2015).

Com a reforma realizada no Salão de Atos, as cerimônias passaram a ser realizadas definitivamente neste espaço, conforme observação anterior de Silva (10/09/2015). Através

dos relatos, o início da década de 90 coincide com a entrada de um agente externo⁶⁴ que promoveu um diferencial nas solenidades: as produtoras que organizam as solenidades de colação de grau. Rosa assinala que a presença das produtoras iniciou “[...] pelo ano de 91/92, com uma produtora”. Segundo o entrevistado, o mesmo afirma que iniciou com “[...] os formandos questionando sobre cor de faixa” (14/09/2015).

Além disto, Santos (11/09/2015) recorda, por este período, que

[...] o reitor não participava, mas quem abria a cerimônia era o diretor da Escola, dava a composição da mesa, chamava o paraninfo para buscar os formandos no recinto, os formandos quando estavam no seu local, ali no palco, ficavam em pé e cantavam o hino nacional, tinha o juramentista.

E acrescenta um dado que foi incluído no ritual das solenidades, conforme esclarece Santos, referente aos concludentes

[...] na época eles se chamavam, eu já peguei a parte que eles se chamavam e eles falavam, tinha uma época que se chamavam por afinidade e falavam. Eles tinham o tempo de fala. Em 91, eles já falavam, eu só peguei depois, com o tempo que foi se aperfeiçoando que passaram esta parte para eles não falarem, mas quando eu comecei, em 91, eles já falavam, eles agradeciam os familiares, a família, enfim, a todo mundo. [...] As cerimônias eram extensas? Sim, eram extensas (11/09/2015).

Ao analisar este longo período, observou-se que o cerimonial das solenidades de colação de grau foi construído por várias mãos. Identificou-se que o Salão de Atos assumiu a execução da cerimônia desde o início das mesmas, mas havia interferência das unidades, tanto da direção quanto dos alunos, e, por vezes, os discentes organizavam todo o evento. Percebeu-se, a respeito do cerimonial “rígido”, como relembra Silva: “[...] há 40 anos era um ato formal, extremamente respeitoso, a emoção que eles têm hoje, claro que é a mesma, mas o ato em si era muito formal, obedecia a critérios bem definidos, era aquela pompa, mas uma pompa formal” (10/09/2015), e foi sendo flexibilizado. Conforme testemunho de Pedro, referindo-se a sua presença em solenidades após a condição de diplomado, houve algumas alterações e, segundo ele, passou a existir “[...] uma liberdade de protocolo muito grande, teve casos de formatura da Comunicação que eles transformaram num programa de auditório”⁶⁵ (24/09/2015).

⁶⁴ Neste trabalho, consideram-se agentes externos aqueles que não pertencem à vida universitária como, por exemplo, as produtoras que organizam as solenidades de colação de grau. Como agentes internos são classificados os integrantes da comunidade universitária: docentes, discentes e técnicos-administrativos.

⁶⁵ A referência feita pelo depoente encontra-se no texto de Eduardo Tavares, sob o título “Um show de formatura”. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/fabico/a-fabico/historico/memorias-da-fabico/livro-digital-40-anos>>. Acesso em: 17 fev. 2016.

O final deste período analisado coincide com a eleição do reitor Hélió Trindade, e sua gestão vem com o intuito de mudar os rumos da instituição. Deu-se início, conforme cronologia no site da UFRGS, à

[...] discussão das reformas do Estatuto e do Regimento Geral da UFRGS, que foram aprovadas pelo Conselho Universitário. De acordo com sua proposta de valorizar a instituição em todas as suas dimensões, propôs a criação de novos órgãos: o Conselho Consultivo Integração Universidade Sociedade, o Instituto Latino-americano de Estudos Avançados, a Assessoria de Relações Institucionais e Internacionais, a Fundação de Apoio da Universidade (FAURGS) e o Projeto Técnopole de Porto Alegre. Na área da extensão universitária, propôs a diversificação das atividades junto à população e de programas de apoio à comunidade universitária com a criação dos projetos Uni-Ação e Extramuros. No início dos anos 90, a comunidade discutia a reforma do Estatuto e do Regimento Geral da UFRGS, com a ideia de defender a universidade pública e diferenciá-la de um modelo meramente estatal. Entendido como condição básica para implementar uma forma mais democrática e eficiente de gestão universitária, o processo foi concluído em 1995.

Portanto, evidencia-se uma mudança nos destinos da Universidade que, conseqüentemente, refletem-se nas solenidades. Com a liberdade de expressão e de discussão, registrou-se o início das falas individuais dos concludentes nas solenidades. Hennemam alega não identificar o início das falas como uma decisão conjunta de um segmento universitário, mas “[...] um processo que deve ter sido assim: numa unidade aconteceu, depois na outra” e pondera que “[...] o fato dos estudantes começarem a falar tornou a formatura mais descontraída. Ela era antes e sempre foi alguma coisa muito rígida e tornou ela mais descontraída” (02/10/2015).

Apesar de não ser identificada precisamente qual a primeira solenidade em que os concludentes vão à tribuna para falar, verificou-se que o conjunto dos depoimentos indicou o período entre 1991-1992. E ao ser introduzido este elemento da fala nas solenidades, passou a fazer parte do ritual por um determinado período, como será abordado nos próximos itens, e influenciou os rumos das solenidades. Com esta inovação, o ritual foi sofrendo um desgaste ao longo do tempo e as solenidades passaram por uma alteração significativa no seu perfil, elas perdem a formalidade e se tornam mais informais, além do que o tempo de realização da solenidade aumentou consideravelmente, interferindo diretamente nos custos, tanto para os futuros graduados quanto para a universidade, bem como na frequência do público em sua movimentação no espaço de realização do evento. E, segundo Garcia, com a permissão de cada concludente ir à tribuna fazer sua manifestação, com a liberdade de “[...] criticar ou agradecer a universidade, começou a mudar na UFRGS e na região também” (26/09/2015), ou seja, os ritos em outras universidades no Estado também sofreram alterações e adaptaram seu

cerimonial.

4.2.4 De 1992 a 2012: um novo panorama

O recorte realizado para esta Dissertação foi um dos períodos mais significativos nas solenidades de colação de grau. Mesmo assim, ao referir-se à base do ritual nas solenidades, Moura expressa que “[...] comparando a participação como vice-diretora e como aluna, eu percebo um ritual extremamente tradicional, a sensação que eu tenho é que poucas coisas mudaram” (01/10/2015) e Rodrigues salienta que “[...] ao mesmo tempo em que ela é extremamente tradicional, o ritual não mudou muito” (01/10/2015).

Após analisadas as imagens e depoimentos, ficou evidenciado que neste recorte de dez anos de realização de cerimônias, entrou o agente externo que traria um novo perfil às solenidades: as produtoras de formaturas. Segundo Silva “[...] a partir dos anos 90, na metade de 90, é que começa [...] a fazer no Salão de Atos e é também quando surgem as empresas (produtoras), que aí facilita para os alunos” (10/09/2015). Este agente externo trouxe, ao longo do tempo, elementos que transformaram as solenidades, ao que Hennemann aponta “[...] depois que começaram a aparecer as empresas, as produtoras organizando as formaturas, eles começaram a introduzir uma série de coisas que não existia antigamente” (02/10/2015). Em depoimento, Rosa esclarece que “[...] a primeira produtora que entrou na UFRGS foi a JNC. Desta produtora surgiu outra produtora, foi a POA, que apareceu logo em seguida, e a ST” (10/09/2015).

Segundo Garcia, “[...] em 1990/91 começou a se popularizar a tecnologia da filmagem” (26/09/2015). Também explicou que a entrada das produtoras no mercado de solenidades de colação de grau no Rio Grande do Sul iniciou no ano de “[...] 88 em uma instituição privada com filmagens, pois fotografia as solenidades tinham, mas a filmagem não tinha. A princípio, a gente filmava e não transmitia para os telões”. Naquela época, o depoente era sócio da JNC, e iniciaram a filmagem nas solenidades e a projeção em telões, o que foi uma inovação neste tipo de evento no sul do país e, em paralelo às filmagens, também iniciou o serviço de fotografia.

Nas solenidades, portanto, foram introduzidos elementos que interferiram no visual e, de forma indireta, no relacionamento entre os segmentos que compõem as cerimônias. O Salão de Atos, conforme Rosa, aos poucos deixa de executar os eventos e

[...] com o tempo, foram parando de usar nossas togas (do Salão de Atos); cada vez

foram diminuindo mais o número de formaturas sem produtora. Daí surgiu a filmagem, foto melhor trabalhada, oferecendo uma série de coisas para os formandos. E este mercado das produtoras foi aumentando e chegou um momento que ninguém mais usava nossas togas. Nós não colocávamos mais o som, o som era todo da produtora (10/09/2015).

É neste período que a Universidade elegeu a primeira mulher como reitora, Wrana Panizzi, que administrou a UFRGS em duas gestões consecutivas e participou de mais de quinhentas colações de grau. Até então, a presença da maior autoridade universitária raramente acontecia nas cerimônias. Panizzi, em sua entrevista, relembra das solenidades que “[...] das primeiras que eu fui [...] percebi uma certa desorganização [...] que elas não tinham dono e que tinha um forte papel das produtoras” (30/09/2015).

Em seu livro, Ramos ao estudar as solenidades da UFSC⁶⁶ traz à luz uma reflexão importante a respeito do cenário das instituições de ensino superior referente às transformações ocorridas nas colações de grau no início da década de 90, quando afirma

[...] ao recordar o formato das solenidades de colação de grau pública do período anterior à década de 90, quando a globalização e a expansão das universidades privadas ainda não eram tão fortemente presentes, e comparar com as solenidades atuais, fica clara a mudança ocorrida e a agregação de valores inerentes aos interesses econômicos que dominam essa área, transformando a solenidade de colação de grau pública em uma prática excludente, enfraquecendo o espaço público inerente a essa atividade. Durante o período entre a década de 60 e o final da década de 80, sem espetacularização, sem luxo, porém com todos os ritos inerentes à formatura, os formandos indiscriminadamente, participavam da solenidade que na época era fundamentalmente institucional (2015, p. 34).

Destaca-se que, a partir desta década, foram implementadas políticas públicas neoliberais e, neste novo contexto social e político, o mercado passou a ser o norteador do comportamento da sociedade, as colações de grau representam um negócio lucrativo para o setor privado que se fortaleceu com o ingresso de empresas especializadas neste nicho de mercado (RAMOS, 2015).

Conforme já expresso anteriormente, com a entrada das produtoras no cenário das solenidades, algumas relações foram alteradas. Nas instituições de um modo geral, os futuros diplomados, aos poucos, se relacionam diretamente com as produtoras, as quais assumem junto aos concludentes a ingerência em diversas partes do ritual. As músicas, o cenário, homenagens à mesa e aos pais são organizados em conjunto com a produtora. Com referência à homenagem aos pais, Garcia expressa que

⁶⁶ UFSC é a sigla de Universidade Federal de Santa Catarina, localizada na cidade de Florianópolis/SC. A autora em seu livro “A colação de grau e o espaço público: um olhar do gestor” faz um resgate e uma análise da transformação ocorrida nas solenidades de colação de grau daquela instituição, a partir de 2004.

[...] em 1998, a turma de Psicologia da PUC⁶⁷ inventou o que hoje é a ‘homenagem aos pais e aos que amamos’; isto não existia no protocolo, primeiro foi aos pais, depois foi a família e hoje em dia é aos que amamos, daí todo mundo pode ser homenageado. [...] E se agregou mais uma coisa nos cerimoniais. [...] Hoje se tu vais numa solenidade de colação de grau em toda a nossa região desde Caxias, Novo Hamburgo, São Leopoldo, Porto Alegre, todos têm homenagem aos pais, e começou lá numa turma de Psicologia que fez e aí vai indo (26/09/2015).

Portanto, os anos 90 marcam o ingresso deste agente externo de forma definitiva no mundo acadêmico na realização das colações de grau. Na UFRGS, o Salão de Atos permanece como gerenciador do processo, como explica Rosa quanto às solenidades “[...] nunca estiveram sob a gestão das produtoras, nunca em nenhum momento; elas sempre estiveram com o Salão de Atos. O que a produtora facilitou foi a questão técnica, não de gerenciamento de todo processo, isto em nenhum momento” (14/09/2015). Isto garantiu o estabelecimento de regras e limites que são respeitados até os dias de hoje, apesar de Rosa ponderar que “[...] elas (produtoras) tentavam cada vez mais colocar elementos na formatura que, na realidade, fugiam um pouco da padronização”.

Como fruto da observação da pesquisadora, neste espaço das solenidades, testemunhou-se que a relação direta com o concludente era realizada somente por parte da produtora; a relação com o Salão de Atos acontecia no sorteio da data da solenidade e no ensaio para a realização da cerimônia. E nas primeiras solenidades em que a Coordenação do Cerimonial participou, pode-se observar que as produtoras tinham um grande domínio no palco sobre o evento. Silva Filho observou que “[...] a produtora tem um papel importante de unificar, de dar uma certa plasticidade àquele momento” (15/10/2015), porém entende que deva ser controlada sua atuação para que o evento não se torne “[...] uma superprodução e a gente perca a dimensão” do ato acadêmico; para Silva, “[...] visualmente, graficamente, plasticamente as formaturas são muito bonitas, o que me preocupa são as condições que isto está se configurando” (08/09/2015). Portanto, sempre houve uma preocupação, por parte da administração da Universidade, a fim de que as solenidades não perdessem o seu caráter solene. Netto indica isto em seu depoimento quando reflete

[...] a cerimônia, ela mudou, teve avanços, mas comparada com 82 não mudou muito, a diferença é que tem toga, se usa a vestimenta mais cerimoniosa, mais tradicional, e [...] toda a questão do uso de mídias durante a formatura que na época

⁶⁷ PUC é a sigla de Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com sede na cidade de Porto Alegre. É uma instituição confessional católica e comunitária, tendo como Chanceler o Arcebispo de Porto Alegre. Constitui-se fisicamente pelo Campus Central, em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, e por outra unidade do Tecnopuc, em Viamão, na Região Metropolitana.

não existia, não tinha vídeo, não tinha saudação aos familiares. A gente recebia o diploma, sentava, não tinha muitos abraços e nem nada; o ritual era um pouco distinto, comparado com o que nós temos hoje, mas o corpo principal da solenidade se mantém o mesmo (23/11/2015).

Nesta nova fase de abertura das solenidades, começam a ser introduzidos ou entram em maior evidência os elementos de uma colação de grau como, por exemplo, a beca, que entra de forma definitiva nas solenidades. Silva reafirma o que foi dito anteriormente que as solenidades, antes de 90, necessariamente não tinham beca, os formandos se vestiam “[...] com traje civil, porém o cerimonial era solene” (10/09/2015).

Além disto, a plasticidade, referenciada nas entrevistas, que as produtoras trouxeram inclui mais elementos cênicos, ou seja, a decoração do espaço físico vai sendo ampliada. E a cada ano, as turmas de concludentes inserem elementos cênicos. Silva alega que os alunos começaram a fazer algumas solicitações, tais como, “[...] além do telão e das becas, foram pedindo toalhas na mesa, capas nas cadeiras, arranjo de mesa e para a tribuna, etc.” (10/09/2015).

Paralelamente à entrada das organizadoras no Salão de Atos, alguns alunos deixam de participar da solenidade no Salão de Atos e participam de uma nova forma de colação de grau, a chamada “formatura de gabinete”⁶⁸. Este novo formato começa a ser uma opção frequente, principalmente pelos custos que a cerimônia passa a ter e que tornou impeditiva a participação de alguns alunos. Esta situação é evidenciada por Moura e Rodrigues (ambos entrevistados em 01/10/2015) quando afirmam que o número de concludentes que se graduam em gabinete veio aumentando porque “eles não podem pagar”. E Silva afirma que “[...] quando começou a ser feita no Salão de Atos é que começou a ter sempre a de gabinete, porque tinham alunos que não queriam participar” (10/09/2015). Sobre isto, Netto expressa preocupação no sentido que “se construiu uma cultura das produtoras” (23/11/2015) e entende que é necessária uma reflexão sobre todo o contexto, uma “reflexão do custo da formatura pela questão do espetáculo”⁶⁹. Além disto, entende que “o grande desafio hoje da formatura é que ela seja tão

⁶⁸ Conforme decisão 405/2011, do Conselho Universitário, de 19 de agosto de 2011, em seu artigo 3º “O formando terá direito a somente uma colação de grau por currículo integralizado, devendo optar por colar grau em uma das seguintes ocasiões: I - na Solenidade de Colação de Grau; ou II - em Gabinete da Direção da respectiva Unidade Universitária à qual o curso está vinculado. §1º - Na impossibilidade de comparecimento pessoal do formando, a colação de grau ocorrerá obrigatoriamente em Gabinete da Direção, sendo permitida a outorga do grau a terceiro investido de procuração específica para tal fim.” Apesar da decisão ser de 2011, a cerimônia em Gabinete acontecia esporadicamente em situações excepcionais, tais como, o graduando necessita apresentar diploma para mestrado ou doutorado, concursos, etc.. Disponível em: <<https://plone.ufrgs.br/cepe/legislacao/resolucoes-normativas/resolucoes-normativas>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

⁶⁹ A pesquisadora não estendeu estudos sobre o termo “sociedade do espetáculo” por entender que demandaria uma análise da evolução das solenidades e estudos comparativos com outras instituições de ensino superior.

inclusiva como é hoje o ingresso na universidade” por entender que se faz necessário

[..] refletir um pouco, se não ficou tudo muito espetáculo, a formatura ficou um pouco espetacularizada, assim a música para entrar, a música para cada formando, a música em homenagem aos pais, são detalhes que tornam a cerimônia um pouco mais bonita, mas eu não sei até que ponto esse ‘tornar mais bonita a cerimônia’ não acaba tirando um pouco o aspecto acadêmico da própria cerimônia, porque a formatura é uma cerimônia acadêmica, ela não é uma entrega de um prêmio (23/11/2015).

Nestes dez anos em que foi proposta a análise deste trabalho, dois aspectos foram relevantes na mudança do perfil das solenidades: a permissão da fala de cada concludente e o ingresso das produtoras. Estas inserções paralelas permitiram uma abertura nas solenidades até então não presenciadas, de forma que também iniciaram as “solenidades temáticas”. Conforme Antunes, graduada em 1997, alega que a

[...] formatura era bem livre, a gente não tinha proibições naquela época [...]. E daí a gente escolheu um tema na época que a gente queria usar, a gente usou as músicas daquele filme “Arquivo X”. O convite era temático, a entrada foi temática, tipo *laser*, neon, todo mundo entrou com aquilo, com a música do Arquivo X, uma música totalmente “suspense”, totalmente escuro, depois só acenderam as luzes quando a gente já tinha entrado no Salão de Atos. [...] A gente não teve assim: “ah! Vocês não podem fazer isso, vocês não podem fazer aquilo”, naquela época era tudo muito livre, tinha essa liberdade da gente escolher como ia ser, de que forma, então acho que isso nos deixou muito satisfeitos, né? Então, pra gente é como se fosse um evento, entendeu? (10/11/2015).

Este depoimento apontou que, em algum momento, as solenidades na UFRGS estavam começando a perder o rumo acadêmico, pois as produtoras procuravam introduzir um perfil de evento no lugar do rigor acadêmico. Santos, em seu depoimento, observava a relação com as produtoras como uma dependência, ou seja, entendia que apesar da base do cerimonial ser respeitada, as produtoras ditavam algumas regras, e via como “[...] complicada esta relação de dependência, de ter uma produtora que está ali muito mais preocupada com questões de estéticas do que com questões que tem a ver com os ritos, os símbolos” (11/09/2015).

Em contraste com esta situação, o olhar acadêmico sempre esteve presente por parte dos dirigentes. Panizzi, em sua gestão, relembra que “[...] sempre lutou muito para que o ritual fosse respeitado” (30/09/2015). Por diversas vezes, ficou evidente, junto aos entrevistados, que os elementos cênicos concorriam para uma descaracterização do sentido acadêmico da solenidade. E é justamente este sentido que o conjunto de diretores das unidades universitárias procurou manter preservado. Foram realizadas reuniões a fim de propor reorientações para as solenidades, mas sem êxito na implantação. Hennemann, na condição de diretor da Escola de

Engenharia, participou de reuniões entre o corpo de diretores e também como interlocutor em reunião com as comissões de conclusão de curso. E relata que, em reunião com as comissões, foi proposto por parte da administração central que retornasse o ritual com a fala dos oradores por toda a turma, e uma aluna, representando o grupo de concludentes de todo o semestre, fez a seguinte manifestação: “[...] eu entrei na Universidade e sonhei com o momento em que eu ia fazer a minha manifestação na formatura, eu não gostaria que isso fosse tirado” (HENNEMANN, 02/10/2015). O entrevistado disse que a ponderação foi surpreendente para os representantes da administração central e naquele momento optaram por manter a fala de cada graduando.

No contexto da UFRGS, no final de 2004, muitos cursos de graduação haviam sido criados. Isto se reflete nas solenidades, pois gerou um aumento na quantidade de cerimônias realizadas a partir de 2008/2009. E em 2007, é aprovado na UFRGS o programa de ações afirmativas, que traz para a universidade um maior número de alunos egressos de escolas públicas.

Do período de 1992 até 2009, a situação das falas vai se tornando insustentável em função do tempo de duração das solenidades. Rosa afirma que “[...] chegava um momento que as pessoas ficavam muito impacientes no Salão e a atenção que tu tinhas que ter para a formatura acabava se perdendo” (14/09/2015). Então o reitor e o vice-reitor na época, Carlos Alexandre Netto e Rui Vicente Oppermann, em conjunto com os diretores das unidades universitárias, decidem intervir no ritual da solenidade. Segundo Oppermann “[...] nas reuniões dos diretores, entre as coisas que a gente ouviu como demanda, de grupos bastante numerosos, era se não podia dar um jeito nas formaturas” (23/09/2015); foi constatado também, pela observação nas cerimônias, as quais ambos participaram em 2009/1 e 2009/2 que “[...] as pessoas só chegavam ao final da cerimônia, que era mais pra abraçar do que para participar na cerimônia. O desrespeito e a inconformidade de muita gente com essa desorganização que as coisas tinham assumido” (23/09/2015). Para Fernandes, a retirada da fala dos alunos foi vista como negativa, como graduada a depoente entendeu ser “[...] um momento em que o estudante consegue dizer algumas coisas que acho que são importantes para a instituição” (08/09/2015).

A universidade federal é um espaço público, sua natureza jurídica indica isto, porém são necessários limites para que as atividades possam ser desenvolvidas de forma adequada e tragam os resultados para a comunidade acadêmica e para a sociedade em geral. Nas solenidades em questão, percebeu-se que, no ritual, havia uma confusão entre o público e o privado, no sentido de que momentos de significação privada ocupavam um espaço de

responsabilidade do ente público, como afirma Netto “[...] tinha uma confusão [...], nós estávamos numa cerimônia pública e os alunos tratavam como uma cerimônia privada” (23/11/2015).

Desse modo, houve a proposição de que a Coordenadoria do Cerimonial do Gabinete do Reitor, em conjunto com a Pró-Reitoria de Graduação e o Salão de Atos, assumisse, definitivamente, (i) a coordenação da solenidade e (ii) estabelecesse o cerimonial e as regras para a presença das produtoras no espaço do evento.

Um novo panorama se vislumbrou para as solenidades. Desta ação conjunta, ficou definido que seriam mantidos os ritos básicos da solenidade: (i) entrada das autoridades, (ii) abertura pelo reitor ou autoridade por ele delegada; (iii) entrada dos concludentes com o paraninfo; (iv) execução do hino nacional; (v) conferência do grau, com abertura e encerramento da ata com a relação dos graduandos aptos a colar grau; (vi) discursos dos oradores, paraninfo, diretor e reitor; (vii) encerramento com o hino rio-grandense. E a partir do semestre 2010/1 foi introduzida uma mudança que alterou novamente o rumo das solenidades: (i) os alunos deixam de utilizar a tribuna para suas manifestações individuais, (ii) o discurso dos oradores representaria a fala de todos os concludentes, (iii) os tempos de fala de oradores, paraninfo, diretor da unidade e reitor tiveram seus tempos delimitados, (iv) a homenagem à mesa deveria ser realizada após o encerramento oficial da solenidade e (v) a homenagem aos pais também teria tempo delimitado e passaria a ser parte do momento de manifestação dos oradores da turma.

Com a adoção destas medidas, apesar da reação contrária por parte dos concludentes e alunos da Universidade em geral em relação à retirada da fala⁷⁰, as solenidades reduziram sensivelmente o tempo de duração e as produtoras se adaptaram ao novo cenário. Inclusive é necessário salientar que as produtoras foram chamadas para conhecimento da nova medida adotada e, assim, trabalhar em parceria com a Universidade. Garcia, em seu depoimento, destacou que aqui no Estado predomina uma relação de parceria entre as universidades e as produtoras ao afirmar que “[...] nosso mercado é diferente porque as produtoras se criaram muito dentro das instituições, a nossa visão de produtora na nossa região é de parceria, em outros lugares existe uma briga de espaço que não ocorre aqui” (26/09/2015). Garcia se refere a outros estados onde existe, como o depoente coloca, “[...] uma situação de ‘quebradeira de empresas’, as empresas quebram e chega na hora não tem a formatura”. Além disto, Garcia

⁷⁰ Os concludentes dos cursos do semestre 2010/1 protestaram contra a medida adotada. A decisão da UFRGS foi matéria em jornais da cidade de Porto Alegre. Fonte: Correio do Povo de 23.04.2010 e Jornal Zero Hora de 17.05.2010.

viu com bons olhos a reorganização do cerimonial e as medidas adotadas visto que ficou definido “[...] isto é regra, isto pode e isto não pode, ficou ótimo, pois temos que ter limites (26/09/2015)”.

Ao mesmo tempo em que são feitos estes ajustes, entra um novo elemento na solenidade: a assinatura do diploma. A UFRGS, no cenário das IFE, é a primeira universidade a entregar o diploma ao concludente no momento da colação de grau, ou seja, há a assinatura perante o público presente do diploma que está sendo recebido, concretizando, desse modo, a colação de grau. Esta medida foi possível devido à ação do DECORDI/PROGRAD⁷¹ que introduziu no sistema a possibilidade da emissão do diploma para o dia da colação de grau. Santos, com larga experiência como assessora administrativa na EEng e, portanto, participante de várias solenidades, entendeu a assinatura do diploma como um momento de forma “[...] muito positiva, as pessoas gostam de ver que o formando sai com o diploma, que não é uma folha branca, que é o verdadeiro diploma; eu acho que isto foi uma coisa que veio muito a acrescentar à UFRGS” (11/09/2015).

As solenidades dos semestres seguintes (2010/2, 2011/1 e 2011/2) foram marcadas por discursos dos alunos e de alguns paraninfos com ênfase na ausência das falas individuais dos concludentes. Mesmos com estas manifestações, o cerimonial continuou a ser seguido dentro dos novos padrões, e percebeu-se o acerto da decisão tomada. Rosa corroborou o acerto da decisão e o aspecto positivo da mudança e afirmou que

[...] o cerimonial do gabinete se tornou muito atuante em todo o processo da formatura, é o papel do cerimonial por se tratar de um ato solene, e o cerimonial assumiu isto. A gente começou a trabalhar junto e foi mudando uma série de coisas [...] se trabalhou muito o roteiro e as formaturas se tornaram menos cansativas, mais organizadas de todas as maneiras (10/09/2015).

Além disto, Silva referiu que a reorganização do cerimonial em relação ao tempo de

⁷¹ Conforme a ex-Diretora do DECORDI, Denise Coutinho, o diploma, antes desta data, era entregue no guichê do DECORDI/PROGRAD, até 30 dias após a realização da colação de grau. Coutinho explicou que a decisão em introduzir a assinatura na cerimônia foi resultado da observação da entrega do diploma nos guichês. Segundo a depoente afirmou “[...] eu conheço muitos professores desta universidade e a maioria deles eram paraninfos, e eles sempre diziam: ‘deixa eu fazer uma festa para entregar estes diplomas, tal.’ E eu dizia: não posso, porque eu tenho que entregar estes diplomas depois da cerimônia, isto é uma questão legal”. E comecei a estudar a legislação para isso, pois o formado levava a namorada, os pais, bolo, faziam fotos, aí eu dizia: realmente eles querem fazer deste ato de assinatura do diploma e entrega do diploma uma festa; por que não na solenidade de colação de grau? E comecei a pensar nisto a fim de viabilizar o procedimento. Estive num casamento no interior do estado onde o juiz de paz entregou a certidão de casamento aos noivos na hora; e eu perguntei ao juiz de paz como ele fazia: ‘eu registro automaticamente, eletronicamente’. Então eu disse: é isto que a gente tem que fazer. Então era isso que tínhamos que fazer; falei com o procurador, falei com todo mundo, falei com o CPD; levei a proposta ao reitor e vice-reitor, dizendo que nós poderíamos entregar os diplomas na solenidade de colação de grau, tendo em vista se tivéssemos um registro eletrônico e expliquei o processo. E foi possível entregar o diploma com valor legal e jurídico, o ato se consumava ali.

fala dos oradores e autoridades da mesa

[...] provocou uma valorização de todas as falas, do orador da turma, do paraninfo, do diretor e do reitor. Se percebeu os alunos se esmerando para fazer um discurso coerente que tivesse a ver com aquele momento, os paraninfos deixando de querer dar uma aula para, realmente, fazer um discurso voltado para os formandos e a direção, também, com um discurso voltado para a importância de cerimônia (10/09/2015).

A reestruturação do ritual das cerimônias levou em consideração um fator fundamental em eventos de qualquer natureza: a medida do tempo. Pinheiro esclarece que o cerimonial

[...] se visto enquanto processo, é um encadeamento de ações protocolares e ritualísticas, inerentes ao cumprimento de objetivos, previamente estabelecidos, a serem concretizados num determinado espaço de tempo [...] Tanto de um lado como de outro, o tempo e sua potencialidade é que são atributos indispensáveis para o êxito de tudo o que se propõe a ser solene (2014, p. 78).

Constatada a desorganização da cerimônia, este processo remeteu à reflexão em relação à desorganização do espaço público. Fez-se um questionamento neste momento de análise dos dados deste tópico: poderia se enveredar, enquanto Universidade, para um caminho irreversível, caso não fossem tomadas as medidas adequadas? Esta breve indagação representou um norteador das entrevistas, a fim de procurar entender a importância e significado da solenidade para os depoentes. Evidenciou-se que os entrevistados entendem o momento da colação de grau como um evento de grande significado para o concludente, para os familiares e para a Universidade. Silva Filho identificou dois momentos nas solenidades, ao afirmar que “[...] até um certo tempo tem a formalidade, e depois passa para a celebração. Pessoalmente eu fiz alguns discursos mais técnicos no início, e depois entendi que tinha que ser um discurso mais sentimental [...] é o que vai conectar com o que as pessoas estão sentindo” (15/10/2015). Além disto, sintetizou-se a reorganização do cerimonial na observação de Silva que enfatizou “foi um marco, se retomou o protocolo tradicional do cerimonial da formatura”.

Em 2008, entrou em vigência na Universidade, o Programa de Ações Afirmativas⁷² que alterou significativamente o perfil dos ingressantes e, conseqüentemente, dos egressos.

⁷² O Programa de Ações Afirmativas, em vigência na UFRGS desde 2008, incorporou-se a um singular ciclo de políticas inclusivas adotadas por um grupo de universidades federais pioneiras. A reserva de vagas para estudantes de escolas públicas e autodeclarados negros e indígenas alterou de modo significativo o perfil dos ingressantes no ensino superior público, seja quanto à origem escolar, seja quanto a sua condição econômica. Fonte: Relatório bianual do programa de Ações Afirmativas permanência e desempenho discente 2013-2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acoesafirmativas/relatorio/relatorio-2015/relatorio-caf-2015/view>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

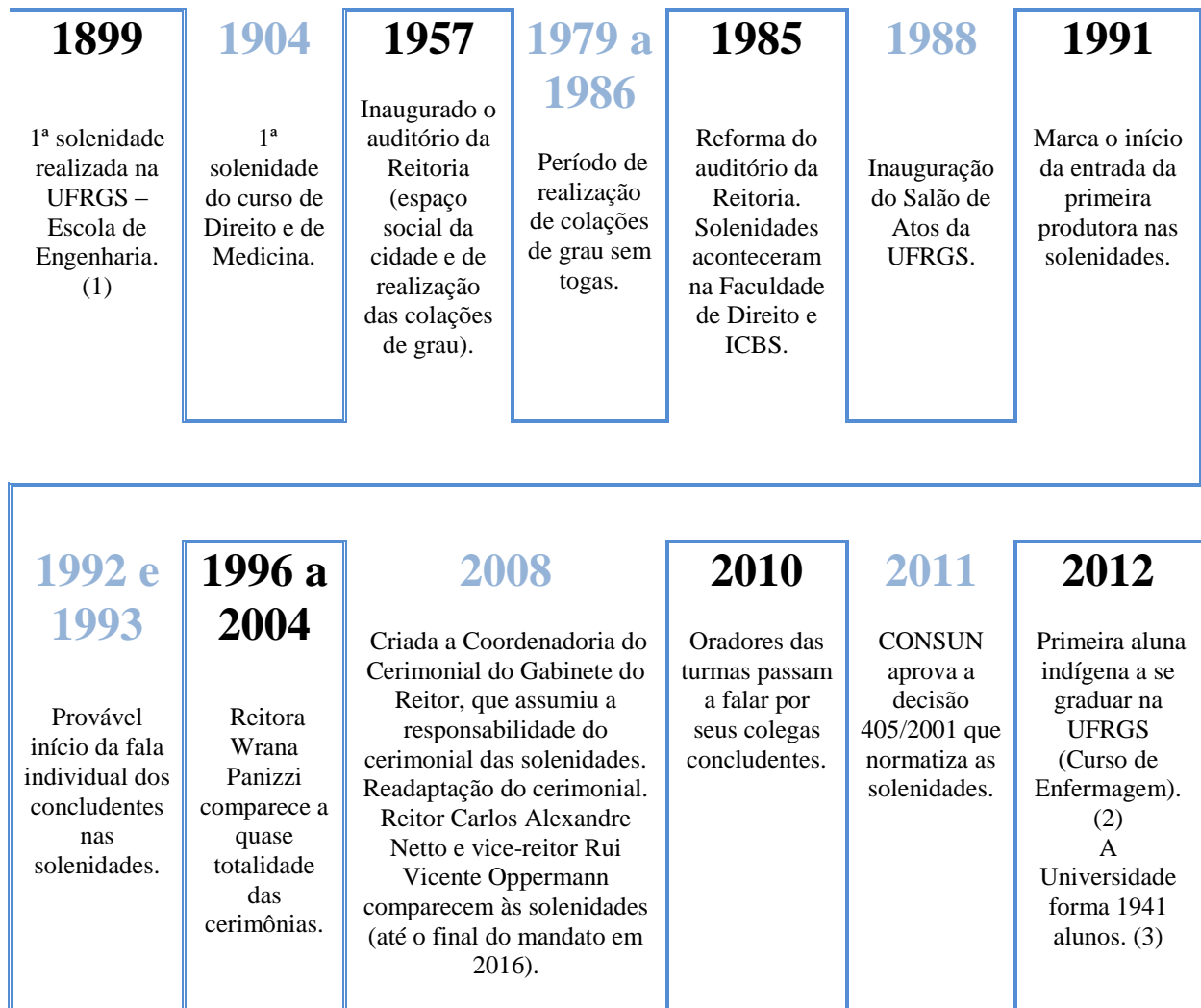
Neste mesmo ano é criada a Coordenadoria de Ações Afirmativas⁷³ na UFRGS – CAFF/UFRGS – com a responsabilidade de coordenar o processo de implantação das ações afirmativas no espaço acadêmico. Após quatro anos, em 2012/2, na solenidade de colação de grau do curso de Enfermagem foi outorgado o grau à primeira concludente indígena da UFRGS, Denize Letícia Marcolino⁷⁴, oriunda do povo kaingang⁷⁵. Foi organizada uma celebração com alguns rituais indígenas nas dependências da Escola de Enfermagem que antecedeu o ato oficial. A colação de grau aconteceu no Salão de Atos dentro do ritual acadêmico da Universidade, com a devida referência às origens da graduanda. Em 2014, graduaram-se os indígenas João Anilton, em Direito, e Dorvalino Cardoso, em Pedagogia, e, em 2015, colou grau Lucíola Maria Inácio Belfort, em Medicina.

A partir de 2012, as solenidades transcorrem normalmente, sem alusão à ausência das falas dos concludentes. Foi perceptível a qualidade dos discursos dos oradores e Oppermann reiterou que “as formaturas adquiriram uma profundidade no sentido de que os discursos hoje são discursos muito mais refletidos” (23/09/2015).

⁷³ O termo *Ação Afirmativa* se refere a um conjunto de políticas públicas de uma determinada sociedade para a proteção de minorias e grupos discriminados no passado. A ação afirmativa visa remover barreiras, formais e informais, que impeçam o acesso de certos grupos ao mercado de trabalho, a universidades e a posições de liderança. O Programa de Ações Afirmativas da UFRGS tem como objetivo ampliar o acesso destes grupos sub-representados a todos os cursos de graduação da Universidade, redimensionando teorias e metodologias acadêmicas na produção de conhecimento; promover um espaço plural, resultado de diferentes trajetórias; garantir a permanência dos alunos ingressantes por esse sistema, por meio de programas de bolsas, ampliação de vagas de moradia estudantil e aumento do acervo bibliográfico, entre outras ações. Este Programa reafirma o compromisso da UFRGS com políticas que colaborem para a redução das desigualdades sociais e econômicas, permitindo uma igualdade de oportunidades para que mais jovens oriundos de escola pública possam ingressar no ensino superior público. O processo de democratização de acesso na UFRGS teve seu início em 2008/1 com a matrícula de 522 alunos por reserva de vagas, sendo 88 autodeclarados negros, 434 egressos do ensino público e 9 alunos indígenas. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acoesafirmativas/acoes-afirmativas/historico-do-programa-na-ufrgs>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

⁷⁴ Denize Letícia Marcolino foi a primeira indígena diplomada na UFRGS. Da maior aldeia gaúcha, a Kaingang, Denize recebeu o certificado de enfermeira das mãos do reitor Carlos Alexandre Netto. A graduanda ingressou na Universidade em 2008 pelo sistema de cotas. Denize decidiu estudar Enfermagem a fim de mudar a realidade da aldeia onde morava com os pais e dois irmãos, a 600 quilômetros da capital. Segunda ela, “infelizmente, o atendimento lá ainda é precário”, afirmou. Ela foi a primeira da sua comunidade a ter formação superior na área da saúde. Disponível em: <<http://www.ceert.org.br/noticias/educacao/2773/ufrgs-forma-primeira-indigena>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

⁷⁵ A cultura Kaingang se desenvolveu à sombra dos pinheirais, ocupando a região sudeste/sul do atual território brasileiro. Há pelo menos dois séculos sua extensão territorial compreende a zona entre o Rio Tietê (SP) e o Rio Ijuí (norte do RS). Atualmente, os Kaingang ocupam pouco mais de 30 áreas reduzidas, distribuídas sobre seu antigo território, nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com uma população aproximada de 34 mil pessoas. Sozinhos, os Kaingang correspondem a quase 50% de toda população dos povos de língua Jê, sendo um dos cinco povos indígenas mais populosos no Brasil. Disponível em: <http://www.portalkaingang.org/index_povo_1default.htm>. Acesso em 14 mar. 2016.



Quadro 7 – Linha do Tempo Colações de Grau na UFRGS: 1992 – 2012
Fonte: Autoria própria. 08 mar. 2016.

1. A EEng graduou quatro alunos: dois engenheiros agrimensores e dois engenheiros de estrada (HASSEN, 1996).
2. Foi realizada cerimônia na Escola de Enfermagem com a presença dos integrantes da tribo que contemplou os rituais indígenas. No Salão de Atos, foi realizada a solenidade conforme ritual da UFRGS.
3. Em 2012, a UFRGS graduou 1.941 alunos (Dados obtidos a partir do relatório da Coordenadoria do Cerimonial do Gabinete do Reitor).

4.3 A COLAÇÃO DE GRAU DOS CURSOS DE ENGENHARIA, ENFERMAGEM E COMUNICAÇÃO

Para a obtenção deste título na UFRGS, seja de bacharel ou de licenciado, é necessário que o aluno faça a solicitação. Esta solicitação é dirigida à Comissão de Graduação (COMGRAD)⁷⁶ do curso que após recebimento do conceito final indica se o mesmo está apto

⁷⁶ Conforme artigo 48, parágrafo VII, do Estatuto da UFRGS, “Compete à Comissão de Graduação: aprovar e encaminhar periodicamente à Direção da Unidade a relação dos alunos aptos a colar grau.” Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/consun/legislacao/documentos/estatuto-e-rgu-2015>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

ou não a colar o grau. A partir da indicação do aluno estar apto, a direção da unidade dá continuidade ao processo de colação de grau com a abertura da ata dos concludentes que realizarão o ato no Salão de Atos ou em Gabinete, já indicados pela COMGRAD. Na resolução 11/2013, do CEPE, que estabeleceu as normas básicas de graduação, no Capítulo V “da diplomação e colação de grau”, estão descritas, do artigo 54 ao 59, as regras para a colação de grau.

Ao discorrer sobre um espaço público, como é a UFRGS, é fundamental destacar que ambas as cerimônias devem ser realizadas na presença de autoridade legal e de testemunhas, para que o ato seja consumado. No Regimento Geral da Universidade, está descrita esta atribuição do cargo de reitor, no artigo 30, da seguinte forma:

O Reitor exercerá também as seguintes atribuições: II - presidir aos atos de colação de grau em todos os cursos e à entrega de diplomas, títulos honoríficos e prêmios conferidos pelo CONSUN, podendo delegar tais atribuições a dirigentes de Unidades Universitárias; (...) IX - conferir graus, expedir diplomas, certificados acadêmicos e títulos honoríficos (UFRGS, 2015).

Como visto anteriormente, as solenidades eram realizadas no âmbito das unidades universitárias ou em outros espaços. Hennemann confirma esta assertiva ao dizer que “[...] a nossa formatura foi realizada no auditório Araújo Vianna⁷⁷” (02/10/2015), espaço cultural da cidade de Porto Alegre, localizado no Parque Farroupilha próximo à Reitoria da UFRGS.

As solenidades realizadas pela Escola de Engenharia sempre respeitaram o ritual estabelecido. As cerimônias aconteciam conforme a Universidade se posicionava, e nas entrevistas realizadas com a direção atual da Unidade e egressos foi apontado que as solenidades sempre tiveram um caráter solene. O depoente Vinícius, da comissão da Engenharia Civil de 2015/2, traçou uma comparação entre as solenidades de Engenharia da UFRGS e de outras instituições de ensino e observou que “[...] já fui em outras universidades, faculdades, e dá para ver que a da UFRGS é algo mais sério, mais solene” (07/10/2015).

Na Escola de Enfermagem, há um símbolo em especial que é a lâmpada, conforme comentado em capítulo anterior, o qual sempre fez parte do rito da colação de grau. Conforme

⁷⁷ Palco de shows e espaço de manifestações políticas, assembleias ou de palestras de personalidades renomadas como o Nobel de Literatura José Saramago, o Auditório Araújo Vianna faz parte da história cultural de Porto Alegre. Localizado no Parque Farroupilha, foi inaugurado em 1964 e, na época, era um espaço ao ar-livre. Nos anos 90, foi construída a cobertura que o prédio possui hoje. Em 1997, o Parque Farroupilha foi tombado como Patrimônio Histórico e Cultural do Município e, como parte integrante do Parque, o Auditório passou a ter sua preservação garantida. Em 2005, o auditório foi desativado devido à precariedade da cobertura. Em 2007, com a coordenação institucional da Prefeitura de Porto Alegre e realização da Opus Promoções – produtora que administra o espaço, em conjunto com a Secretaria da Cultura de Porto Alegre, o novo auditório inicia a reforma e, em 2012, é aberto ao público.

Agostini, “[...] nossa atenção de formandos e formandas era a questão da lâmpada [...] a minha experiência de três universidades que eu conheço, existe a lâmpada na formatura” (24/09/2015). Peirano, ao expor as fundamentações para o seu conceito de ritual, diz que “[...] o ritual expande, ilumina e ressalta o que já é comum a um determinado grupo” (2003, p. 10). Neste sentido, a lamparina é tão significativa para enfermeiros e enfermeiras, seu significado é compartilhado no ritual da colação de grau com um público diversificado. A lamparina usada por Nightingale nos campos de guerra se transformou num pequeno ritual dentro do cerimonial da solenidade após 1995⁷⁸ e, conforme apontou Garcia, incorporou-se à solenidade, “[...] a questão da lamparina que se entrega na Enfermagem começou em Pelotas e em Rio Grande e veio para a UFRGS e da UFRGS foi para a PUC” (26/09/2015).

Os rituais oportunizam a visualização de momentos de transmissão de valores e de conhecimentos entre o grupo e para quem assiste, além de reproduzir as relações sociais (PEIRANO, 2003). Transformado em ritual, o símbolo, neste caso a lâmpada, passou a ter o sentido renovado na cerimônia e Pedro descreveu o ritual da lâmpada adotado “[...] um aluno que está se formando passa (a lâmpada) para o aluno que vai ser formar no próximo semestre, e o que passa diz: *vai manter acesa a chama que ilumina os ideais da nossa profissão*” (24/09/2015).



Figura 5 – Colação de grau da Enfermagem 2009/1 – Ritual de Passagem da Lâmpada⁷⁹

⁷⁸ Conforme entrevista, é a data provável de início deste ritual na UFRGS.

⁷⁹ Ritual realizado e texto lido nas solenidades por ocasião da passagem da lâmpada: Orador acende a lâmpada que estava no púlpito e a entrega para a enfermeira já diplomada que a entregará para o acadêmico dizendo: “É com muita honra que eu, enfermeira (fulana de tal), representando a turma de graduandos do curso de Enfermagem (ano de graduação/semestre), passo a lamparina para a próxima turma de graduandos, para que sejam guardiões da chama que ilumina a nossa profissão”. O concludente recebe a lâmpada, dizendo: “Eu, (cita

Fonte: Arquivo POA Produções – 05 abr. 2016.

Com a desorganização das solenidades em relação ao tempo e à forma⁸⁰, a comissão dos alunos para colação grau, em conjunto com as produtoras de eventos, tinham liberdade de definir alguns aspectos do rito. Os passos básicos do ritual eram respeitados, mas a forma da cerimônia, muitas vezes se alterava para estes cursos. A criatividade e a liberdade na época oportunizavam a realização de solenidades que extrapolavam o caráter solene. Santos, graduada em Relações Públicas, referenciou que era uma característica da FABICO realizar o ato da solenidade com temas diferenciados.

Não tinha assim uma normativa, eu quis dizer, de como acontecer a solenidade, o que podia e o que não podia. Era uma coisa, pelo que me lembro, não tinha uma normatização. Só tinham alguns acordos, tanto é que a gente pode definir tudo: se a gente ia de toga ou não ia de toga, se a gente queria que fosse chamado pela ordem alfabética ou se um amigo chamava outro amigo. Toda a questão de como seria a solenidade naquele momento foi definida pela turma, não tinha um acompanhamento, nenhuma ingerência de um setor específico como tem agora e que faz toda a questão cerimonial. Tinha mais a questão, assim, do protocolo, quem tinha que estar à mesa, de que forma. Era mais isso que o pessoal do cerimonial, na época, eu nem sei se tinha o nome do cerimonial, que organizava. [...] e a gente consultou se eles queriam usar toga ou não e eles não quiseram, os próprios homenageados disseram que não faziam questão, até porque tinha o Giba Assis Brasil que era do cinema, ele disse que: “nem pensar que ele iria usar toga” e tal. Então eu acho que foi uma coisa assim mais de combinação mesmo com os homenageados. Daí como não tinha nenhuma obrigatoriedade na época, a gente definiu: os alunos quiseram usar toga, podia escolher na época se queria usar toga ou não queria, os alunos quiseram usar toga, e, na mesa, os homenageados não queriam usar toga, e aí a gente resolveu não usar. E aí cada um usou a roupa que queria. [...] Então, eu me lembro, que uma turma anterior a nossa, fez um show de calouros no dia da formatura (SANTOS, 10/11/2015).

Com estes relatos, percebeu-se que as solenidades obedeceram a um ritual básico, mas que se transformavam e se alteravam na realização de diversos cursos.

seu nome), acadêmico de Enfermagem, representante da turma de graduandos (próximo ano/semestre), recebo esta lamparina e prometo manter acesa a chama que ilumina os ideais de nossa profissão”.

⁸⁰ Conforme identificado pela pesquisadora, na análise dos relatos, este período de desorganização inicia em 1991, com término em 2009, principalmente pela inclusão da fala dos alunos.

5 OLHA SÓ! VALEU A PENA! É UM MARCO NA MINHA VIDA! – COLAÇÃO DE GRAU, RITUAL E MEMÓRIAS

O Salão de Atos da UFRGS está repleto de familiares e de convidados; as autoridades que comporão a mesa estão prontas para ocuparem seus lugares; os futuros graduados estão perfilados. Chegou o momento tão esperado, após anos de estudos: a colação de grau. Os concludentes lembram sua entrada na Universidade, sua trajetória de vida, suas expectativas e as dos familiares. Em questão de minutos, fazem uma releitura do passado. O retorno aos momentos anteriores vivenciados (que passam em suas mentes) com o momento do ritual presente se confundem e se tornarão, em breve, em lembranças. Nas entrevistas, os depoentes trouxeram as memórias de seu ingresso na Universidade. A seguir, trechos das manifestações:

Tem aqueles ritos antigos [...] tanto de entrada como de saída, que tinha toda uma preparação. O cara, sessenta dias antes (de entrar na Universidade), eles entravam e tinha que usar um chapéu de calouro durante um tempo, depois tinham umas festas, isso dava mais intensidade, pois ia criando uma expectativa para o momento que a formatura iria acontecer (SILVA FILHO, 15/10/2015).

O ser aprovado no vestibular e passar a ser aluno também tinha um ritual que aproximava as pessoas. [...] Nós tínhamos chapéus, o da Engenharia era de outra cor e escrito ENG e o nosso era escrito ENF. E o ritual de receber o “chapéu de bicho”, como se chamava, a turma anterior que fazia isto para quem estava chegando, quem ia se formar recebia os novos que estavam chegando. E durante um período tinha que andar com o chapéu na rua, onde andasse tinha que estar com o chapéu, e como se circulava muito a pé ou de bonde, as pessoas sabiam que este (com chapéu) recém entrou na Faculdade. Em Coimbra é assim até hoje. Eu estive lá e achei muito interessante as capas, todos que estão de capa estão entrando, de qualquer cor. E o coroamento desta passagem de ser calouro era uma festa que primeiro era um desfile na Rua da Praia e na Avenida Salgado Filho: a gente saía da Reitoria e ia caminhando, e tinha um período, duas ou três semanas. Mas tinha este ritual e isto também não acontece mais. Então, entrar tinha um significado, era muito importante, tu era vista, uma valorização pessoal, a fulana da Medicina com chapéu verde, fulana da Enfermagem ou da Engenharia e assim tu te identificavas na rua. Eu lembro que na época eu era bolsista na Reitoria e não podia andar com o chapéu, tinha que guardar o chapéu e eu “morria de raiva” de tirar o chapéu porque era muito significativa a história do chapéu (AGOSTINI, 24/09/2015).

Isso porque, conforme afirma Halbwachs (1990), há uma relação entre memória e presente: não se revive o que passou, mas, a partir do contexto em que o indivíduo se encontra, faz-se uma releitura do passado. A propósito, o autor também compreende que o indivíduo realiza a ação de lembrar, mas que esta se sustenta no interior de um grupo, “[...] diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 1990, p. 51).

Relacionar memória e solenidades de colação de grau é, portanto, trabalhar

envolvendo relações entre indivíduos e grupos - “[...] ninguém se recorda exclusivamente de si mesmo” (CATROGA, 2001, p. 45) -, e trabalhar em um território movediço. Como aponta Gondar, a memória social se constitui como “[...] um campo múltiplo e móvel” (2005, p. 18).

Uma constatação, no entanto, pode ser feita: memórias não são coisas fixas e pode-se trabalhar com estas como construções a partir da realidade. Neste caso, implica em trabalho permeado por uma série de condicionantes, como relações sociais diversas e poder, postulados num grupo de pertencimento no qual se determina o que deve ser lembrado ou esquecido. O grupo, então, é suporte social que confronta a memória individual com a coletiva.

O funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente [e de pessoas] [...] para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras (HALBWACHS, 1990, p. 72).

Neste sentido, pode-se entender os alunos concludentes constituindo grupos acadêmicos. Por exemplo, as refeições de grau agregam valores como reconhecimento, prestígio, poder, merecimento; o concludente, como membro de um determinado grupo social, utiliza as convenções sociais que lhe são disponibilizadas. Pode-se remeter ao que Halbwachs (1990) denominou como comunidade afetiva, tendo em vista a adesão ao grupo.

O quadro social não é somatório de memórias individuais. Portanto, a memória não é ponto de partida, mas sim, construída e apropriada pelo indivíduo em interação com outros indivíduos no grupo. Assim, pode-se entender a memória social como algo em movimento, na medida em que é (re) construída.

Ao se trabalhar as memórias das solenidades de colação de grau, exercita-se a reconstrução de momentos e, sendo assim, reconstitui-se o movimento e vivências destes eventos e não, simplesmente, uma repetição de fatos e que entende o tempo e o espaço como “localizadores” das lembranças ao afirmar “[...] quando nos lembramos [...] há um contexto de dados temporais a que esta lembrança está ligada de alguma forma” (HALBWACHS, 2006, p. 124). Logo, temos a possibilidade de que a lembrança tome forma, complete-se e ressurja no presente. Partiu-se então para a realização de conversas com alguns atores destas solenidades com a finalidade de melhor compreender o significado deste momento.

Para mim é uma grande honra ter passado pela fase de aluna, formanda, a fase de professora, formadora de outros profissionais, e depois como diretora fazendo a solenidade, era uma realização maravilhosa. Passar pelo ritual solene era muito importante, eu tenho uma alegria muito grande, ver a emoção das pessoas no

auditório, daí a gente se coloca no papel de pai e mãe. É uma coisa que a UFRGS proporcionou para mim, maravilhosa, ter podido galgar estas etapas de formação (AGOSTINI, 24/09/2015).

Candau (2009) argumenta que não se pode afirmar que atos memoriais coletivos (comemorações, narrativas, mitos) e incluem-se aí as refeições de grau, atestem memória compartilhada. O fato de um grupo se dar os mesmos recursos memoriais não indica se partilham as mesmas representações. O que é dito, escrito ou pensado não necessariamente daria conta de memória coletiva. Candau (2009) afirma existir uma metamemória, ou seja, reivindicada, ostensiva. O autor expressa: “[...] porque é uma memória reivindicada, a metamemória é uma dimensão essencial da construção da identidade individual ou coletiva. Em sua forma coletiva, é a reivindicação compartilhada de uma memória que se supõe ser compartilhada” (CANDAU, 2009, p. 51).

Como estudar o grupo de concludentes então? Candau apontou para observar como os indivíduos compartilharam e cooperaram e “assim se identificaram”, substituindo o “quem se parece se junta”, por “quem se junta se parece” (CANDAU, 2009, p. 56).

O significado da formatura tinha também esse sentido de ‘estar junto’ nas atividades feitas pela comunidade [...] ter contato com os professores e diretores, quem eram os paraninfos? Quantas vezes se repetiam? [...] o envolvimento dos homenageados, por que alguns professores nunca sequer foram lembrados? [...] eu via o envolvimento dos professores, o companheirismo que se estabelecia. Eu conhecia muitos alunos nas formaturas, era um momento de estar em contato com eles (PANIZZLI, 30/09/2015).

A (re) construção da memória das solenidades, no período indicado nesta pesquisa, deu-se através das lembranças do ritual e dos ritos (re) vivenciados de forma individual ou em grupo extraídas dos depoentes. Portanto, os rituais auxiliam na construção da história, do tempo e da memória.

Os rituais estão presentes nas trajetórias de todos os povos, sendo realizados com diferentes finalidades e constituídos por gestos simbólicos repetitivos (os ritos), abarcando diversas expressões. Conforme Rodolpho é “[...] através da repetição e da formalidade, elaboradas e determinadas pelos grupos sociais, que os rituais demonstram a ordem e a promessa de continuidade destes mesmos grupos” (2004, p. 139).

A palavra rito é de origem latina, “ritus”, cujo significado é regras, ritos (THISEN, 2014). Para Cazeneuve, o rito “[...] é um ato que pode ser individual ou coletivo, mas que sempre é bastante flexível para comportar uma margem de improvisação, permanece fiel a certas regras que constituem precisamente o que já nele de ritual” (1990, p. 10). Nessa

perspectiva, rito indica uma ordem estabelecida, dá prioridades, valoriza o sentido do que é importante (TERRIN, 2004).

O ritual vem a ser um processo onde vários momentos, conjuntamente, dão forma a uma mudança de situação, uma passagem ou um novo estado (social ou econômico). Estes vários momentos são os ritos que, com suas especificidades e ritualísticas, transformam este transcurso em uma nova condição. Van Gennep (2011) em sua obra, conforme apresenta Da Matta, não privilegia o momento culminante de um rito, ele insere o ápice de um ritual como “[...] uma fase de uma sequência que sistematicamente comporta outros momentos e movimentos. [...] O estudo do momento anterior e do momento posterior é fundamental para o entendimento do ritual” (VAN GENNEP, 2011, p. 17). É necessário esclarecer que rito, ritual, cerimonial e ritualística são palavras que se confundem em um ritual; a ritualística é tudo o que é próprio de um ritual e compreende a interpretação correta dos símbolos, a roteirização, os elementos simbólicos. O cerimonial dá a forma ao processo do ritual o qual, aliado ao tempo e a simetria, estabelecerão os parâmetros adequados para a concretização do processo.

Em se tratando de símbolos, Tillich expressa que “[...] aquilo que toca o homem incondicionalmente precisa ser expresso por meio de símbolos, porque apenas a linguagem simbólica consegue expressar o incondicional” (1985, p. 30). Assim, o símbolo é uma forma de comunicação que pode ser um gesto, uma ação, um movimento, o qual vale pelo seu significado. Para o autor, o símbolo possui cinco características:

- (i) indica algo que se encontra fora deles; (ii) faz parte daquilo que ele indica; (iii) leva a níveis da realidade que, não fosse ele, permaneceriam inacessíveis; (iv) abre dimensões e estruturas da nossa alma que correspondem às dimensões e estruturas da realidade; e, (v) não podem ser inventados arbitrariamente (1985, p. 31-32).

Desta forma, nas colações de grau, o concludente, as autoridades e convidados vivem uma experiência própria do “universo acadêmico” a que nenhum conhecimento teórico poderá substituir. Os símbolos nacionais e acadêmicos e os gestos utilizados permitem o entendimento ritualístico dos participantes e assistentes no espaço ao qual estão inseridos.

O ritual de colação de grau de graduação ocorre em sessão solene, organizado por uma instituição de ensino superior, com cerimonial específico, como já foi discutido anteriormente. É regido por uma ritualística (cerimônia) com uma sequência lógica de eventos na qual há uma dinâmica de utilização de símbolos e sua interpretação, uma forma específica de manifestação coletiva e significações (conteúdo do rito) e uma codificação. A eficácia do ritual da colação de grau se dá na repetição do rito a diferentes grupos de concludentes. A

colação de grau é um ritual de caráter cívico e, como tal, tem linguagem ritualística na qual os símbolos substituem as palavras, envolvendo a práxis, a ação e a comemoração.

Em Van Gennep, é apresentado o conceito sobre ritos de passagem como sendo “[...] sequências cerimoniais que acompanham a passagem de uma situação a outra, e de um modo (cósmico ou social) a outro” (2011, p. 29). Portanto, temos sempre alguém ou algo em movimento. Van Gennep (2011), no decorrer de sua obra, indica esta situação, pois examinou os rituais a partir da totalidade do conteúdo da cerimônia, não partindo da individualidade.

Nesta mesma linha de entendimento, para Turner (1974), o ritual é uma manifestação repleta de representações e simbologias, onde os participantes deste processo expressam os valores do grupo. O autor entende que sem a representação simbólica não há possibilidade de desenvolvimento de um ritual ou um ambiente propício à realização do ato de ritual. Turner (idem) recorreu ao termo liminaridade que Van Gennep⁸¹ (2011) destacou em sua obra, para indicar que o ritual se realiza, sobretudo, num momento liminar:

Os atributos de liminaridade, ou de *personae* (pessoas) liminares são necessariamente ambíguos, uma vez que esta condição e estas pessoas furtam-se ou escapam à rede de classificação que normalmente determina a localização de estados e posições num espaço cultural. As entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial. (TURNER, 1974, p. 117)

Assim sendo, tempo, espaço e indivíduos diferem naquele momento da vida cotidiana, há uma ressignificação em função do ambiente simbólico que transforma o status do grupo. Neste processo, há um espaço de separação (onde o indivíduo se separa do seu cotidiano) e, posteriormente, ocorre a agregação (a reintegração à sociedade). O antropólogo Turner (1974) observou que, neste momento liminar, os indivíduos têm uma predisposição a desenvolver um sentimento de grupo, de igualdade, que o autor define como *communitas*, no entendimento da modalidade da relação (e não de uma área da vida comum).

Ao falar em rito, observaram-se dois elementos associados a este termo: forma e conteúdo. A forma permite a visualização de todos os passos do ritual, e está relacionada com a estética e movimento, já o conteúdo remete ao discurso ou gestos que dão a significação do evento. Portanto, o ritual comunicará simbolicamente o sistema de cultura de um povo ou grupo (PEIRANO, 2003).

No momento da colação de grau é realizada a passagem de estudantes para

⁸¹ Arnold Van Gennep, em “Os Ritos de Passagem” (2011), apresenta, a longo da sua obra, três momentos característicos do rito: primeiro, uma separação das condições sociais prévias; segundo, um estágio liminar de transição; e por terceiro, um período de incorporação a uma nova condição ou reagregação à antiga.

profissionais. Mesmo que já exerçam uma profissão, passarão a ter uma nova condição. É esta passagem, de apresentação de novos profissionais, de entrada em um novo cenário, que leva à compreensão deste ato acadêmico como um ritual de passagem. Os rituais marcam a transição de uma pessoa ou de um grupo para uma nova etapa da vida, como se evidencia numa colação de grau.

Para os estudantes, pra eles, o significado da formatura era o fato de que eles estavam cumprindo uma etapa na sua vida, a etapa de graduação num curso de graduação que abriria todo outro campo de atividades, de estudos, de trabalho e tudo mais. Então, para o estudante, tem esse significado: o significado que ele está passando para uma outra etapa da vida e que ele venceu aquela etapa. Para os que estão na plateia que, em geral, são familiares, eu diria que também é ver a vitória do seu familiar, ver que ele atingiu um determinado ponto, que ele está sendo reconhecido pela sociedade como sendo um indivíduo que está sendo a ele concedida, atribuída uma licença da instituição (HENNEMANN, 02/10/2015).

5.1 A RITUALÍSTICA DAS COLAÇÕES DE GRAU

Para Peirano, uma das características fortes no ritual é a repetição. Para a autora, ritual é definido como

Um sistema cultura de comunicação simbólica. Ele é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas sequências têm conteúdo e arranjos caracterizados por graus variados de formalidade [convencionalidade], estereotípiia [rigidez], condensação [fusão] e redundância [repetição] (2003, p. 11).

Sem sombra de dúvida, os ritos trazem uma repetição ou sequência de atos que identificam o evento. Avelar argumenta que o “[...] rito pode ser diretamente associado com a memória de uma sociedade ou de uma cultura” (2012, p. 54). Um evento, ao ser repetido por muitas gerações sem modificar seu significado, vem a se tornar um rito. A autora ainda propõe que “[...] a partir de sua execução, nos momentos oportunos, o passado daquele grupo social é resgatado, numa manutenção de identidade cultural por meio da memória presentificada”.

Ao falar-se em colação de grau, o ritual da cerimônia é lembrado através de uma sequência de ritos: entrada solene das autoridades, entrada solene dos concludentes, execução do hino nacional, imposição do capelo, discursos dos oradores e paraninfo, discurso do reitor ou da autoridade por ele delegada e o encerramento. O ritual tem a característica peculiar da repetição e a reprodução sistemática de pequenos ritos permite que se torne um acontecimento único que, na memória do(s) grupo(s) participantes da cerimônia/solenidade, seja lembrado

como um momento ímpar na vida de cada participante; até podem ser realizados ajustes para uma atualização de procedimentos, mas entende-se que o processo não sofrerá prejuízo. Em algumas declarações dos entrevistados, pode-se perceber esta situação:

Comparando a participação como vice-diretor e como aluno, eu percebo um ritual extremamente tradicional, a sensação que eu tenho é que poucas coisas mudaram (RODRIGUES, 01/10/2015).

A cerimônia, ela mudou, teve avanços, mas comparada com 82 não mudou muito, a diferença é que tem toga, se usa a vestimenta mais cerimoniosa, mais tradicional, mas as falas são basicamente as mesmas que haviam naquele período, o que existe hoje é um controle muito melhor de tempo das falas, acho que facilita bastante, e claro, toda a questão do uso de mídias durante a formatura que na época não existia, não tinha vídeo, não tinha saudação aos familiares, se chamava, a gente ia lá, recebia o diploma, sentava, não tinha muitos abraços e nem nada; o ritual era um pouco distinto comparado com o que nós temos hoje, mas o corpo principal da solenidade se mantém o mesmo (NETTO, 23/11/2015).

Um fator a observar é o contexto político-social em que a Universidade se insere e que se reflete nas solenidades. Conforme alguns depoentes, durante as décadas de 1970 a 1990, não existia liberdade verbal nos discursos de oradores de turma e paraninfos, isto devido ao cenário político nacional. Outra questão é a entrada da tecnologia nas solenidades, na década de 1990, em paralelo ao avanço tecnológico nacional. Também foi trazida a questão da acessibilidade, igualdade de gênero e o acesso a negros e indígenas. Alguns depoentes fizeram menção às situações em décadas anteriores ao período de recorte desta pesquisa e a um possível cenário:

Não existiam as produtoras. A gente se auto-organizava, tinha pouca inferência em como organizar a cerimônia (SILVA FILHO, 15/10/2015).

Existia uma liberdade de protocolo muito grande, teve casos de formatura da comunicação que eles transformaram num programa de auditório (SILVA, 10/09/2015).

Na transição de 1980 para 1990 tinha a presença do reitor. Era toda aquela solenidade e os discursos eram muito contidos, mesmo que os alunos estivessem contra os professores, contra a instituição, contra o sistema, eles não falavam, o discurso do aluno era fechado. [...] Nós que nos formamos em 1970 [...] e também não se permitia comentar nada, naquele ano da nossa formatura, pelas questões de governo da ditadura, uma colega nossa foi presa (AGOSTINI, 24/09/2015).

Quando começaram a fazer filmagem e fotografias em maior quantidade e tudo começou a ser permitido no contexto da Universidade a 'coisa' se comercializou. É investido muito na imagem [...] então todo mundo quer gravar. E começaram a surgir empresas de formatura, casamento (PEDRO, 24/09/2015).

A questão da acessibilidade impactou, pois era: ‘em pé se possível’, mudou alguma coisa, agora é “em posição de respeito” e aí a gente tem que estar sempre antenado, se adaptando, e tem outra coisa: “os bacharéis e bacharelas”, o feminismo conquistou algumas coisas e até na nossa fala, como a gente reproduz, eu vejo que o reitor e vice têm este cuidado de dizer: ‘Boa noite a todos e a todas’, em inferência aos homens e as mulheres é uma questão de igualdade (RODRIGUES, 01/10/2015).

Com o desenvolvimento da sociedade, com o comportamento das pessoas na sociedade, esse ato foi se alterando, ele não se manteve estaque (HENNEMANN, 02/10/2015).

Nas solenidades de colação de grau, por aproximadamente duas décadas, foi considerada como tradição do ritual a fala de todos os concludentes. Esta inserção da fala iniciou por volta de 1992 e interferiu nos rumos de todas as solenidades. Considerando que “[...] falar também é uma forma de agir” (PEIRANO, 2003, p. 11), esta ação em palco ensejava um relacionamento entre graduandos e plateia. Da tribuna, em muitas vezes, eram feitos pequenos discursos que não identificavam o objetivo da solenidade, em outros momentos havia um reconhecimento institucional e familiar. Mas, neste ínterim, a medida de espaço de tempo por não ser aferida adequadamente oportunizou o descontrole e o desconforto do ritual. Apesar de a Universidade ser um espaço propício à discussão, (i) a liberdade de expressão e (ii) as diversas manifestações, por se tornarem repetitivas em seu conteúdo, descaracterizavam o ritual. A forma com que se apresentava o ritual gerava reações diversas.

Conforme as manifestações dos depoentes, era visível que, por parte dos alunos e alguns familiares, havia a satisfação por aqueles minutos de fala, para grande parte do público a demora da cerimônia, em consequência dos minidiscursos, gerava desconforto e, para as autoridades, havia um contraponto que ao mesmo tempo em que demonstrava um indício de desorganização do espaço e do ato também indicavam a caminhada do graduando. Era entendida por parte das autoridades acadêmicas a importância das manifestações, mas se fazia necessário desvincular as manifestações particulares das públicas, ou seja, a fala neste ritual deveria expressar o sentimento unificado dos concludentes. Este rito de expressão verbal nas solenidades se destacou por anos e representou um período singular.

Verificou-se o marco deste período nas indicações a seguir extraídas dos depoimentos:

92 então ainda era o auge das falas, em 92 já falava e muito, e choravam e pediam pessoas em casamento lá no palco, era uma exposição, um momento que as pessoas aproveitavam para dizer coisas, e ali não é o momento, ali devia ser formal, eu achava que era não adequado, eu achava que devia ser formal, e ele ficava muito informal (MOURA, 01/10/2015).

Eu sempre fui favorável a que eles falassem, e isso eu disse agora que fui paraninfa, é um ato da palavra. A Universidade trabalha com a palavra, com a palavra escrita e com a palavra falada. E quem tem direito à palavra? Os professores? Ou quem tem direito à palavra são todos que compõem a Universidade? (PANIZZI, 30/09/2015).

A mudança que se fez de acabar com a fala individual e se deu realmente nos oradores ou orador da turma, criou uma fluidez maior na cerimônia e isto ajudou também e ajudou até em relação ao custo, porque eram menos horas que os alunos tinham que pagar pelo material (SILVA, 10/09/2015).

Tu 'ouve' alguns discursos que as pessoas fazem reflexão sobre a profissão que eles estão ingressando no mercado de trabalho, agradecem à UFRGS pelo ensino, isso tudo são informações valiosíssimas para o gestor, porque mostra o acerto que a gente tem em promover numa universidade pública um ensino dessa natureza e tal (OPPERMANN, 23/09/2015).

O cerimonial permanece quase o mesmo, a diferença é que agora os alunos só são chamados e não têm mais o seu momento de agradecimento. Eu acho que isto perde um pouco, é um momento em que o estudante consegue dizer algumas coisas que acho que são importantes para a instituição. E fazer alguns agradecimentos públicos mesmo: agradeço à sociedade que bancou a minha estada aqui. [...] ela é realmente uma prestação de contas; e eu acho que os estudantes poderem falar, dá uma mostra de quem a gente formou efetivamente, o que pensam estes sujeitos que a gente formou aqui dentro, que, às vezes, o discurso do orador não consegue dar conta disto (FERNANDES, 08/09/2015).

Começaram as proibições na PUC e, na UFRGS demorou um pouco, acho que por uma questão administrativa da Reitoria que estava aí, ou por ser pública, não sei, eu sei que não podia. Daí a gente começou a ter muitas reclamações da própria comunidade, do público, enviando e-mails para a produtora, tio, tias, senhoras, dizendo que a gente devia diminuir o tempo de formatura, e a gente dizia que o tempo de formatura é do cerimonial da UFRGS, que não é a produtora, não é a POA que define. [...] Nós tivemos uma formatura que se tornou histórica, Medicina da UFRGS, que foram 6h e 10 min de formatura, que começou às 17h10min e terminou às 23h20min (GARCIA, 26/09/2015).

Quatro horas para sessenta alunos, era algo. Quando eu era convidado por algum formando e não era homenageado, só o professor, eu ia depois. Se a formatura começava às 18h eu ia lá pelas 21h. Toda a parte da cerimônia, ninguém mais ficava muito, a não ser o pessoal que era obrigado por alguma circunstância. Então, perdeu-se a solenidade também porque as pessoas não participavam, chegavam lá pra dar um abraço, ninguém tinha paciência pra aguentar tudo. Então daqui a pouco as pessoas estão com a cabeça em outro lugar, começam a conversar, começam a falar, não tão dando a menor atenção. Então, a cerimônia, ela se perdeu na sua formalidade e na sua autoridade, uma cerimônia, ela é uma cerimônia formal (OPPERMANN, 23/09/2015).

5.2 A EXPRESSÃO SIMBÓLICA DAS COLAÇÕES DE GRAU

As colações de grau marcam um momento decisivo na vida do estudante: ser apresentado à sociedade como profissional. E o ritual desta passagem celebra este momento. Em artigo, Brêtas *et al* (2008, p. 405) expõe que

[...] certas etapas do ciclo da vida do ser humano são solenizadas em todas as sociedades por meio de rituais. [...] Os rituais e cerimônias distinguem-se das demais atividades societárias por serem realizadas de maneira formal, seguindo padrões estabelecidos pela tradição. Distinguem-se, também, por sua natureza simbólica e por se realizarem em ocasiões específicas e períodos determinados.

Portanto, o rito é um encontro com uma condição. O rito de passagem remodela relações sociais através do resgate simbólico. Apesar da falta tempo e do excesso de tecnologia vividos atualmente, as pessoas continuam a se organizar em atos e participar de rituais. Estas celebrações também têm a função de anunciação, no momento em que uma solenidade torna pública a nova condição do (ex) aluno.

É um rito de passagem que concretiza este simbolismo: do que significa se tornar um profissional. Acho que é importante e, ao mesmo tempo, torna pública (RODRIGUES, 01/10/2015).

A cerimônia tem que fazer o aluno entender que foi uma caminhada e que tem um ponto de mudança de status importante, um rito de passagem (SILVA FILHO, 15/10/2015).

Da mesma forma que o trote é um rito de passagem de entrada na universidade, a colação de grau, todo o cerimonial, é o rito final de nova passagem, a passagem para o mundo adulto, profissional (SILVA, 10/09/2015).

Sendo assim, o ritual é totalmente visual: o traje usado pelos futuros concludentes e autoridades, o canudo, o chapéu, onde é identificado o resgate simbólico. Há um “elemento comunicativo implícito” em todos estes aspectos. De acordo com Peirano, ao propor uma conceituação de ritual, “[...] ao nos vestirmos de determinada forma, ao assumirmos determinadas maneiras à mesa [...] estamos comunicando preferências, status, opções” (2003, p. 10).

[...] é maravilhoso colocar a toga, aquele chapéu que estraga os penteados, mas todo mundo adora colocar o chapéu, o canudo, então tem vários símbolos que vêm à mente. [...] coloca o chapéu, é uma emoção, chegam a chorar, tem esta simbologia que tu estás entregando pra ele o poder, uma permissão, uma inserção social, um status social de ter uma profissão, de ter um diploma, um reconhecimento diante dos pares, da família, meu pai está vendo eu receber: “a vos confiro o grau”, isto tem poder (ANA MARIA, 12/09/2015).

Eu acho bem simbólico o uso da toga, porque quando eu me formei a gente optou por não usar a toga, mas eu me arrependo agora. (TEN CATEN, 15/10/2015).

Pode-se estabelecer uma analogia deste ritual acadêmico a um rito religioso ou rito

semelhante, onde se realizou uma “conversão” do concludente e, neste rito de passagem, com a conferência do grau e juramento, poder-se-ia descrever como um “batismo”, ele foi transportado para uma “nova comunidade”, qual seja, a profissional. Esta “nova condição” o coloca sob a atuação de um código de ética profissional passível de sanções, caso haja alguma infração, neste caso, poderia ser “banido” do grupo.

A veste reitoral, assim como os trajes usados pelas autoridades docentes, confere, naquele momento, o poder e a representação da sabedoria, ou seja, a indumentária representa este poder simbólico e alimenta o imaginário do público e, possivelmente, de quem a veste. A vestimenta, por momentos, passa a ser maior que o indivíduo, ela é o símbolo do saber acadêmico. Nesta direção, entendeu-se que tanto o reitor quanto as demais autoridades acadêmicas e os concludentes estão investidos das responsabilidades oriundas do ato em questão.

A vestimenta, nas colações de grau, exemplifica uma das características apontadas por Tillich (1985) quando o autor expressa que o símbolo faz parte daquilo que indica, do que se depreende, que não é tão somente a pessoa que está sendo honrada pelo título que detém ou que receberá, mas o que está representando naquele exato momento. Pode-se alegar que, atualmente, muitas pessoas não identificam desta forma e que não seria necessário realizar as cerimônias neste formato. Porém, são os rituais que, com ritos e cerimoniais, permitem que se perpetuem os significados dos atos significativos em uma história de vida.

Estes símbolos informam que é um momento diferenciado, no qual, visivelmente, o concludente está se deslocando de um patamar para outro. E estes símbolos acadêmicos se perpetuam por terem sido aceitos, de forma consciente ou não, por uma comunidade, neste caso, a comunidade acadêmica. Mesmo que tenham sido criados por um indivíduo, há milhares de anos, ou por um grupo, a aceitação só se deu pela unanimidade na aceitação. Portanto, o símbolo tem essa característica de permitir o entendimento do fato ou daquele ritual. O espaço acadêmico das solenidades se torna, então, acessível a todos que comungam aquele espaço, torna-se palpável, uma vez que sai do âmbito do inacessível e vem para o presente (TILLICH, 1985).

É oportuno retomar a questão do rito da passagem da lâmpada realizado nas solenidades do curso de Enfermagem, conforme apresentado no Capítulo 4. A lâmpada, símbolo do referido curso, incorpora outro símbolo naquele momento que aponta para o “mito da enfermeira ideal”, representada pela profissional Florence Nightingale. A linguagem não-verbal expressa que os concludentes seguirão aquele ideal e os prováveis graduandos buscam na Academia a formação para chegar a formação ideal.

5.3 OS ELEMENTOS COMEMORATIVOS DAS COLAÇÕES DE GRAU

Nesta demarcação, tanto em nível individual como coletivo, entra outro enfoque do ritual: a celebração ou comemoração. Neste trabalho, estas palavras serão utilizadas como sinônimos a fim de discorrer sobre este aspecto do ritual. Para Cardoso, a comemoração

[...] não é apenas uma rememoração de um evento do passado, digno de memória. (...) etimologicamente, a palavra comemoração, advinda do latim, *commemoratio*, tem esse significado de um processo ativo e dirigido (*ratio*) da memória, um fazer lembrar, a partir de uma posição indicada pelo prefixo *co*, de conjunto, por extensão, *social*, coletiva (1998, p. 2).

A autora aborda o ato de comemorar também como

[...] um processo ativo e dirigido da memória coletiva, a partir do presente, configura-se como um poder de integração de sentidos, que é social, de uma reconstrução de uma identidade do evento, que deve ser digna de memória. Enquanto processo ativo e dirigido da memória, é seletivo, sempre a partir do presente. [...] Pode-se dizer que a comemoração, ou o ato de comemorar, organiza o evento passado, a partir de um tempo histórico que é sempre o do presente (1998, p. 2).

França, em seu artigo, expõe que “[...] nosso mundo tem necessidade de ritos modernos e positivos, de cerimônias reposicionadas, originais e entusiásticas, de reencontros profundos com a morte e o renascimento simbólicos” (2011, p. 1).

A solenidade de colação de grau é palco de comemorações, é marco comemorativo, neste caso, do rito de passagem. Comemoração que contribui com a manutenção da memória do ritual. Celebração esta que vem carregada de sentimentos e desejos, de satisfação pela conquista de um novo degrau. É importante salientar que, atualmente, as cerimônias vêm se transformando em espetáculo, através da busca de recursos midiáticos diversificados e, conseqüentemente, o momento da celebração se transforma, em grande parte, em investimento tecnológico, o que promove um esvaziamento do significado da solenidade. Acredita-se ser este um convite à reflexão sobre as solenidades de colação de grau.

A celebração de um ato acadêmico como a colação de grau se posiciona entre o passado e o presente. O passado que traz toda a ideia de cerimonial e ritual, de passos ordenados a serem seguidos, e o presente, com a visualização do rito de passagem de mais um grupo de concludentes. E, pode-se ir mais além, ousando dizer que naquelas poucas horas de convivência, foi possível observar, como afirma Peirano, que “[...] por meio da análise de rituais, podemos verificar aspectos fundamentais de como uma sociedade vive, se pensa e se

transforma” (2013, p. 51).

As nossas formaturas também não podem perder esse caráter simbólico, cerimonialista mesmo, uma cerimônia, quase uma cerimônia ao redor de fogueira mesmo. O ser humano começou se juntando ao redor de uma fogueira, com certeza. Então quando a gente faz uma cerimônia, nada mais é do que essa celebração do coletivo, acho muito bonito isso (OPPERMANN, 23/09/2015).

É importante aquele momento, aquele ritual, que aquela celebração diga um pouco do que é a UFRGS, do que é essa instituição, tão grande, tão importante e tão transformadora (NETTO, 23/11/2015).

Segundo Rios:

A universidade é um mundo privado, onde seu início e fim são marcados por rituais que lhes abrem as portas, em festas públicas. [...]. A formatura, como observado, é uma festa performática, que extravasa sentimentos, comunica conquistas e anuncia futuros profissionais. É neste ritual que o jovem se despede da vida de estudante para encarar a de profissional (2010, p. 8 e 153).

Avelar, por exemplo, trouxe em seus artigos (2007, 2012) questionamentos sobre a verdadeira essência de uma solenidade de colação de grau bem como a relação de símbolos, ritos e imaginário nestes eventos.

A universidade é um [senão o] ambiente que deve proporcionar formação humanística, profissional e crítica ao indivíduo [...]. Não há espaço nela à convivência ou à complacência de comportamentos que possam gerar falsos valores ou que sejam apenas uma reprodução superficial de puro caráter simbólico ou protocolar. (2007, p. 151).

Trataram-se de contribuições fundamentais para o entendimento da realização das solenidades. Mas este espaço de realização do ritual na UFRGS demonstrou ser, através das declarações dos entrevistados um espaço não só de reflexão, mas de aprendizado, de celebração, de agradecimento, de identificação de envolvimento, de prestação de contas à sociedade (pelos impostos pagos), enfim, uma avalanche de emoções e ponderações pela totalidade do público. Portanto, ninguém permanece indiferente ao ritual.

Naquele momento da formatura uma pessoa externa à Universidade pode, nestas duas horas, adquirir uma visão interessante e multifacetada do que é de fato a Universidade através do depoimento dos alunos, dos professores e da própria fala dos dirigentes (NETTO, 23/11/2015).

Eu observei que a plateia em geral não gosta de críticas. Tanto é que quando eu rebatia as críticas eu sentia uma aprovação das pessoas. Porque as pessoas querem é realmente celebrar aquele momento, e sempre acham que ‘bom, as críticas se faz em outro momento, durante o tempo do curso’ (HENNEMANN, 02/10/2015).

É o momento de emoção para os familiares, de emoção para os formandos, mas é um momento também da obrigação do fazer acadêmico para a Universidade (ROSA, 10/09/2015).

É o momento que tu tens para mostrar para os familiares que tu conquistou uma coisa realmente importante, é um reconhecimento para mim (SANTOS, 10/11/2015).

Com a ambivalência dos sentimentos no espaço do evento, identificou-se que ocorre, por parte das autoridades acadêmicas, uma reflexão do momento, uma análise dos segmentos do público e, por parte dos concludentes e plateia, a tônica é a celebração. Celebração que traz à memória o esforço empregado para que aquele indivíduo transformasse sua condição, e que a comemoração daquele momento, independente de valores dispendidos, retrata que “valeu a pena”.

5.4 ESPAÇO DA CELEBRAÇÃO: OS ELEMENTOS E OS SENTIMENTOS

O espaço físico onde se realizam as solenidades de colação de grau se transforma momentaneamente⁸² em lugar de celebração e de memória. Os elementos cívicos (bandeiras), decorativos (cenário) e acadêmicos (logo da Universidade) perfazem o conjunto da solenidade que somados as pessoas (autoridades, concludentes e público) será celebrado através de um ritual e ficarão gravados na memória. Este espaço de celebração é único e significativo em uma solenidade, visto que cada turma definiu os elementos que compuseram aquele espaço e, desta forma, o ambiente ficou impregnado com a marca individual e coletiva do grupo (HALBWACHS, 1990). O entorno material, como indica o autor, permite rememorar a circunstância vivenciada. A localização dos móveis, dos símbolos nacionais e acadêmicos, da mesa de autoridades, a disposição das cadeiras dos graduandos, etc., este coletivo imóvel complementa o quadro de memória que apesar de *não falar* estabelece uma comunicação não-verbal, classificada como uma sociedade imóvel e muda (HALBWACHS, 1990). A imagem espacial contribui de forma significativa na construção da memória coletiva e, sendo assim,

Não é uma simples harmonia e correspondência entre o aspecto dos lugares e das pessoas. Mas cada objeto encontrado, e o lugar que ocupa no conjunto, lembram-nos uma maneira de ser comum a muitos homens, e quando analisamos este conjunto, fixamos nossa atenção sobre cada uma de suas partes, é como se dissecássemos um pensamento onde se confundem as relações de uma certa quantidade de grupos

⁸² Este adjetivo foi usado em relação ao tempo de duração das solenidades e em relação ao espaço físico, visto que outros eventos são realizados no mesmo espaço. Portanto, há uma transformação para adequar o lugar a solenidade/cerimônia a ser realizada (Nota da pesquisadora).

(HALBWACHS, 1990, p. 132).

Na UFRGS, o espaço físico de realização das solenidades é o Salão de Atos, e nos dias de realização destas solenidades, desde que foi o Salão reinaugurado, a localização dos elementos tem se mantido no mesmo formato como forma de organização e identificação da cerimônia. Inclusive, nos ensaios que precedem a realização das solenidades, os elementos imóveis já são localizados no ambiente do Salão, a fim de que se aproxime o máximo possível do que acontecerá no dia da colação de grau. Na imagem a seguir, identificou-se a disposição no ambiente:



Figura 6 – Disposição dos elementos e símbolos na colação de grau.
Fonte: Difoccus Produções e PoA Produções

Como foi possível perceber, a disposição é semelhante nas respectivas épocas, diferenciando-se no aspecto decorativo e na localização da tribuna (quando aconteciam as falas individuais, a tribuna estava localizada à direita do palco, e ao ser readaptado o cerimonial, sem a manifestação individual, a tribuna passou a ocupar o lado esquerda do palco). Com este lugar transformado, o espaço se revela como um ambiente de poder, de sabedoria, mas também de celebração do ritual acadêmico.

Ao se coletarem os depoimentos, por diversas vezes, os depoentes indicaram a celebração como uma das tônicas principais do ritual. Nesta pesquisa, foi possível constatar que todos os públicos envolvidos, de uma forma ou outra, foram impactados por algum tipo de sentimento.

O aspecto da festa, da alegria da cerimônia, quando fala em celebração, isto é inerente ao momento da formatura (NETTO, 23/11/2015).

Eu sou muito solene para algumas coisas [...] a presença de alguns ritos que demonstram que aquilo que é uma solenidade de colação de grau, algum formalismo, mas ao mesmo tempo a alegria e a espontaneidade, eu percebia a celebração da conquista (FERNANDES, 08/09/2015).

Hoje é uma solenidade formal, é uma FOR-MA-TU-RA, então tem que ser FOR-MAL. Mas ela pode ser alegre, mas não é para ser festiva, uma coisa é alegre e outra coisa é fazer festa, a festa tu faz depois, lá na recepção. Ela pode ser alegre, pode ter uma música que emocione ou fique alegre, uma homenagem aos pais diferente, isso eu acho muito legal dentro de uma solenidade, ela ser alegre. Ela é um cerimonial, é um rito e todo rito, se virar uma bagunça, vai perder a importância e vai me prejudicar até como empresa. Então eu, como empresário, tenho que manter o rito, o rito é a tradição que chama a atenção, que dá o *glamour* para a solenidade, no momento que virar uma festinha qualquer, aí faz uma festinha aqui e outra ali e acaba com o rito da formatura, então tem que ser formal e alegre, mas não festiva.[...] A linha formal, que é a linha antiga da cerimônia é muito linda. E fazer as pessoas se emocionarem são duas coisas para uma combinação perfeita na formatura (GARCIA, 26/09/2015).

Para a UFRGS, ela é um ato solene, mas eu acho que, para os formandos, ela é muito mais uma comemoração, uma celebração mesmo (D'AVILA, 07/10/2015).

Mas seriam as solenidades de colação de grau apenas um espaço de ritual e de celebração? Os depoimentos e a pesquisa bibliográfica revelam que este espaço ritualístico comunicou (e transmite) muito além da visualização de elementos e de cumprimento de um cerimonial. Como afirmou Netto, o depoente percebeu a oportunidade em cada cerimônia de apresentar a Universidade, de prestar contas para a sociedade por entender que “aquele ritual, aquela celebração traduz um pouco do que é a UFRGS, do que é essa instituição, tão grande, tão importante e tão transformadora” (23/11/2015).

Para melhor entendimento, dividimos em três segmentos de público: (i) concludentes, (ii) mesa de autoridades e (iii) plateia composta de familiares e amigos. Os concludentes, público-alvo da cerimônia, uniram-se num propósito de celebrar a conquista de quatro, cinco ou seis anos. Na realidade, o que se observou é que o ato de conclusão do curso já ocorreu no momento da divulgação do conceito final, como alegaram os integrantes da comissão de graduandos da Engenharia 2015/2, e o ato de colação está mais ligado à celebração do que ao recebimento do diploma. Conforme o graduando Vinícius, a solenidade passou a ser um “divisor de águas e um marco na vida do aluno” (07/10/2015). Oppermann alegou que “a melhor definição para solenidade é a comemoração de uma transição entre ser aluno e ser profissional. Isso tem que ser comemorado como uma cerimônia de iniciação” (23/09/2015).

Santos corrobora este pensamento quando identificou o significado daquele momento, ao dizer: “[...] passei e estou aqui, conquistei meus objetivos e estou realizando o meu sonho de estar formada (10/11/2015)”. Segundo a depoente, são momentos e sentimentos que revelam um período de aprendizado e de vivência e por isso, a solenidade se tornou um marco importante. Para ela, naquele momento, são evocados valores

[...] pessoais, de superação, de buscas, de objetivos, de troca. Tu não vai sair mais a mesma pessoa, entra com uma história, com uma bagagem. E a questão do reconhecimento, da gente chegar lá e poder dizer para a população: “olha só valeu a pena esse investimento, essa coisa do estar aqui numa universidade pública, de ter aproveitado, a gente está aqui dando”, é quase como se fosse um depoimento de que valeu a pena aquele investimento público que a universidade proporciona pra tantas pessoas, de uma possibilidade de crescimento profissional-acadêmico, mas muito pessoal também (SANTOS, 10/11/2015).

Este espaço de realização do ritual na UFRGS demonstrou ser, através das declarações dos entrevistados, um espaço não só de reflexão, mas de aprendizado, de celebração, de agradecimento, de identificação, de envolvimento, de prestação de contas à sociedade (pelos impostos pagos), enfim, uma avalanche de emoções e ponderações pela totalidade do público. Identificou-se que ninguém permaneceu indiferente ao ritual. Para aqueles que já participaram (ou participam), em algum momento, da mesa de autoridades é a representação da instituição. Hennemann visualizou, como participante, na condição diretor da EEng, que estava “[...] cumprindo uma tarefa frente à sociedade, entregando à sociedade um grupo de pessoas com formação que vai trabalhar para o progresso do país, da sociedade, progresso social e seu próprio crescimento” (02/10/2015). E, neste momento, através dos discursos, também ficou claro que as solenidades servem como lugar de aprendizado e de conhecimento. Netto, como reitor atual da instituição, declarou que “[...] a gente aprende um pouco mais sobre as universidades, uma coisa que revela muito aquilo que a gente está fazendo na Universidade são os discursos, principalmente dos estudantes e do paraninfo” (23/11/2015).

E em relação à plateia composta por familiares e amigos foram evidenciadas variantes de emoções, desde a efusão de aplausos, gritos, e utilização de instrumentos sonoros até o choro de familiares. Santos, da comissão atual do curso de Enfermagem (2016/1) que, com expectativa, esperava a realização da sua colação de grau, declarou: “[...] é o momento que tu tens para mostrar para os familiares que tu conquistaste uma coisa realmente importante, é um reconhecimento para mim” (06/10/2015). Desta forma, este momento que ficará registrado na memória de vários públicos, não é só um fenômeno de interiorização, é um momento de construção social e coletiva (HALBWACHS, 1990). Com base nas entrevistas realizadas, foi

identificada a questão da celebração propiciar uma agregação familiar. Inclusive, conforme os deponentes, determinados familiares ou amigos, estiveram presentes em um ato desta natureza pela primeira vez. Com a mudança de perfil socioeconômico dos alunos na UFRGS, devido às ações afirmativas, esta situação tornou-se mais evidente e alguns concludentes representam a primeira pessoa da família a cursar uma universidade. Hennemann teceu comentário sobre isto “[...] as pessoas que vêm ali são, muitas vezes, pessoas que nunca entraram em uma universidade” (02/10/2015); opinião que Netto concordou e acrescentou outra observação ao dizer que aquele concludente, muitas vezes, é o primeiro indivíduo da família que está concluindo um curso de nível superior, e “[...] coloca a família num outro patamar de desenvolvimento humano” (23/11/2015). Isto significa um rompimento no ciclo familiar e a ascensão social e cultural deste indivíduo, e que poderá ter como consequência a ascensão do conjunto familiar.

Os sentimentos extravasados em uma cerimônia refletem a satisfação dos atores envolvidos, independente do esforço e sacrifício econômicos que tenham sido empenhados na realização da cerimônia. Há que se refletir sobre o antagonismo que se estabelece no espaço físico ao visualizar a celebração, com seus custos oriundos do agente externo e a vértice da universidade pública em “ser pública e gratuita” para aqueles que a usufruem. Esta reflexão foi questionada no decorrer das entrevistas, Rodrigues, por exemplo, levantou a questão se a UFRGS está “[...] olhando para esses alunos que estão entrando pelas cotas?” (01/10/2015), ao ter identificado na última solenidade que realizou (2014/2), o fato de que quinze alunos colaram grau em gabinete por não terem condições financeiras para arcarem com os custos da produtora deste tipo de evento. Para esta discussão, seria necessária a análise de outros fatores das solenidades os quais não são objetos diretos de estudo desta dissertação.

JOGANDO O CAPELO

A solenidade de colação de grau chegou ao final e, após a autoridade maior encerrar o ato acadêmico, os recém-graduados realizam o último movimento na cerimônia: jogar o capelo para cima como celebração do ato concluído e, também, como alusão a uma etapa da vida universitária que se encerra naquele momento. Um sentimento, no entanto, é comum e visível nos concludentes: a certeza de que foram necessários sacrifícios, renúncias e muito esforço para a realização da conquista do diploma de graduação.

No acompanhamento de concludentes, durante oito anos, observaram-se inúmeras reações: sorrisos, lágrimas, momentos de angústia, de alegria. Afinal, que ritual é este que permanece com grande significado para muitas pessoas, durante tanto tempo? Porque aquelas vestes diferenciadas, os símbolos acadêmicos (como o canudo e a beca) são objetos de desejo? Como a solenidade era antes e como é hoje? Foram perguntas simples como estas que inquietavam a pesquisadora e se transformaram em situações-problemas desta investigação.

A trajetória percorrida para o desenvolvimento do trabalho possibilitou mergulhar em um mundo ainda não registrado formalmente na UFRGS. Ao explorar o percurso do ato acadêmico de colação de grau, reconstruiu-se parte da memória das solenidades e acompanhou-se a entrada de produtoras de eventos com recursos tecnológicos nessas cerimônias na Universidade, agregando novos elementos, interferindo e quase que retirando da instituição de ensino superior a gestão deste último ato acadêmico.

As solenidades de colações de grau na UFRGS obedecem a uma ritualística específica, a partir do rito em que estão presentes símbolos que remetem à passagem de uma condição para outra, tanto intelectual quanto profissional. Nesta despedida que anuncia aquele/aquela que está pronto para ingressar no mercado de trabalho, ressignifica o mito ancestral que narra a sua transformação a partir do estudo e da construção de conhecimentos. Isto não implica em que todos os concludentes imediatamente encontrarão seu lugar no mercado de trabalho, ou que, realmente, tenham se transformado no tipo ideal de profissional. Mas é isto que está presente na narrativa, para mudar de condição de vida, são necessários muitos anos de estudo e a obtenção de um diploma. Dessa maneira, a entrada das autoridades e dos concludentes; a imposição do capelo com a outorga do grau, mediante chamada dos concludentes; os discursos dos oradores representantes da turma, do paraninfo e autoridades da mesa; o encerramento com o jogar-se o capelo para o alto, marca a distinção e a passagem para uma nova etapa.

Foram as narrativas dos depoentes que orientaram na resposta a um dos objetivos

específicos desta pesquisa no que se refere à reconstituição do ritual da solenidade. Mesmo que haja uma estrutura básica para as conclusões de grau, ao estudar os três cursos delimitados nesta investigação (Enfermagem, Engenharia e Comunicação) percebeu-se a presença de símbolo específico no rito do Curso de Enfermagem, ou seja, uma lamparina que é acesa, após o discurso dos oradores da turma de recém-diplomados, e entregue para o(a) aluno(a) da turma que se graduará no semestre seguinte. Esta lamparina, revestida de significado especial por ser o símbolo da Enfermagem, é traduzida como “a luz na escuridão”, conforme abordado no capítulo quatro, e o ritual tem se perpetuado nas várias solenidades, tanto na UFRGS quanto em outras universidades federais.

Nos cursos de Comunicação, observou-se que os futuros graduados buscavam um diferencial na sua colação de grau o que, muitas vezes, implicou na inobservância de regras previamente estabelecidas pelo cerimonial universitário e, por alguns anos, a irreverência fez parte do ritual das solenidades destes cursos.

Percebe-se a presença dos símbolos e ritos de tempos medievais em relação à colação de grau, reafirmando valores e retransmitindo-os. A partir da narrativa, informam quem eram, quem são e para onde querem ir os concludentes, perante a sociedade que os assiste naquele momento solene. Garantem e reforçam construções identitárias e apontam caminhos para as novas gerações.

A pesquisa ampliou a compreensão sobre o significado desta solenidade como rito de passagem, evidenciando a necessidade que o homem tem de ritualizar as várias etapas da sua vida, bem como socializar estes momentos. Ficou patente que a comunidade universitária comunga desta asserção uma vez que se percebeu a satisfação dos depoentes em cooperar na narrativa dos momentos de suas colações de grau e das informações que envolviam o tema. Todo cerimonial revivido, a análise do rito, dos símbolos, a (re) descoberta do espaço das colações de grau de ir além do cumprimento de um ato acadêmico, proporcionou, ao longo da investigação, reorganizações no pensar por parte da pesquisadora. Ao analisar o cerimonial (expressão simbólica, ritualística e elementos comemorativos) das solenidades de colação de grau destes cursos foi permitido avançar no reconhecimento da riqueza do mundo simbólico do espaço da cerimônia. Além disto, a discussão sobre a celebração nas solenidades, apontada como palco de emoções e sentimentos que se entrelaçam, acrescentou um viés para futuras reflexões como tornar este ato cada vez mais inclusivo nesta etapa fundamental da vida acadêmica (frente à natureza pública da Universidade).

Neste percurso, a percepção sobre as solenidades de colação de grau foi ampliada e, assim, foi construído um novo olhar em relação à realização deste ato, em termos do seu

caráter e dimensão. Desde a primeira solenidade, realizada em 1904, até 2012, este ato sofreu alterações ao longo do tempo, mas sempre mantendo sua dimensão ritual e simbólica: inicialmente com caráter extremamente formal; após, agregando, na cerimônia, um espaço para manifestações pessoais; e, por último, o retorno ao ato solene. Isto pode ser reconstruído, a partir dos relatos dos colaboradores da pesquisa. Marcos diferenciais nas solenidades, apontados pelos entrevistados, foram a presença assídua do reitor nas cerimônias, a permissão da manifestação individual de cada concludente, a supressão da fala dos mesmos e a entrada das produtoras no cenário das solenidades.

Entende-se, a partir dos resultados da pesquisa, que a metodologia empregada se mostrou adequada. Partiu-se da pesquisa bibliográfica para o entendimento do tema e, para compreensão do cerimonial e do universo das colações de grau, dialogou-se com os conceitos de rito de passagem, ritual e cerimonial. Não obstante a escassez de estudos sobre as solenidades, os poucos autores que têm se dedicado ao tema, ofereceram aportes significativos para a sua compreensão inicial e desenvolvimento da investigação. Acredita-se que se tem um campo de estudos em formação, tendo em vista o interesse que o tema vem despertando em diferentes áreas do saber, o envolvimento de cerimonialistas e de outros profissionais, das próprias instituições de ensino superior e do FORCIES (fórum de discussão sobre cerimonial universitário, apresentado no capítulo um).

Não ter encontrado um acervo documental específico sobre colações de grau na UFRGS, não foi empecilho para a continuação da pesquisa, pois as fontes foram produzidas a partir da História Oral, metodologia acertada que permitiu, a partir da técnica de entrevista temática, coletar narrativas de experiências dos agentes das solenidades. Estas foram lembradas de forma afetuosa por todos os depoentes e, inclusive, foi apontado que a entrevista serviu como momento de reflexão sobre o ato. Com certeza, a continuidade desta investigação no conjunto das unidades universitárias e, com ampliação do período, permitirá um registro apurado deste ato com a associação aos diversos momentos político-sociais e acadêmicos vivenciados pela Universidade.

Um dos tópicos abordados de forma mais significativa por todos depoentes, referiu-se à permissão que foi dada ao concludente de fazer uso da palavra na tribuna. A identificação do período que iniciou este momento, só foi possível frente à comparação das entrevistas realizadas. Esta deu os indícios do ano e período em que aconteceu o fato (segundo os depoimentos entre 1991 e 1992), como fruto do momento no qual a Universidade retornava às discussões dos mais diversos assuntos acadêmicos e políticos. Alguns depoentes trouxeram à tona a questão da (i) espetacularização que elementos tecnológicos, como excesso de imagens

e projeções, cenários de show e efeitos técnicos, possam descaracterizar o rito e o custo excessivo destas inserções impeça a participação de graduados na solenidade e, também, (ii) a preocupação da Universidade de que a cerimônia seja inclusiva, permitindo o acesso de forma gratuita e pública dos concludentes. Em relação à espetacularização da cerimônia, a Coordenadoria do Cerimonial tem envidado esforços (junto às Comissões dos alunos e às produtoras) e conta com a parceria da Pró-Reitoria de Graduação e do Salão de Atos para que os elementos incluídos não tornem a cerimônia tão dispendiosa que impeça a presença da maioria de concludentes, por questões de não possuir condições de investir financeiramente em sua colação de grau.

Conforme citado no capítulo quatro, o programa de Ações Afirmativas implantado na UFRGS trouxe um novo panorama social para a Universidade e teve reflexos nas cerimônias. Ou seja, esta política foi evidenciada no encerramento da vida acadêmica do graduando, como por exemplo, na introdução de ritual específico para concludentes oriundos de tribos indígenas (descrito no capítulo quatro).

A pesquisa reafirmou o acerto na tomada de decisão, por parte da Universidade, de localizar a coordenação das solenidades na Coordenadoria do Cerimonial do Gabinete do Reitor, e o retorno da cerimônia ao seu caráter formal.

Para registrar as memórias sobre as solenidades foi elaborado um *e-book* intitulado “*Memórias, rito e celebração: solenidades de colação de grau na UFRGS (1992-2012)*”, com as entrevistas dos colaboradores.

Por fim, entende-se que esta investigação deu um primeiro passo no estudo das colações de grau na UFRGS. Afinal, dez anos não traduzem a complexidade de um ato acadêmico como este na Universidade. Espera ter-se descortinado um caminho no sentido de que os gestores da UFRGS ou de outras instituições, bem como os profissionais que atuam no cerimonial universitário (e, em especial nas solenidades de colação de grau) reflitam e promovam discussões a respeito do significado destas cerimônias (principalmente nas universidades públicas) com o objetivo de um melhor aproveitamento didático deste espaço acadêmico.

Nesta caminhada investigativa, ainda há elementos que carecem de registros e análises tais como: trabalhos com cultura visual, a partir de imagens de colação de grau e dos quadros de concludentes que revestem as paredes de várias unidades universitárias; análise dos discursos de paraninfos e oradores que, por certo, retratam momentos da vida político-estudantil; estudo sobre solenidades realizadas em Gabinete (na direção das Unidades), entre outros. Certamente, estes tópicos enriqueceriam a discussão das relações estabelecidas (e que

se estabelecem) no processo das solenidades de colação de grau.

Após jogarem os capelos para o alto, e com o fechamento das cortinas do palco do Salão de Atos, os concludentes saem de cena. Seus familiares e convidados esperam ansiosos para cumprimentá-los. Todos comemorarão o grande feito e a nova condição daqueles que estão encerrando esta jornada. Porém, como é dito nos discursos de paraninfos e oradores, na verdade começam outra caminhada que também passará por ritualizações. Quanto à Universidade, abriu as portas para a saída de mais um contingente de futuros profissionais em um ato de entrega. Em um breve tempo, em cenário específico, carregado de símbolos e povoado por imagens, deu sentido novamente àquilo que é uma de suas principais funções social e acadêmica, como instituição pública a serviço da sociedade e comprometida com o futuro e com a consciência crítica, em diplomar cidadãos qualificados, construindo mais uma ponte entre si e a sociedade para a qual opera.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. "Ideias" e "fatos" na entrevista de Afonso Arinos de Mello Franco. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.); Alzira Alves de Abreu *et al.* **ENTRE-VISTAS: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1994, p. 33-65. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/193.pdf> Acesso em: 16 mar. 2015.

ANDRADE, Claudio R.B. **Um empreendimento de memória social: lembranças de funcionários e ex-funcionários sobre a TV Bandeirantes RS**. 2015. 107 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Bens Culturais) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais, Centro Universitário La Salle, Canoas, 2015.

ARANHA E SILVA, Renata Almeida de Souza. **O discurso do mestre-de-cerimônias: perspectiva dialógica**. 2007. 247 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica – São Paulo. 2007.

AVELAR, E. A. As raízes da cultura bacharelesca e a construção do imaginário da formatura. In: **Simpósio Pedagógico e Pesquisas em Educação**, 2006, Resende. Anais... Resende: Associação Educacional Dom Bosco, 2006. Cd-Rom.

_____. A prática da formatura na educação superior: apontamentos para uma reflexão. In: **Dialogia**. São Paulo, v.6, p.149-156, 2007. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/272756884_A_pratica_da_formatura_na_educacao_superior_apontamentos_para_uma_reflexao>. Acesso em: 22 mar. 2015.

AZZOLIN, Maria Lisabete Terra Azzolin. **Cerimonial universitário: instrumento de comunicação**. 2. ed. Maringá: Eduem, 2010.

BARBOSA, Juliana dos Santos. **O cerimonial na atividade de Relações Públicas**. Londrina. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/view/12758882/o-cerimonial-na-atividade-de-relacoes-publicas-portal-de-relacoes->>. Acesso em 1º abr. 2016.

BITTENCOURT, R. N. Apoteose bacharelesca e distinção social no ritual de formatura. In: **Revista Espaço Acadêmico**. Rio de Janeiro. Jun., n. 145, p. 81-83, 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/19541/11247>> Acesso em: 1º abr. 2016.

BOMENY, Helena. A reforma universitária de 1968: 25 anos depois. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 9, n. 26, p. 51-71, out.1994.

BRASIL. **Decreto 70.274**, de 09 de março de 1972. Brasília, Presidência da Republica, 1972. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D70274.htm > Acesso em: 03 mai. 2015.

BRÊTAS, J.R.S. *et al.* Os rituais de passagem segundo adolescentes. In: **Acta Paulista de**

Enfermagem, São Paulo, v. 3, n. 21. 2008. (p. 404-411).

CATROGA, Fernando. Memória e história. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001. (p. 43-69).

CANDAU, Joël. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. In: **Memória em Rede**, Pelotas, v. 1, jan./jul., 2009. p. 43-58. Disponível em: <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/memoria/article/view/5115/3819>>. Acesso em: 08 set. 2014.

CAZENEUVE, Jena. **Sociologia do rito**. Portugal: Rés, 1990.

COSTA, Everton de Brito Oliveira; RAUBER, Pedro. História da educação: surgimento e tendências atuais da universidade no Brasil. In: **Revista Jurídica UNIGRAN**, Dourados, MS, v.11, n.21, jan/jun. 2009. (p. 241-253).

DA COSTA, Grasielle Aires. O conceito de ritual em Richard Schechner e Victor Turner: análises e comparações. In: **Revista aSPAs**, São Paulo, v. 3, n. 1, 2013. (p. 49-60). Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/aspas/article/view/68385>>. Acesso em: 1º abr. 2016.

DUARTE, Aparecida Rodrigues Silva. Cultura acadêmica e cultura escolar: relações entre matemáticos e professores de matemática. In: **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba, v. 8, n. 25, set/dez. 2008 (p. 647-662). Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/dialogo?dd99=pdf&dd1=2438> > Acesso em: 23 abr. 2016.

ENGENHARIA UFRGS 1971. **Comemoração dos 40 anos de formatura**. Porto Alegre, 08 de Nov. 2011. Disponível em: <<http://engenharia71.blogspot.com.br/>> Acesso em: 08 jun. 2014.

FAVERO, M.L.A. A universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. In: **Educar**, Curitiba, n.28, mai./jun. 2006 (p. 17-36).

FLICK, Uwe. **Métodos de pesquisa: introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2009.

FORCIES, Associação Nacional dos Organizadores de Cerimônias Universitárias das Instituições de Ensino Superior Brasileiras. In: **História**. Disponível em: <www.forcies.com>. Acesso em: 04 set. 2014.

FRANÇA, Maria Ignez Teixeira. Ritos de passagem: como é difícil virar adulto. In: **Planeta**, edição, v. 403, 2006. (p. 78-82).

GARBELOTTI, Ray. **Texto sobre cerimonial, vestes talares, solenidades, eventos e mestre de cerimônias**. Curitiba: Imprensa Universitária da UFPR, 2015. Série Anotações - publicado no Informes do FORCIES.

GERHARDT, Tatiana; SILVEIRA, Denise; GIL, Antonio Carlos. In: **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009, p. 12.

- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- GONDAR, Jô, DODEBEI, Vera. Referências bibliográficas. In: _____. **O Que é memória social**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005. p. 11-26.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990 e Centauro, 2006.
- _____. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HASSEN, Maria de Nazareth Agra. FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. **Escola de Engenharia/UFRGS – Um Século**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1996.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 1, n. 1, 2012. (p. 9-43).
- LINS, A. E. **Evolução do cerimonial brasileiro: aulas e conferências**. Recife: Comunigraf Editora, 2002.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MATHEUS, Letícia. Memória e Identidade segundo Candau. In: **Revista Galáxia**. São Paulo, n.22, dez. 2011. (p. 302-306).
- MEIRELLES, Gilda Fleury. **Protocolo e cerimonial: normas, ritos e pompas**. São Paulo: Editora STS Publicações e Serviços, 2002.
- MENDONÇA, A.W.P.C. A Universidade no Brasil. In: **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.14, mai./ago. 2000. (p. 131-151).
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 32.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- MOREIRA, Sonia Virginia. Análise documental como métodos e como técnica. In DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008. (p. 269-279).
- PANIZZI, Wrana Maria. (Org.). **Universidade: um lugar fora do poder**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- PINHEIRO, Marcelo. **Cerimonial público para a Administração Pública**. Belém: Samauama, 2014.
- RAMOS, Cléia Normandina Silveira. **A colação de grau e o espaço público: o olhar do gestor**. Santa Catarina: Editora UFSC, 2015.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In: **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. São Paulo, 2003. (p.76-97).

REINAUX, Marcílio. **Curso cerimonial universitário**. São Paulo, 1998. (Apostila).

RIOS, Renata Lerina Ferreira. “A formatura na universidade: cerimônia ou espetáculo?”. Mostra de Pesquisa *da Pós-Graduação da PUCRS*, 4., 2009. In: **Anais**. Porto Alegre, EDIPUC/RS, 2009.

RODOLPHO, Adriane Luisa. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológico. **Estudos teológicos**, Porto Alegre, n. 2, v.44, p. 138-146, nov. 2004.

ROSSATO, Ricardo. **Universidade: nove séculos de história**. Passo Fundo: UPF, 2005.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Tradução: Maria de Lourdes Menezes, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Helenice Rodrigues da. Rememoração/comemoração: as utilizações da memória. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n.44, dez., 2002. (p.425-438).

SILVA, J. S. S. Cerimonial e protocolo na defesa de monografia dos cursos de graduação: um rito de passagem. In: **Revista Turismo & Sociedade**, Fortaleza, v.1, n.1, abr. 2008. (p. 43-52).

SILVA, Kalina Vanderlei, SILVA. Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009. Disponível em: <www.editoracontexto.com.br> Acesso em: 04 out. 2014.

SILVA, Pery Pinto Diniz da Silva. SOARES, Mozart Pereira. **Memória da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: 1934-1964**. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

SOUZA, Mariana Jantsch Souza. A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. In: **Revista Graphos**, João Pessoa, v.16, n.1, 2014. (p. 91-117).

TERRIN, Aldo Natale. **O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade**. São Paulo: Paulus, 2004.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. 3.ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1985.

THISEN, Graciela Fernandes. Ritos e Rituais: uma análise do ritual do judiciário. In: **Revista São Judas Tadeu**, Porto Alegre, 2014. (p. 154-171). Disponível em: <revista.saojudastadeu.com.br:8088/ojs/index.php/SJT/article/view/27>. Acesso em: 12 set. 2015.

TURNER, Victor. **O Processo ritual estrutura e anti-estrutura**. São Paulo: Vozes, 1974.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Estatuto e regimento geral**. Porto Alegre: UFRGS, 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/estatuto-e-regimento>>. Acesso em: 02 abr. 2015.

_____. **Regimento interno**. Porto Alegre: UFRGS, 1997. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cepe/regimento-interno>>. Acesso em: 08 abr. 2015.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Tradução de: Mariano Ferreira. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

VELLOSO, Ana. **Cerimonial universitário**. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

VIANA, Flávio Benedicto. **Universidade: protocolo, rito e cerimonial**. São Paulo: Lúmen, 1998.

VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski. **Tecnologia e efemeridade: um estudo sobre a cerimônia de formatura nas Universidades de Curitiba**. Curitiba, Paraná (2015). Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2004/anaisEvento/Documentos/CI/TC-CI0115.pdf>> Acesso em: 08 abr. 2016.

WANDERLEY, L.E.W. **O que é universidade?** São Paulo: Brasiliense, 2003.

FONTES ORAIS:

AGOSTINI, Sonia Maria. Pesquisa: Solenidades de colação de grau na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992 – 2012): memória, ritual e celebração. Canoas, Unilassale, set. de 2015. Entrevista concedida a Marcia Barcelos.

BORTOLINI, Anderson. Pesquisa: Solenidades de colação de grau na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992 – 2012): memória, ritual e celebração. Canoas, Unilassale, out. de 2015. Entrevista concedida a Marcia Barcelos.

D'AVILA, Vinícius Heck. Pesquisa: Solenidades de colação de grau na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992 – 2012): memória, ritual e celebração. Canoas, Unilassale, out. de 2015. Entrevista concedida a Marcia Barcelos.

FERNANDES, Letícia. Pesquisa: Solenidades de colação de grau na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992 – 2012): memória, ritual e celebração. Canoas, Unilassale, set. de 2015. Entrevista concedida a Marcia Barcelos.

GARCIA, Paulo Rogério Gross. Pesquisa: Solenidades de colação de grau na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992 – 2012): memória, ritual e celebração. Canoas, Unilassale, set. de 2015. Entrevista concedida a Marcia Barcelos.

HENNEMANN, José Carlos Ferraz. Pesquisa: Solenidades de colação de grau na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992 – 2012): memória, ritual e celebração. Canoas, Unilassale, out. de 2015. Entrevista concedida a Marcia Barcelos.

MOURA, Ana Maria Mielniczuk de. Pesquisa: Solenidades de colação de grau na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992 – 2012): memória, ritual e celebração. Canoas, Unilassale, out. de 2015. Entrevista concedida a Marcia Barcelos.

NETTO, Carlos Alexandre. Pesquisa: Solenidades de colação de grau na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992 – 2012): memória, ritual e celebração. Canoas, Unilassale, nov. de 2015. Entrevista concedida a Marcia Barcelos.

OPPERMANN, Rui Vicente. Pesquisa: Solenidades de colação de grau na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992 – 2012): memória, ritual e celebração. Canoas, Unilassale, set. de 2015. Entrevista concedida a Marcia Barcelos.

PANIZZI, Wrana Maria. Pesquisa: Solenidades de colação de grau na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992 – 2012): memória, ritual e celebração. Canoas, Unilassale, set. de 2015. Entrevista concedida a Marcia Barcelos.

PEDRO, Eva Neri Rubim. Pesquisa: Solenidades de colação de grau na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992 – 2012): memória, ritual e celebração. Canoas, Unilassale, set. de 2015. Entrevista concedida a Marcia Barcelos.

RODRIGUES, André Iribure. Pesquisa: Solenidades de colação de grau na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992 – 2012): memória, ritual e celebração. Canoas, Unilassale, out. de 2015. Entrevista concedida a Marcia Barcelos.

ROSA, José Francisco Machado da. Pesquisa: Solenidades de colação de grau na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992 – 2012): memória, ritual e celebração. Canoas, Unilassale, set. de 2015. Entrevista concedida a Marcia Barcelos.

SANTOS, Maria de Lourdes dos. Pesquisa: Solenidades de colação de grau na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992 – 2012): memória, ritual e celebração. Canoas, Unilassale, set. de 2015. Entrevista concedida a Marcia Barcelos.

SANTOS, Rosimeri Antunes dos. Pesquisa: Solenidades de colação de grau na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992 – 2012): memória, ritual e celebração. Canoas, Unilassale, nov. de 2015. Entrevista concedida a Marcia Barcelos.

SANTOS, Thalita Salvador dos. Pesquisa: Solenidades de colação de grau na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992 – 2012): memória, ritual e celebração. Canoas, Unilassale, out. de 2015. Entrevista concedida a Marcia Barcelos.

SCHNEIDER, Ana Sofia. Pesquisa: Solenidades de colação de grau na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992 – 2012): memória, ritual e celebração. Canoas, Unilassale, out. de 2015. Entrevista concedida a Marcia Barcelos.

SILVA, Hélio Meller da. Pesquisa: Solenidades de colação de grau na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992 – 2012): memória, ritual e celebração. Canoas, Unilassale, set. de 2015. Entrevista concedida a Marcia Barcelos.

SILVA, Mara Denise Coutinho da. Pesquisa: Solenidades de colação de grau na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992 – 2012): memória, ritual e celebração. Canoas,

Unilassale, set. de 2015. Entrevista concedida a Marcia Barcelos.

SILVA, Ricardo Schneiders da. Pesquisa: Solenidades de colação de grau na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992 – 2012): memória, ritual e celebração. Canoas, Unilassale, set. de 2015. Entrevista concedida a Marcia Barcelos.

SILVA FILHO, Luiz Carlos Pinto da. Pesquisa: Solenidades de colação de grau na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992 – 2012): memória, ritual e celebração. Canoas, Unilassale, out. de 2015. Entrevista concedida a Marcia Barcelos.

TEN CATEN, Carla Schwengber. Pesquisa: Solenidades de colação de grau na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992 – 2012): memória, ritual e celebração. Canoas, Unilassale, out. de 2015. Entrevista concedida a Marcia Barcelos.

VARGAS, Guilherme. Pesquisa: Solenidades de colação de grau na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992 – 2012): memória, ritual e celebração. Canoas, Unilassale, out. de 2015. Entrevista concedida a Marcia Barcelos.

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – Entrevista

O presente termo tem por objetivo autorizar a sua participação na pesquisa, **“SOLENIIDADES DE COLAÇÃO DE GRAU NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (1992 – 2012): MEMÓRIA, RITUAL E CELEBRAÇÃO”** que será desenvolvida, por meio da aplicação de entrevistas gravada e observação. As entrevistas serão realizadas em local a ser indicado pelo entrevistado. Estas informações estão sendo fornecidas na forma de participação voluntária neste estudo sobre a memória e a trajetória do cerimonial das solenidades de colação de grau na UFRGS.

Esta pesquisa está sob a **responsabilidade da pesquisadora Marcia Barcelos**, mestrandanda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle de Canoas.

Em qualquer etapa do estudo, o entrevistado terá acesso à pesquisadora para esclarecimento de eventuais dúvidas, através do telefone: (51) 9381.4340, endereço eletrônico: barcelosmarcia@hotmail.com. É garantido ao entrevistado a liberdade da retirada de consentimento e o abandono do estudo a qualquer momento. Fica assegurado, também, o direito de ser mantidos atualizados os resultados parciais da pesquisa, assim que tais resultados sejam obtidos pela pesquisadora.

Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pela pesquisadora responsável pela mesma.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi aprovado e carimbado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário La Salle e será emitido em duas vias: uma para o colaborador da pesquisa e a outra a ser arquivada pelo pesquisador.

Pelo presente documento, eu, _____,
brasileiro (a), Carteira de Identidade: _____, CPF: _____,
Endereço: _____,
depois de conhecer e entender os objetivos da pesquisa, através do presente termo, declaro ceder à pesquisadora Marcia Barcelos, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter

histórico e documental que prestei, na cidade de _____, num total de ____ horas gravadas perante a pesquisadora.

A pesquisadora, conseqüentemente, está autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não.

_____, ____ de _____ de _____.

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura do Colaborador

ANEXO B – DECISÃO Nº 405/2011**DECISÃO Nº 405/2011**

O CONSELHO UNIVERSITÁRIO, em sessão de 19/08/2011, tendo em vista o constante no processo nº 23078.012231/11-49, de acordo com o Parecer nº 238/2011 da Comissão de Legislação e Regimentos e a emenda aprovada em plenário,

DECIDE

aprovar as Normas Referentes às Solenidades de Colação de Grau dos Alunos Concluintes dos Cursos de Graduação na UFRGS, como segue:

**TÍTULO I
Dos Formandos**

Art. 1º - A outorga de grau é o ato oficial da Universidade por meio do qual o formando é investido na posse de grau acadêmico a que tem direito por haver integralizado o currículo pleno do respectivo Curso de Graduação.

Art. 2º - Somente poderá ser outorgado grau ao aluno que constar como apto para colação de grau em processo devidamente instruído para a Comissão de Graduação do respectivo curso.

Art. 3º - O formando terá direito a somente uma colação de grau por currículo integralizado, devendo optar por colar grau em uma das seguintes ocasiões:

I - na Solenidade de Colação de Grau; ou

II - em Gabinete da Direção da respectiva Unidade Universitária à qual o curso está vinculado.

§1º - Na impossibilidade de comparecimento pessoal do formando, a colação de grau ocorrerá obrigatoriamente em Gabinete da Direção, sendo permitida a outorga do grau a terceiro investido de procuração específica para tal fim.

§2º - A colação de grau dos formandos dos cursos de educação a distância poderá ocorrer nos respectivos polos, de acordo com o previsto no *caput* deste artigo.

**TÍTULO II
Das Datas e do Local da Solenidade**

Art. 4º - A data da Solenidade de Colação de Grau dos cursos de graduação será definida junto à Pró-Reitoria de Graduação e ocorrerá através de sorteio.

Parágrafo único. A critério da Pró-Reitoria de Graduação, poderão ser isentos do dispositivo previsto no *caput* deste Artigo cursos de graduação que demonstrarem tal necessidade.

Art. 5º - As Solenidades de Colação de Grau serão realizadas no Salão de Atos desta Universidade e as regras de utilização do espaço físico deverão ser seguidas conforme Portaria da Pró-Reitoria de Extensão.

Parágrafo único. Na impossibilidade de realização das Solenidades de Colação de Grau no Salão de Atos da UFRGS, as mesmas realizar-se-ão em outros auditórios da Universidade, mantida a ordem sorteada pela Pró-Reitoria de Graduação e conforme disponibilidade de espaço físico.

TÍTULO III **Das Comissões de Formatura**

Art. 6º - Os prováveis formandos de cada curso e semestre serão representados e coordenados por Comissão de Formatura (ComFor), dotada de autonomia, formada no âmbito dos respectivos cursos a partir de seu antepenúltimo semestre e regida por esta Decisão.

Art. 7º - A Comissão de Formatura será composta pelos seguintes membros:

I - até cinco representantes estudantis, eleitos por seus pares dentre os prováveis formandos;

II - um representante docente indicado pela Direção da Unidade;

III - um representante técnico-administrativo indicado pela Direção da Unidade.

§1º - A Comissão de Formatura contará com suplentes dos representantes previstos neste Artigo, escolhidos da mesma forma dos titulares.

§2º - A Comissão de Formatura elegerá, entre seus membros estudantis, um Coordenador, que a representará no âmbito da Universidade.

§3º - Atendido ao disposto neste Artigo, o Diretor da Unidade, por portaria, designará os membros da Comissão de Formatura.

Art. 8º - A Comissão de Formatura tem as seguintes atribuições junto aos órgãos da Universidade:

I - representar os prováveis formandos do curso e semestre respectivo perante os órgãos da Universidade;

II - acompanhar a tramitação do processo de colação de grau;

III - participar, representando o curso, do sorteio das datas das Solenidades de Colação de Grau;

IV - em conjunto com a Direção da respectiva Unidade, dar conhecimento e buscar a observância às normas da Solenidade de Colação de Grau e de utilização do Salão de Atos.

TÍTULO IV **Da Solenidade de Colação de Grau**

Art. 9º - A Solenidade de Colação de Grau transcorrerá dentro dos padrões de decoro acadêmico e ocorrerá de acordo com o estabelecido no Cerimonial para as Solenidades de Colação de Grau dos Cursos de Graduação, o qual passa a integrar a presente Decisão, sob forma de anexo.

Art. 10 - A Presidência da Solenidade de Colação de Grau caberá ao Reitor ou ao Vice-Reitor e, no impedimento de ambos, ao Diretor ou ao Vice-Diretor da Unidade Universitária à qual o curso se vincule.

Parágrafo único. Nas Solenidades de Colação de Grau dos cursos de educação a distância, no impedimento das autoridades acima referidas, a presidência da mesa será exercida pelo Coordenador do respectivo curso.

Art. 11 - Poderão ser concedidas distinções acadêmicas, premiações de entidades de classe ou empresas relacionadas aos cursos e homenagens, que ocorrerão de acordo com o especificado no Cerimonial para as Solenidades de Colação de Grau dos cursos de graduação.

TÍTULO V

Das Disposições Finais

Art. 12 - Esta Decisão entra em vigor na data de sua aprovação, ficando revogada a Decisão nº 28/2002-CONSUN e demais disposições em contrário.

Porto Alegre, 19 de agosto de 2011.

(O original encontra-se assinado.)
CARLOS ALEXANDRE NETTO,
Reitor.

ANEXO DA DECISÃO Nº 405/2011**CERIMONIAL PARA AS SOLENIDADES DE COLAÇÃO DE GRAU DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO**

1. A mesa da Solenidade será composta pelas seguintes autoridades:
 - Reitor ou Vice-Reitor;
 - Diretor ou Vice-Diretor da Unidade Universitária;
 - Paraninfo(s);
 - Professor(es) homenageado(s);
 - Técnico-Administrativo ou Funcionário homenageado;
 - Assessor Administrativo.
- 1.1. Poderão também integrar a mesa:
 - Coordenador da Comissão de Graduação;
 - Coordenador do curso de educação a distância;
 - Presidente do Centro Acadêmico;
 - Representante de Entidade de Classe.
- 1.2. Na composição da mesa deverá ser observado o número máximo de quinze lugares.

2. A presidência da Solenidade de Colação de Grau caberá ao Reitor ou ao Vice-Reitor. Na impossibilidade da presença de ambos, caberá a mesma ao Diretor ou ao Vice-Diretor da Unidade Universitária à qual o curso se vincule.
 - 2.1. Nas Solenidades de Colação de Grau dos cursos de educação a distância, no impedimento das autoridades acima referidas, a presidência da mesa será exercida pelo Coordenador do respectivo curso.

3. Os membros da mesa usarão vestes talares, conforme especificado a seguir:
 - 3.1. Reitor ou Vice-Reitor: beca preta e samarra branca;
 - 3.2. Diretor ou Vice-Diretor, Paraninfo(s), Professor(es) homenageado(s), Coordenador da Comissão de Graduação, Coordenador do curso de educação a distância: beca preta e samarra na cor do seu curso;
 - 3.3. Assessor Administrativo: beca preta e samarra na cor do seu curso, ou traje social;
 - 3.4. Demais componentes: traje social.

4. O Reitor, na Presidência da Solenidade, terá precedência sobre as demais autoridades.
 - 4.1. Única exceção ocorre quando estiver presente o Presidente ou o Vice-Presidente da República, ou seu representante. Neste caso, o Presidente da mesa ceder-lhe-á a presidência da mesma.
 - 4.2. Ministros de Estado, Chefes de Estado estrangeiros, Senadores, Governadores, Deputados e quaisquer outras autoridades ocuparão lugar de honra, ou seja, sentar-se-ão à direita do Presidente da mesa.

5. Participará da Solenidade de Colação de Grau o aluno apto a ser investido na posse do grau acadêmico a que tem direito, por haver integralizado o currículo pleno de seu respectivo Curso de Graduação.
 - 5.1. O aluno que, por necessidade pessoal, já tenha colado grau em Gabinete, poderá participar da Solenidade, apresentando-se no momento da solenidade como já graduado.

Neste caso:

- Ingressará no palco com o chapéu de formatura sobre a cabeça, como indicativo da graduação já efetivada;
- Não terá seu nome incluído na ata de colação de grau;
- Não terá seu nome chamado pelo Assessor Administrativo para receber a colação de grau do Diretor da Unidade;
- Poderá, a critério da Direção da Unidade, ter seu nome anunciado após o fechamento da ata de colação de grau, sendo informado que o referido aluno já efetuou a colação de grau em Gabinete.

6. A chamada dos formandos será feita pelo Assessor Administrativo por ordem alfabética ou conforme ordem de afinidade informada pela Comissão de Formatura.

7. O juramento será feito por formando escolhido dentre seus pares.

8. A entrega do diploma será feita, preferencialmente, pelo Paraninfo da turma.

8.1. A critério da Direção da Unidade, o diploma poderá ser entregue:

- pelos pais ou filhos do formando, desde que formado no mesmo curso;
- pelos pais, docentes da UFRGS, independente de sua área de formação.

9. As manifestações individuais dos formandos deverão ser feitas em vídeo, com tempo máximo de duração de 30 (trinta) segundos para cada formando.

9.1. Os formandos poderão optar pela exibição de vídeo coletivo, que será apresentado:

- Antes do início da Solenidade; ou
- Em conjunto com a homenagem aos pais. Neste caso, o vídeo terá duração de até 10 (dez) minutos.

10. A homenagem aos pais, quando houver, não poderá ultrapassar o tempo de 10 (dez) minutos.

11. Homenagens aos integrantes da mesa, quando houver, deverão ser feitas após o encerramento da Solenidade.

12. Os oradores da turma terão o tempo máximo de 10 (dez) minutos para suas manifestações.

12.1. Em Solenidades com 2 (dois) ou mais cursos, o tempo será dividido entre os mesmos.

13. O Reitor ou o Vice-Reitor, o Diretor ou o Vice-Diretor e o(s) Paraninfo(s) terão, cada um, o tempo máximo de 10 (dez) minutos para suas manifestações.

13.1 Em formaturas com 2 (dois) ou mais cursos, o tempo de manifestação do Diretor ou do Vice-Diretor e Paraninfos será dividido entre os respectivos cursos.

14. Os cumprimentos entre os formandos deverão ser feitos após o término da Solenidade.

15. Poderá ser concedida ao formando Láurea Acadêmica ou outra premiação de entidade de classe ou de empresa relacionada ao curso, observando-se os critérios abaixo:

15.1. As entidades de classe ou empresas que concederem premiações aos formandos

deverão informá-lo com antecedência ao Assessor Administrativo da Unidade.

15.2. A Coordenação da Comissão de Graduação deverá informar com antecedência ao Assessor Administrativo o nome completo do formando que receberá Lâurea Acadêmica.

16. Não serão permitidos *banners* promocionais de empresas ou outro tipo de divulgação nas dependências do local da Solenidade.

17. O representante da entidade de classe ou empresa que conferir prêmio e o premiado não terão direito à manifestação oral.

18. A Solenidade de Colação de Grau poderá ser interrompida ou encerrada pelo Presidente da mesa em caso de comportamento atentatório ao decoro acadêmico ou de inobservância das regras do cerimonial universitário.

**ANEXO C – ROTEIRO PARA SOLENIDADE DE COLAÇÃO DE GRAU COM A
PRESENÇA DO REITOR/VICE-REITOR**

REITOR ENCAMINHA-SE À MESA ACOMPANHADO DOS DEMAIS INTEGRANTES DA MESA: Reitor e demais integrantes com capelo em baixo do braço direito.

REITOR FICA EM PÉ PARA INICIAR A CERIMÔNIA E DEMAIS COMPONENTES DA MESA SENTAM.

01. REITOR ABRE A SESSÃO DIZENDO:

Na qualidade de Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e usando das atribuições que me são conferidas pelo Estatuto e Regimento Geral da Universidade, dou por aberta a sessão solene de Colação de Grau dos graduandos do curso do ... semestre do ano letivo de 201..., da ...(unidade)... e passo a palavra e a presidência dos trabalhos ao Diretor da Unidade, Professor(a)

02. DIRETOR FICA EM PÉ JUNTO COM REITOR PARA CITAR A COMPOSIÇÃO DA MESA:

Fazem parte da mesa: O magnífico Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Prof. Carlos Alexandre Netto (e cita os outros componentes da mesa);

Neste momento, à medida que o Diretor cita o nome do integrante da mesa, a pessoa levanta e permanece em pé até o final da execução do Hino Nacional.

03. SOLICITA AO PARANINFO QUE CONDUZA OS GRADUANDOS PARA A ENTRADA NO SALÃO DE ATOS:

Solicito ao paraninfo, professor(a), que conduza ao recinto os seus afilhados.

Paraninfo sai da mesa e vai até onde estão os graduandos. Entra com eles no Salão de Atos e se dirige ao palco e aguarda em pé, no local determinado, até que todos os graduandos estejam nos seus lugares. Então retorna à mesa.

04. DIRETOR CONVIDA TODOS PARA EXECUÇÃO DO HINO NACIONAL.

Após o Hino os integrantes da mesa sentam.

05. DIRETOR: Solicito ao Assessor(a) Administrativo(a),, que proceda a leitura do Termo de Colação de Grau

06. ASSESSOR ADMINISTRATIVO: Procede à leitura do Termo de Colação de Grau até citar o primeiro graduando (aluno indicado pela turma para fazer o juramento). Lê o parágrafo inicial e diz: chamamos o graduando que fará o juramento pela turma.

07. DIRETOR: NESTE MOMENTO O GRADUANDO FARÁ O JURAMENTO SOLENE EM NOME DA TURMA E SOLICITO QUE DEVIDO A RELEVÂNCIA DESTE MOMENTO TODOS FIQUEM EM PÉ, SE POSSÍVEL.

(graduandos e mesa devem ficar em pé).

08. DIRETOR: (coloca o capelo cima da cabeça do graduando) diz:
EU, POR DELEGAÇÃO DO MAGNÍFICO REITOR, VOS CONFIRO O GRAU DE BACHAREL/LICENCIADO EM E ESPERO QUE, PELO CULTIVO DA INTELIGÊNCIA E PELA DIGNIDADE DE VOSSA CONDUTA, HONREIS O VOSSO DIPLOMA.

09. DIRETOR solicita que graduando assine o Diploma de Graduação.

Obs.:

- Graduando assina o Diploma e o documento permanece na mesa
- Paraninfo entrega o canudo
- Juramentista cumprimenta toda a mesa em nome da turma

10. ASSESSOR ADMINISTRATIVO chama o segundo graduando para receber o grau de Bacharel em Diz: chamamos o graduando para receber a colação de grau.

11. DIRETOR DIZ: A vós confiro o grau.

Obs.:

- aluno assina o Diploma e o documento permanece na mesa (e assim sucessivamente até a chamada do último graduando)
- a partir deste graduando, os cumprimentos são somente para Reitor, Diretor, Paraninfo e Assessor Administrativo.

12. ASSESSOR ADMINISTRATIVO: Procede a chamada de todos os graduandos e Diretor cola o grau sucessivamente e após o Assessor Administrativo encerra o ato de colação de grau e solicita as assinaturas (Reitor, Diretor e Assessor).

Obs.: a partir deste momento, deve ser fechada a Ata eletrônica.

13. DIRETOR: Convido o bacharel/licenciado para receber a homenagem do

(se for o caso, o Assessor Administrativo lê o significado do Troféu ou texto da placa, etc.)

14. DIRETOR: Convido o Bacharel/Licenciado para receber a Lâurea Acadêmica, por ter obtido, ao longo de sua formação mais de 90% de conceitos “A” nas disciplinas cursadas.

15. DIRETOR: Convido os Bacharéis/Licenciados e (Oradores), para suas manifestações.

Manifestação da tribuna (até 02 oradores).

Oradores anunciam a homenagem aos pais.

Produtora entrega diploma aos bacharéis.

16. DIRETOR: Convido o Paraninfo da turma,, para fazer a sua manifestação.

Paraninfo fala da tribuna

17. DIRETOR FAZ SEU PRONUNCIAMENTO e devolve a palavra e presidência dos trabalhos ao Reitor.

Diretor fala da tribuna.

18. REITOR FAZ A SUA MANIFESTAÇÃO.

Reitor fala da tribuna

19. REITOR: Convido a todos para execução do Hino Rio-Grandense.

20. REITOR: Agradeço a presença de todos e declaro encerrada esta Sessão Solene de Colação de Grau.

ANEXO

Apresentação dos vídeos

A) Vídeo coletivo

- este vídeo poderá ser apresentando antes do início da cerimonia ou antes da homenagem aos pais.

B) Vídeo individual

► **do Juramentista:**

- chamada do juramentista pelo Assessor Administrativo
- juramentista sai do lugar e se dirige à mesa (sem execução de música)
- juramentista faz o juramento
- ao final a turma diz: assim o prometo
- Diretor cola o grau
- inicia a música (até 10 segundos) e após inicia o vídeo enquanto cumprimenta toda a mesa em nome de todos os graduandos
- final do vídeo e o Assessor chama o próximo graduando

► **para os demais graduandos:**

- chamada do graduando pelo Assessor Administrativo
- início do vídeo
- graduando sai do lugar para tirar foto com o graduado (que colou grau antes)
- graduando espera em frente a mesa (se for o caso) o término do vídeo
- Diretor cola o grau

Obs.:

- se o pai/mãe for entregar o diploma, o Assessor chama neste momento
- pai/mãe entrega o diploma

- início da música
- graduando cumprimenta o Diretor, Reitor e recebe o diploma do Paraninfo
- Assessor chama o próximo graduando
- e assim sucessivamente

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO GERAL PARA ENTREVISTA**CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE – UNILASALLE****MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS****PROJETO DE PESQUISA: SOLENIDADES DE COLAÇÃO DE GRAU NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (1992 – 2012): MEMÓRIA, RITUAL E CELEBRAÇÃO****ROTEIRO PARA ENTREVISTA TEMÁTICA PARA GESTORES****FONTE:** Reitor, Vice-Reitor e Diretores de Unidade**IDENTIFICAÇÃO:**

Data: ___/___/___

Nome:

Cargo:

Local de trabalho:

Data de ingresso na UFRGS:

Você se graduou na UFRGS? () sim () não

Curso: _____ Ano: _____

QUESTÕES NORTEADORAS:

Como foi a primeira solenidade que o senhor participou como Reitor/Vice-Reitor? Lembra do cerimonial?

O senhor sabe como eram as solenidades antes de sua participação?

Qual o significado da solenidade para o senhor?

Qual o seu envolvimento na solenidade?

Como o senhor vê o evento hoje?

Durante a sua gestão aconteceram mudanças no cerimonial? Em caso afirmativo, quais? Em caso negativo, acha que deveria ser mudado alguma coisa?

CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE – UNILASALLE**MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS****PROJETO DE PESQUISA: SOLENIDADES DE COLAÇÃO DE GRAU NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (1992 – 2012): MEMÓRIA, RITUAL E CELEBRAÇÃO****ROTEIRO PARA ENTREVISTA TEMÁTICA PARA EX-GESTORES**

FONTE: ex-Reitor, ex-diretores de unidades e ex-assessores

IDENTIFICAÇÃO:

Data: ___/___/___

Nome:

Cargo:

Local de trabalho:

Data de ingresso na UFRGS:

Você se graduou na UFRGS? () sim () não

Curso: _____ Ano: _____

QUESTÕES NORTEADORAS:

Como foi a primeira solenidade que o senhor participou como Reitor/Diretor? Lembra do cerimonial?

O senhor sabe como eram as solenidades antes de sua participação?

Qual foi o significado da solenidade para o senhor como dirigente?

Qual o seu envolvimento na solenidade?

O senhor percebia influência externa na solenidade? De quem?

Durante a sua gestão houve alguma mudança no cerimonial? Em caso afirmativo, quais? Em caso negativo, acha que deveria ser mudado alguma coisa?

Quais valores o senhor elencaria para qualificar as solenidades presenciadas?

CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE – UNILASALLE**MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS****PROJETO DE PESQUISA: SOLENIDADES DE COLAÇÃO DE GRAU NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (1992 – 2012): MEMÓRIA, RITUAL E CELEBRAÇÃO****ROTEIRO PARA ENTREVISTA TEMÁTICA PARA ASSESSORES ADMINISTRATIVOS**

FONTE: Assessores ou Gerentes Administrativos, DECORDI, Coordenadoria do Cerimonial

IDENTIFICAÇÃO:

Data: ___/___/___

Nome:

Cargo:

Local de trabalho:

Data de ingresso na UFRGS:

Formação:

Você se graduou na UFRGS? Curso: _____ Ano: _____

QUESTÕES NORTEADORAS:

Como foi a primeira solenidade que o senhor participou como Assessor/Gerente/Diretor? Lembra do cerimonial?

O senhor sabe como eram as solenidades antes de sua participação?

Qual o significado da solenidade para o senhor?

Qual o seu envolvimento na solenidade?

Como o senhor vê o evento hoje? Que elementos são identificados?

Houve alguma alteração nas cerimônias em algum momento a partir da sua participação? Em caso afirmativo, quais? Em caso negativo, acha que deveria ser mudado alguma coisa?

O senhor percebe influência externa na solenidade? De quem?

Quais valores o senhor identifica na solenidade?

Qual o órgão responsável pelo gerenciamento das colações de grau?

CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE – UNILASALLE**MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS****PROJETO DE PESQUISA: SOLENIDADES DE COLAÇÃO DE GRAU NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (1992 – 2012): MEMÓRIA, RITUAL E CELEBRAÇÃO****ROTEIRO PARA ENTREVISTA TEMÁTICA PARA EX-DIRETOR DO SALÃO DE ATOS**

FONTE: ex-diretor Salão de Atos

IDENTIFICAÇÃO:

Data: ___/___/___

Nome:

Cargo:

Local de trabalho:

Data de ingresso na UFRGS:

Você se graduou na UFRGS? () sim () não

Curso: _____ Ano: _____

QUESTÕES NORTEADORAS:

Como foi a primeira solenidade que o senhor participou? Lembra do cerimonial?

O senhor sabe como eram as solenidades antes de sua participação?

Qual foi o significado da solenidade para o senhor como dirigente?

Como era o seu envolvimento na solenidade?

O senhor percebia influência externa na solenidade? De quem? Ou em que momento iniciou a participação?

Durante a sua gestão houve alguma mudança no cerimonial? Em caso afirmativo, quais? Em caso negativo, acha que deveria ser mudado alguma coisa?

Quais valores o senhor elencaria para qualificar as solenidades presenciadas?

Como era a relação com as produtoras?

A fala dos graduandos era uma tradição nas solenidades? Em que ano ela é introduzida?

CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE – UNILASALLE**MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS****PROJETO DE PESQUISA: SOLENIDADES DE COLAÇÃO DE GRAU NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (1992 – 2012): MEMÓRIA, RITUAL E CELEBRAÇÃO****ROTEIRO PARA ENTREVISTA TEMÁTICA PARA DIRETOR DO SALÃO DE ATOS**

FONTE: Diretor Salão de Atos

IDENTIFICAÇÃO:

Data: ___/___/___

Nome:

Local de trabalho:

Data de ingresso na UFRGS:

Você se graduou na UFRGS? () sim () não

Curso: _____ Ano: _____

QUESTÕES NORTEADORAS:

Como foi a primeira solenidade que o senhor participou? Lembra do cerimonial?

O senhor sabe como eram as solenidades antes de sua participação?

Qual o significado da solenidade para o senhor como dirigente?

Qual o seu envolvimento na solenidade?

O senhor percebe influência externa na solenidade? De quem? Ou em que momento iniciou a participação?

Como vocês qualificam a relação com a produtora?

Durante a sua gestão aconteceu alguma mudança no cerimonial? Em caso afirmativo, quais? Em caso negativo, acha que deveria ser mudado alguma coisa?

Durante a sua gestão aconteceu alguma mudança no comando da solenidade? Em caso afirmativo, quais? Em caso negativo, acha que deveria ser mudado alguma coisa?

Quais valores o senhor elencaria para qualificar as solenidades presenciadas?

Qual o setor responsável pela condução da solenidade?

A fala dos graduando é uma tradição? Ou em que ano foi aberta esta possibilidade aos graduandos?

CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE – UNILASALLE**MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS****PROJETO DE PESQUISA: SOLENIDADES DE COLAÇÃO DE GRAU NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (1992 – 2012): MEMÓRIA, RITUAL E CELEBRAÇÃO****ROTEIRO PARA ENTREVISTA TEMÁTICA PARA ALUNOS EM CONCLUSÃO DE CURSO**

FONTE: Concludente

IDENTIFICAÇÃO:

Data: ___/___/___

Nome:

Data de colação de grau na UFRGS:

Curso: _____

QUESTÕES NORTEADORAS:

Como você imagina a sua colação de grau? Sabe como será o cerimonial? Tem conhecimento?

Qual o significado da solenidade para você?

O senhor percebe influência externa na solenidade? De quem?

Como vocês qualificam a relação com a produtora?

Quais valores que elencaria para qualificar as solenidades?

CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE – UNILASALLE

MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS

PROJETO DE PESQUISA: SOLENIDADES DE COLAÇÃO DE GRAU NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (1992 – 2012): MEMÓRIA, RITUAL E CELEBRAÇÃO

ROTEIRO PARA ENTREVISTA TEMÁTICA PARA ALUNOS EGRESSOS

FONTE: Produtoras

IDENTIFICAÇÃO:

Data: ___/___/___

Nome da produtora:

Nome do entrevistado:

Cargo:

Data de entrada da produtora na UFRGS:

QUESTÕES NORTEADORAS:

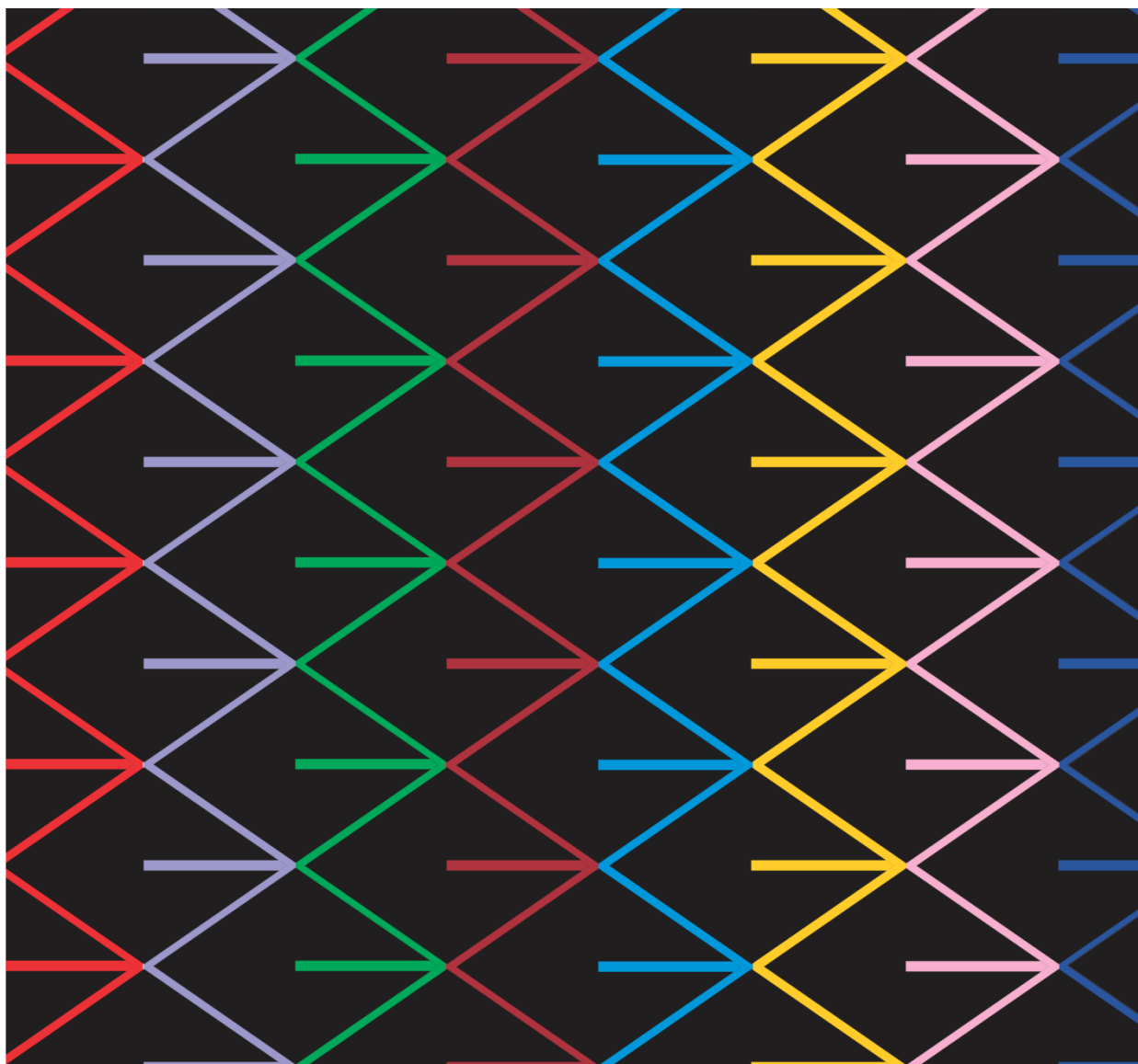
Como foi a sua colação de grau? Lembra do cerimonial?

Qual o significado da solenidade para vocês?

O que mais chamou sua atenção na solenidade?

Qual o envolvimento na solenidade?

Como vocês qualificariam a relação com a Universidade?

APÊNDICE B – E-BOOK (Proposta)

Memórias, rito e celebração:

solenidades de colação de grau na UFRGS (1992-2012)



**MEMÓRIAS, RITO E CELEBRAÇÃO:
SOLENIDADES DE COLAÇÃO DE GRAU NA UFRGS (1992-2012)**

MARCIA BARCELOS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Capa: Rosane Vieira

Texto: Revisão

Canoas, Rio Grande do Sul
UNILASALLE
2016

PREFÁCIO

- Opções para a escrita do Prefácio: reitor, vice-reitor, algum entrevistado ou professor

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1 AS MEMÓRIAS REVIVIDAS: A (re)CONSTRUÇÃO DO CAMINHO

1.1 Carlos Alexandre Netto

1.2

2 VALEU A PENA!

REFERÊNCIAS

INTRODUÇÃO

O Salão de Atos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS está repleto de familiares e de convidados; as autoridades que comporão a mesa estão prontas para tomarem seu lugar; os futuros graduados estão perfilados. Chegou o momento tão esperado, após anos de estudos — a colação de grau. Os concludentes lembram sua entrada na universidade, sua trajetória de vida, suas expectativas e as dos familiares. Em questão de minutos, fazem uma releitura do passado. O retorno a momentos anteriores vivenciados (que passam em segundos nas mentes) com o momento do ritual presente se confundem e, se tornarão em breve, lembranças. Em poucas horas, a solenidade de colação de grau chegará ao final e, após a autoridade maior encerrar o ato acadêmico, os recém-graduados realizarão o último movimento na cerimônia: jogar o capelo para cima como celebração do ato finalizado e, também, como alusão à vida universitária que se encerra naquele momento. Um sentimento permanecerá nos concludentes: a certeza que foram percorridos anos para a realização da conquista do diploma de graduação, e tudo o que foi vivido estará na memória de cada indivíduo. Relacionar memória e solenidades de colação de grau é, portanto, trabalhar envolvendo relações entre indivíduos e grupos.

Este livro se origina a partir da realização da Dissertação de Mestrado, defendida em 2016, que investigou a trajetória do cerimonial das solenidades de colação de grau dos cursos de Engenharia, Enfermagem e Comunicação Social da UFRGS, durante o período compreendido entre 1992 e 2012.

Mas aquelas duas horas aproximadamente de cerimônia, o que evocaram em seus participantes? Que ritual é este que permanece com grande significado para muitas pessoas? Por que aquelas vestes diferenciadas, a áurea de “saber” e de autoridade, os símbolos acadêmicos, como o canudo e a beca, são objetos de desejo? Como a solenidade era antes e como é hoje? Onde estão os registros do cerimonial destes anos? Foram perguntas simples como estas que me inquietavam e me fizeram trilhar em uma investigação referente ao ato de colação de grau realizado na Universidade.

A UFRGS é uma comunidade com mais de 40.000 mil pessoas, entre professores, alunos e técnicos-administrativos, e sua finalidade principal é a “educação superior e a produção de conhecimento filosófico, científico, artístico e tecnológico, integradas no ensino, na pesquisa e na extensão” (UNIVERSIDADE, 2011, p. 4). Sua história começa no final do século XIX, com os cursos de Farmácia e Química e a Escola de Engenharia, o que assinalou o início do ensino superior no Rio Grande do Sul. Em 1950, foi federalizada, integrando-se à

esfera administrativa da União. Avanços tecnológicos, discussões sobre ensino superior, expansão universitária, artes, difusão cultural, ações afirmativas, museus, enfim, projetos que se consolidaram e contribuem para que a Universidade permaneça na vanguarda do ensino universitário no país.

Paralelo a todo este avanço acadêmico-científico-cultural, vários cursos foram sendo criados e transformados nas mais diferentes áreas com a recorrente formação de milhares de profissionais. São milhares de profissionais que, entre as várias experiências vividas no espaço acadêmico, passam por aquela considerada como única e emblemática na vida de qualquer estudante: a colação de grau. Esta cerimônia faz parte das expectativas de qualquer estudante. É o tempo de celebração, de encerramento e passagem para uma nova condição: a de ser graduado.

A (re) construção da memória das solenidades, no período referido, deu-se através das lembranças do ritual e dos ritos (re) vivenciados de forma individual ou em grupo extraídas dos depoentes. Na análise das colações de grau foram alinhavados conceitos de memória e ritual na realização do cerimonial. Passando por ritos, rito de passagem, símbolos, celebração, percorremos o universo das solenidades de 1904 a 2012. Para trabalhar os conceitos de memória e relacioná-los com as solenidades, recorremos a Halbwachs (1990) e Candau (2009). As discussões sobre ritual, ritualística e elementos comemorativos foram apoiadas em Turner (1974), Segalen (2002), Peirano (2003), Bretas (2008), Van Gennep (2011).

Para entender melhor o mundo das solenidades de colação de grau, trabalhou-se com autores como Viana (1998), Velloso (2001), Meirelles (2002), Avelar (2007), Rios (2007), Azzolin (2010), Ramos (2012) e Pinheiro (2014) por tratarem do cerimonial universitário nos seus aspectos acadêmicos e rituais. Paralelo às pesquisas iniciadas em documentos e livros (pouca bibliografia encontrada sobre o assunto), partiu-se para a produção de documentos orais à luz da metodologia da história oral. Recuperar o passado, segundo o ponto de vista de dirigentes atuais e de gestões anteriores, de diretores e ex-diretores, de técnico-administrativos que atuaram diretamente nas solenidades e aqueles que atuaram de forma a tornar apto o aluno a colar o grau, de graduandos e graduados, proporcionou uma riqueza de informações e permitiu entender melhor os problemas definidos anteriormente, pois estas pessoas evocaram suas lembranças, no caso as vivências acadêmicas, permeadas com a conjuntura da época. Alberti define a história oral como

[...] um método de pesquisa [interdisciplinar com pessoas que participaram de, ou

testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta [conteúdos das entrevistas] para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam.] que privilegia a realização de entrevistas. (2004, p. 18)

Portanto, a história oral foi uma metodologia de suma importância na construção da memória e da reconstrução da trajetória do cerimonial das solenidades de colação de grau.

O ritual de colação de grau de graduação ocorre em sessão solene organizado por uma instituição de ensino superior, com cerimonial específico, como já foi discutido anteriormente. É regido por uma ritualística (cerimônia) com uma sequência lógica de eventos na qual há uma dinâmica de utilização de símbolos e sua interpretação, uma forma específica de manifestação coletiva e significações (conteúdo do rito) e uma codificação. A eficácia do ritual da colação de grau se dá na repetição do rito a diferentes grupos de graduandos. A colação de grau é um ritual de caráter cívico e, como tal, tem linguagem ritualística onde os símbolos substituem as palavras, envolvendo a práxis, a ação e a comemoração.

No momento da colação de grau é realizada a passagem de estudante para profissional, o ritual desta passagem celebra este momento. É esta passagem, de apresentação de novos profissionais, de entrada em um novo cenário, que leva à compreensão deste ato acadêmico como um ritual de passagem. Os rituais marcam a transição de uma pessoa ou de um grupo para uma nova etapa da vida, como se evidencia numa colação de grau. Em Gennepe, é apresentado o conceito sobre ritos de passagem como sendo “[...] sequências cerimoniais que acompanham a passagem de uma situação a outra, e de um modo (cósmico ou social) a outro” (2011, p. 29).

Desta forma, a solenidade de colação de grau é palco de comemorações, é marco comemorativo. Comemoração que contribui com a manutenção da memória do ritual. Celebração esta que vem carregada de sentimentos e desejos, de satisfação pela conquista de um novo degrau.

1 AS MEMÓRIAS REVIVIDAS: A (re)CONSTRUÇÃO DO CAMINHO

UMA FRASE.....

**FOTO C/ DESENHO
DESTAQUE DA
CAPA (capelo na
parte inferior em
tamanho pequeno)**

Carlos Alexandre Netto

Natural de Porto Alegre, professor do Instituto de Ciências Básicas da Saúde – ICBS/UFRGS. Graduado em Medicina (1982), com Mestrado (1984) e Doutorado em Bioquímica (1987) e Pós-doutorado no Instituto de Psiquiatria da Universidade de Londres (1989-1991) no tema da isquemia cerebral e de implantes de tecido neural fetal. Trabalha em dedicação exclusiva desde seu ingresso na carreira docente na Universidade (1987), tem atuação acadêmica na graduação (Bioquímica para o curso de Medicina), pós-graduação (Programas de Pós-graduação em Bioquímica, em Neurociências e em Fisiologia) e na pesquisa em Neurociências, na área de neuroplasticidade e neuroregeneração, isquemia cerebral e lesão medular, memória e terapia regenerativa experimental (células tronco). Foi distinguido com o Prêmio Moinho Santista Juventude, da Fundação Moinho Santista em 1986, pelo conjunto dos trabalhos de doutorado (Beta-endorfina e memória). É consultor da CAPES, do CNPq e da FAPERG.. É revisor de periódicos nacionais e internacionais. Exerceu cargos de representação, eletivos, relacionados à ciência e na gestão administrativa na UFRGS. Foi reitor em duas gestões consecutivas: 2008 a 2012 e 2012 a 2014.

ENTREVISTA COM O REITOR CARLOS ALEXANDRE NETTO – 23/11/2015

Reitor: Eu me formei em 1982, no curso de Medicina, e a solenidade foi bastante singela. Naquela época, não se usava beca, nem a mesa e nem os formandos, houve uma geração naquele período que se formava sem beca. Eram todos os alunos formandos que participavam da cerimônia no Salão de Atos e foi uma solenidade muito tranquila; nós tivemos paraninfo, falou o diretor e o reitor não compareceu e só os oradores falavam.

Entrevistadora: *E o fato de não ter beca, nem vocês e nem a mesa, era uma definição do cerimonial? Ou dos alunos?*

R: Era uma prática dos próprios alunos, acho que durante uns três anos ou quatro anos todas as cerimônias de formatura foram sem beca. Depois retornou a beca, foi mais um momento que os alunos decidiram que as formações seriam sem beca e foi realizada no Salão de Atos.

E: *Agora como reitor que diferença o senhor vê nas solenidades desse tempo de 82 para os dias de hoje, como vê a evolução dessa solenidade?*

R: A cerimônia, ela mudou, teve avanços, mas comparada com 82 não mudou muito. A diferença é que tem beca, se usa a vestimenta mais cerimoniosa, mais tradicional, mas as falas são basicamente as mesmas que haviam naquele período. O que existe hoje é um controle muito melhor de tempo das falas, acho que facilita bastante. E toda a questão do uso de mídias durante a formatura que na época não existia; não tinha vídeo, não tinha saudação aos familiares. Chamavam e a gente ia lá, recebia o diploma, sentava, não tinha muitos abraços e nem nada. O ritual era um pouco distinto comparado com o que nós temos hoje, mas o corpo principal da solenidade se mantém o mesmo.

E: *Ela era organizada por vocês ou tinha alguma interferência externa ou era direto com o Salão de Atos?*

R: Não tinha produtora, não tinha ensaio. Nós fizemos uma foto que foi a foto do convite e distribuimos. Nós fizemos depois uma festa, tinha um fotógrafo que fazia as fotos, mas era um fotógrafo só. Com certeza a formatura se profissionalizou bastante, nada disto existia em 82.

E: *E esse “se profissionalizou bastante”, o senhor vê de uma forma positiva?*

R: Tem aspectos positivos e aspectos que a gente deveria refletir, não necessariamente negativos. Positivo porque os registros que se faz da formatura são muito mais fieis, muito mais bonitos do que a gente poderia ter a quarenta anos atrás. Por outro lado, entendo que devemos refletir um pouco se não ficou tudo muito “espetáculo”, a formatura ficou um pouco espetacularizada: a música para entrar, a música para cada formando, a música em homenagem aos pais, são detalhes que tornam a cerimônia um pouco mais bonita, mas eu não sei até que ponto esse “tornar bonita a cerimônia” não acaba tirando um pouco o aspecto acadêmico da cerimônia. Porque a formatura é uma cerimônia acadêmica, ela não é uma entrega de um prêmio, não é um prêmio. Podem até encarar e devem encarar como uma conquista, a formatura é uma conquista, mas não é um prêmio. Ali são todos vencedores, e eles concorreram contra eles próprios. A superação, claro que isso tudo existe, mas do jeito que ficou o espetáculo da formatura, talvez as pessoas saiam da cerimônia com uma visão que não coincide muito com a realidade. E também um aspecto discutível é que esta espetacularização acabou tornando a formatura um evento caro, e aí algumas pessoas não têm recurso para isto, sou completamente contrário. Se a pessoa estudou e conquistou todos os créditos e as condições para se formar, ela tem que ter o direito de se formar com a turma toda, não será a questão econômica que vai alijar a pessoa da cerimônia de formatura. Sei que isso é um pouco complexo, mas o custo da pessoa não poder ir à formatura, esse custo considero muito elevado, seria melhor ter uma cerimônia mais simples para que todos pudessem participar.

M: *E qual o significado da solenidade de colação de grau para o senhor, o senhor foi aluno e agora como gestor?*

R: A formatura ela é um ritual, um ritual de passagem. O aluno dispendeu quatro, cinco, seis, mais anos da sua vida na universidade, estudou bastante, se esforçou, trabalhou e conquistou o diploma, conquistou a formação. A formatura é o ritual no qual ele recebe o diploma que é a certificação de que ele tem todas aquelas competências, adquiriu todas aquelas competências para poder exercer a profissão. Tem este aspecto simbólico, por isso que eu disse que ela é uma cerimônia estritamente acadêmica, então a universidade, a faculdade, a escola que está entregando o diploma para o aluno vem a público dizer: reconheço que o fulano cumpriu com tudo e que realmente a partir de hoje ele é um engenheiro, médico, professor, qualquer um dos cursos que nós graduamos aqui que já são oitenta e nove cursos; este é o maior significado. Em termos pessoais, acredito que, do ponto de vista dos alunos, o significado da conquista, da superação, das dificuldades que a pessoa

enfrentou para poder chegar neste ponto, marca ali um momento de mudança de paradigma na vida pessoal, a pessoa deixa de ser um estudante para ser um profissional. Claro, muitos irão para o mercado de trabalho, outros tantos para fazer pós-graduação, outros procuram uma formação continuada, mas de qualquer maneira eles cumpriram com uma fase muito importante na sua formação acadêmica. Considero que, para as famílias, a formatura tem o sabor da conquista, principalmente agora com a questão das ações afirmativas. Nós temos um número muito grande de jovens formandos que são os primeiros da geração da família que tiveram acesso à universidade, isto também tem um aspecto social e familiar que é muito relevante e muito significativo. Diria que são pelo menos este três ou quatro significados da cerimônia que a gente celebra em cada formatura e que acaba emergindo.

E: O senhor colocou como rito de passagem e que a universidade tem dois ritos: a entrada e a saída. Como gestor, é um ato que não deve parar, com certeza, o senhor tem participado de várias solenidades, porque em algumas épocas o gestor não estava presente, como o senhor vê a presença da figura do reitor neste rito de passagem?

R: Do que eu tenho percebido, a presença do dirigente da instituição ela é esperada em todos os atos importantes da universidade. E a formatura é, em termos da graduação, o ato mais importante que existe, e isso eu não tenho dúvida nenhuma, porque, para a graduação, a pessoa comemora o ingresso da entrada na aprovação, mas não existe um ato universitário, existe uma acolhida que é feita nas unidades acadêmicas, mas não com a presença do reitor. Para muitos cursos, como a universidade hoje é muito grande, tem oitenta e nove cursos, para muitas pessoas eu tenho certeza que é o único momento que os alunos encontrarão o reitor, que vão estar mais próximo do reitor que será no dia da formatura. Entendo como um momento interessante, porque, afinal de contas, o aluno percebe a universidade muito do ponto de vista da sua faculdade, da sua unidade acadêmica, ele conhece bem a sua unidade, conhece o diretor, conhece seus professores, coordenador de curso, mas muitas vezes ele não sabe ou tem uma pálida visão de que a universidade é muito maior que o seu curso, que na realidade são vinte e oito, vinte e nove mil alunos de graduação que circulam por aqui e que ele jamais vai conhecer. E que a universidade tem uma estrutura que mantém esta instituição ativa e que faz com que ele possa cursar um curso de qualidade, como é a universidade e como são os cursos da UFRGS. Então, conhecer aquela pessoa responsável por manter a universidade funcionando e fazer os avanços que são necessários, acaba sendo uma coisa interessante para os alunos. Tem alguns alunos que agradecem: obrigado por ter vindo à formatura, às vezes não só no discurso, alguns alunos falam ali na hora que eles passam na

mesa para receber o diploma, percebo que para os alunos realmente é gratificante poder contar com a presença do reitor. Para as unidades acadêmicas, a presença do reitor e do vice-reitor é lida como prestígio da unidade, porque eles entendem também que a formatura é um ato importante, dos atos acadêmicos é um dos mais significativos, portanto se o reitor está presente isto dá uma demonstração do prestígio da unidade, da importância da unidade. E do ponto de vista do reitor, da pessoa do reitor, eu encaro a formatura como um momento que aprendemos um pouco mais sobre a universidade. Primeiro, algo que revela muito aquilo que a gente está fazendo na universidade são os discursos, principalmente dos estudantes e o discurso do paraninfo, se tem uma noção de como os alunos estão saindo, eventuais transformações ou que maturidade estes alunos atingiram. Claro, dando todos os descontos que são momentos emocionados, e dos paraninfos que são pessoas que foram escolhidas como paraninfo eles representam muito e eles foram muito importantes na formação daquele grupo. Então ouvir um pouco dos paraninfos é sempre saber como os nossos melhores professores pensam sobre a universidade, eles sempre dizem alguma coisa. É a oportunidade também de poder se expressar um pouco, e sempre fazemos isso, tanto quando vamos às formaturas, como nos vídeos, naquelas que não podemos comparecer, de se ter a oportunidade de falar sobre a universidade como um todo, com toda a sua diversidade, falar um pouco do grau de maturidade da universidade, uma universidade que é tradicional, que já tem oitenta e um anos de existência como universidade. E falar, também, da expectativa do que eles possam fazer agora que conquistaram o diploma, e da questão da cidadania, dar uma mensagem frente ao que nós entendemos que sejam valores importantes para eles ouvirem no último momento que ainda estão ligados formalmente ao curso de graduação na universidade.

E: Até onde o senhor vê que esta solenidade traduz um pouco da universidade naquele momento, creio que ao longo da gestão anterior e nesta o senhor tenha visto pessoas se repetirem (paraninfo e professores homenageados) e o discurso dos alunos ver o que eles estão pensando este momento pode ser ou não perceptível o caminhar da universidade. Essas duas horas possam traduzir um pouco disto?

R: Sim, sem dúvida. Colocando-me na perspectiva de um pai, ou de um familiar, que vai à formatura de um parente, de um amigo próximo, naquele momento, aquelas duas horas, vão dizer o que a pessoa fez aqui dentro, o que se faz aqui dentro, como as pessoas daqui pensam. A UFRGS é uma instituição muito conhecida, tem uma imagem pública extremamente conceituada e muito respeitada. Então, o ato da formatura pode servir para reforçar um pouco essa imagem, que as pessoas ouvem falar na UFRGS, querem que seus

filhos estudem na UFRGS, é difícil entrar, mas as pessoas saem muito bem formadas, e vão para o mercado de trabalho, todas estas coisas que a gente sabe que existem e são importantes. Naquele momento da formatura, uma pessoa externa à universidade pode, nestas duas horas, adquirir uma visão multifacetada do que é de fato a universidade através do depoimento dos alunos, dos professores e da própria fala dos dirigentes, tanto do diretor como do reitor. Deve-se aproveitar este momento para dizer ou para dar as mensagens que são fundamentais.

E: *O senhor falou antes da espetacularização, isso o senhor sugere que teria que trabalhar um pouco melhor ou mesmo com esse cenário midiático está acontecendo bem aqui na UFRGS?*

R: A mensagem acaba passando muito bem, a gente consegue dizer. Não tem nada que seja excessivo na cerimônia, mas se para acontecer tudo aquilo que acontece em cima do palco o aluno tem que pagar “x” mil reais, se for por esse preço e tem alunos que não vão poder pagar e, por isso, se formarão em gabinete, é fundamental avaliar se realmente precisa ter tudo aquilo. A formatura precisa: o aluno ser chamado, o orador da turma dar sua mensagem, o paraninfo, o diretor e o reitor falar, o que precisa é isso; teoricamente se a universidade tivesse as becas, a formatura teria custo zero, entende? Vejo que como universidade pública teria que ser assim. Claro, se construiu uma cultura das produtoras, as turmas é que tem a responsabilidade da organização da formatura, que também acho correto, não dá para imaginar que a universidade faça e organize as formaturas de maneira centralizada e isto tem custo zero, acho que esta não é a solução, afinal são todos adultos quando se formam e tem que saber tomar as decisões, escolher isto, escolher aquilo. Agora, esta reflexão do custo da formatura pela questão do espetáculo realmente deveria ser um pouco mais trabalhada.

E: *Até porque agora, com certeza, como o senhor falou as cotas estão aí e tem que pensar.*

R: Neste final do ano já são uns 30% de cotas, ou será no próximo ano um percentual de 30% de reservas de vagas, chegando ao momento da formatura. Não seria razoável imaginar ter as formaturas no Salão de Atos com apenas 70% das turmas, porque os outros 30% podem eventualmente não estar lá, isto não é cidadão, isto não é republicano, entendeu? A inclusão vale para entrar, para conquistar o diploma, mas não vale para estar na formatura no Salão de Atos, isto é um absurdo. Esta reflexão precisa ser feita neste momento,

principalmente agora que, a partir de 2016, entram 50% pela reserva de vagas, então aumenta o percentual. Não tem sentido permanecer este formato, realmente a gente tem que refletir.

E: *Nós já falamos sobre vários aspectos, mas sobre o rito o que o senhor acha?*

R: Sim, eu acho que o ritual não tem o que mexer. A pessoa tem que ter o seu momento particular, próprio de ir à mesa e receber o seu diploma, tem o coletivo que é a entrada de todos conduzida pelo paraninfo, e depois aquele momento mais no final no encerramento que eles fazem a festa coletivamente, tem o momento das falas que realmente deve acontecer, então em termos de ritual ele é econômico e tem tudo o que precisa, não mexeria nisto.

E: *Nós falamos sobre os discursos, podemos entender que é um momento de retorno para a sociedade?*

R: Vários diretores, inclusive, falam isso, que a formatura não deixa de ser uma prestação de contas da universidade ou daquela unidade acadêmica para a sociedade, ou seja, as famílias entregaram seus filhos aqui como estudantes e os recebem, agora, de volta, como profissionais. Há esse significado de prestação de contas. Sobre um dos aspectos importantes da vida da universidade, mas obviamente que não é o único, a universidade faz muito mais coisas em benefício da sociedade do que formar as pessoas na graduação. Claro, a graduação é a razão de existir da universidade, só que além da graduação a universidade faz muito mais coisas que também são muito importantes, mas como primeiro de tudo vem a graduação, a formatura também tem esse simbolismo de prestação de contas, mas prefiro sempre enxergar isto através desta visão que a graduação é importante, mas a universidade vai muito além da graduação.

E: *As solenidades de colação de grau, elas têm o seu rito, sua tradição, mas não deixam de ter a celebração. O senhor vê estas duas coisas permeando a cerimônia: a tradição e a celebração?*

R: O aspecto da festa, da alegria da cerimônia, quando fala em celebração, isto é inerente ao momento da formatura. Hoje em dia, a plateia é muito mais ativa do que era a quarenta anos atrás. Hoje as pessoas batem mais palmas, as pessoas festejam, a plateia grita o nome dos formandos, às vezes gritam coisas engraçadas também. Isto está muito presente e é inerente, não tem como ir numa formatura sem esse tipo de manifestação. E como a universidade é uma instituição muito plural, muito aberta, bastante democrática nas coisas que

faz, vejo que isso também tem um pouco de evolução neste aspecto. Fora as manifestações da plateia, todos nas suas falas contemplam este aspecto da alegria e de emoção daquele momento, da alegria que está sendo vivenciada naquele momento, todos os que usam a palavra acabam expressando isto. Existe um bom equilíbrio, é um ritual que tem o seu protocolo e tem as suas fases, os alunos expressam a sua alegria através do seu comportamento quando vão receber o diploma e a emoção quando fazem gestos de agradecimento aos familiares e amigos, a plateia também reage muito a isso expressando esta alegria toda, existe um bom equilíbrio entre esses dois aspectos. Realmente é algo que precisa ser festejado, a formatura num curso de graduação numa universidade que é uma das melhores no Brasil merece todo aquele orgulho que as pessoas estão sentindo ali.

E: *Que foi o que o senhor falou no início da sua fala que é uma conquista, e que muitas famílias celebram, quebrando aquele ciclo...*

R: Exatamente, colocando a família toda num outro patamar de desenvolvimento humano. Sabe que a educação é o grande fator de transformação na vida das pessoas; a conquista é pessoal e todos merecem esse reconhecimento por sua conquista, mas no caso, que a universidade está atendendo cada vez mais uma parcela de pessoas que antes estava afastada da universidade, que não tinham condições de entrar, e agora estão entrando e atingindo seu sucesso acadêmico isto também tem o aspecto familiar e social tão importante quanto o aspecto individual.

E: *O senhor gostaria de fazer mais alguma colocação?*

R: Nós fizemos uma evolução bastante interessante no aspecto das formaturas, da organização do cerimonial do evento, a cada semestre isso também vai melhorando, fazendo uma sintonia fina, e este trabalho que vocês estão fazendo no cerimonial é muito importante. Como a gente falou, a formatura, para muitas pessoas, é o único momento que a pessoa vem a universidade, principalmente familiares do interior, é a única oportunidade de conhecer a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Então é importante que aquele momento, aquele ritual, aquela celebração diga um pouco do que é a UFRGS, do que é essa instituição, tão grande, tão importante e tão transformadora. Entendo que o ritual ajuda nisto, nós estamos sempre tentando melhorar, e vocês merecem todo o reconhecimento e parabéns por isto, de tornar este momento cada vez mais significativo e que possa atingir seus objetivos. Eu acho que o grande desafio hoje da formatura é que ela seja tão inclusiva como é hoje o ingresso na universidade.

E: Então está feito o desafio...

**Foto centralizada do
capelo encerrando
cada entrevista**

2 VALEU A PENA!

Ao reconstruir o percurso do ato acadêmico de colação de grau em a contribuição dos entrevistados, reconstruiu-se também parte da história da UFRGS, parte da memória das solenidades de colação de grau e a entrada da tecnologia neste cenário acadêmico no Estado e na Universidade. As solenidades foram lembradas de forma afetiva por todos os colaboradores. Apoiada em Halbwachs (1990), percebeu-se os meandros das lembranças e memórias e entendeu-se que a memória é sim presente que se renova com o que passou.

O percurso realizado corroborou a necessidade da manutenção do ritual da colação de grau no espaço acadêmico e ampliou a compreensão sobre o significado desta solenidade como um ritual, uma travessia, uma passagem. Este rito de passagem, analisado sob a ótica de Peraino (2003) e Van Gennep (2011), evidenciou a necessidade que o homem tem de manter rituais nas várias etapas da sua vida, bem como socializar estes momentos.

Enveredar pelos caminhos das solenidades de colação de grau, indicou que, com certeza, ainda há muito a descobrir e a aprender nos espaços de realização das colações de grau.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____, Verena. "Idéias" e "fatos" na entrevista de Afonso Arinos de Mello Franco. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.); Alzira Alves de Abreu et al. **ENTRE-VISTAS: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1994, p. 33-65. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/193.pdf> Acesso em: março 2015.

AVELAR, E. A. As Raízes da cultura bacharelesca e a construção do imaginário da formatura. In: SIMPÓSIO PEDAGÓGICO E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, 2006, Resende. **Anais...** Resende: Associação Educacional Dom Bosco, 2006. Cd-Rom.

_____, Ediana Abreu. A Prática da formatura na educação superior: apontamentos para uma reflexão. **Dialogia**. São Paulo, v.6, p.149-156, 2007. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/272756884_A_pratica_da_formatura_na_educacao_superior_apontamentos_para_uma_reflexao>

AZZOLIN, Maria Lisabete Terra Azzolin. **Cerimonial universitário: instrumento de comunicação**. 2. ed. Maringá: Eduem, 2010

BRÊTAS, J.R.S. *et al.* Os Rituais de passagem segundo adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 3, n. 21, p. 404-11. 2008

CANDAU, Joël. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Memória em Rede**, Pelotas, v. 1, jan./jul., 2009. p. 43-58. Disponível em: <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/memoria/article/view/5115/3819>>. Acesso em: set. 2014

GENNEP, Arnold van. **Os ritos de passagem**. Tradução de: Mariano Ferreira. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

MEIRELLES, Gilda Fleury. **Protocolo e cerimonial: normas, ritos e pompas**. São Paulo: Editora STS Publicações e Serviços, 2002.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

PINHEIRO, Marcelo. **Cerimonial público para a administração pública**. Belém: Samauama, 2014.

RAMOS, Cléia Normandina Silveira. **A colação de grau e o espaço público: o olhar do gestor**. Santa Catarina: Editora UFSC, 2015.

RIOS, Renata Lerina Ferreira. "A formatura na universidade: cerimônia ou espetáculo?". *Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação da PUCRS, 4., 2009*. Anais... Porto Alegre,

EDIPUC/RS, 2009.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Tradução: Maria de Lourdes Menezes, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

TURNER, Victor. **O processo ritual estrutura e anti-estrutura**. São Paulo: Vozes, 1974.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Estatuto e regimento geral**. Porto Alegre: UFRGS, 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/estatuto-e-regimento>> Acesso em: 02 abr. 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Regimento interno**. Porto Alegre: UFRGS, 1997. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cepe/regimento-interno>> Acesso em: 08 abril 2015

VELLOSO, Ana. **Cerimonial universitário**. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

VIANA, Flávio Benedicto. **Universidade: protocolo, rito e cerimonial**. São Paulo: Lúmen, 1998.

FONTES ORAIS:

NETTO, Carlos Alexandre. Pesquisa: Solenidades de colação de grau na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992 – 2012): memória, ritual e celebração. Canoas, Unilassale, nov. de 2015. Entrevista concedida a Marcia Barcelos.

Relação de todos os entrevistados com o mesmo tipo de indicação